

A GUERRA DAS LUZES

1

Sento-me no sítio,
Onde ocupo todo o meu dia
E à volta existe a gente,
Como se gente não existisse.

Linhas proibidas na prisão.
Teclar *cervante* da escrita,
Que desfere golpes num vigilante
Ouvido, olhando para um lado
E para o outro,

Escondo sucessivamente o papel nos outros,
Assim iludo o atrevimento.
Canso-me da sua falta
De não rasgar páginas repletas de regras, submissões,
E com meus próprios olhos,
Vejo que o único não sou.
Sou apenas quem
Mais alto ergue uma bandeira
Em verde– grito de vitória – campo aberto

Sempre se ordena alguém que cesse
Sua voz em si monástica
De pensamentos, filosofias,
Mesmo entre os quais ainda mais amo,
Quando em mil pedaços rasgam-me as teses,
E seus bocados lançam, de papel, ao vento,
Como se herege fosse, proscrito algo concebesse
Extinguindo pelos vales de cinza os meus ecos.

Peleja pelo sustento – ou mais que isso,
Não é em vão ou vil do que mais gosto,
Que se esconde debaixo da terra,
Onde o caminho é pedregoso.
Mas aceito de bom grado a minha fome,
A minha sede,
De deixar de ter coragem,
A vontade momentânea de não ser alguém,
Pois simplesmente estar,
Não é pedra atirada ao mar.

Oiço suspiros e ais de alívio,
De canseiras do papel, ansiedades de ir para casa,
De estar no último sítio onde desejava estar,
De fazer a última coisa que mais desejava fazer.
(E ainda falam de nobres sentidos da vida,
Em livros que desconheço tanto os seus autores.
Se sabem mais que outros da vida, calem-se;
Deixem ser elas por elas próprias descobrir,
Tesouros sem que tenham de ler idiotices.

Só posso esperar de ouvir,
Se meu nome ecoa na divina eternidade,
E mesmo que assim não seja,
Não deixará de ter sempre um sentido

Vim agora da rua, e passei por quem,
a mim, não cede o seu
ao meu sorriso.

Hoje em dia,

Já não se dá sorriso sem
que se peça algo em troca.

No entanto sei,

Que dei o meu porque sou assim.

Sorrisos muitos

Tenho eu para dar.

Porque não distribuí-los

a toda a gente, como

um ardina ou postilhão,

Que trazem as notícias

vindas de terras distantes?

Vim da rua e senti,

O vento forte frio, gelado

que mortifica a alma,

Que tanto se comenta

nessas salas cheias de fumo,

Cheias de palavras de lamentos

e descontentamento.

O tempo serve para enganar o tempo,

Diálogos ou solilóquios das pessoas,

Sós ou acompanhadas,

Alegres, tristes,

Ricas ou pobres,

O tempo é universal em todos os universos,

É o dialecto que todos sentem na pele,

Homens ou animais,

Plantas, flores, montanhas, rios e riachos.

E se o sorriso também é universal,

Para quê guardá-lo na alma?

Que queres?
Que tens a dizer
que mereça atenção?
Morres por ela,
Tens sede e vives dela,
Mas digo-te que tenho mais que fazer do que ouvir
Esses teus lamentos de abismo, pregações da Morte.

Há quem diga que ter pálido rosto,
É ter alma distinta.
E é verdade.
Mas não toda:

Para mim
És o arauto da desgraça,
Da miséria espiritual, misteriosa;
És o saltimbanco sem talento ou encanto,
Que cansas quem o tem porque te afogas no lodo.
És o calor do Verão que seca o que é primaveril,
O mosquito irritante que não para de zumbir,
És um comediante deslocado no seu ofício,
Primas pelo ócio, pelo vício...

E afectas toda a gente à volta...

4

**Faço o que tenho de fazer
E faço ainda o que mais ninguém quer fazer.
Depois de tudo feito,
Faço o que todos fazem,
E no final do dia,
Faço o que mais ninguém consegue fazer...**

Assim, seco, mirro; morro.
Aquém de mim mesmo fico,
Mas eis à frente um beco
Sem volta e meia, um sorriso,
Demasiado alegre sem ser desejo

Aí,
Sairei de noite assobiando a ária
Minha eleição, e a escada,
Íngreme, subo de dois em dois
A fantasia, degraus de pedra.

Amigos de olhar curvado
À mão, lenço de linho
Branco, mancha de sal
de ombro triste,
Sem rosto ou voz.

Onde estão meus bravos
Do verdugo, plácidos
gargalhadas de mil cores
Onde estão quem nada pede
À vida? Perante a Fortuna

Façamos uma fogueira,
Finjamos ser poetas sem
versos escritos ou movimentos
Nos feitos soam melodias,
Mais puras que rimas, métricas
Palavras em desuso.

Desejo estar com quem
Desejo estar. Complexo?
Rir da sincera graça sem sentir
Pânico de dali sair. Perverso?
Ouvir sem dissabor
Que sou espelho dos seus rostos.

**Agressiva mulher vi,
Na sala de café em baixo.
Sentei-me e nada disse,
E pensei para mim:**

**Para dar o homem nasce,
E a mulher recebe;
Porque a mulher se recusa
O que o homem guarda?
Sozinho não dou (não, isso não),
É esbanjar de nós
Mas desejava que hoje,
Fosse essa agressiva mulher
E bela que recebesse**

Será que por aqui há,
Algo que me levite,
Ou que me excite,
Que de mim jorre
o que está em mim?
Não creio. Por agora,
Apenas tenho
fome, mais nada,
E uma sede eterna e séria,
De me ir embora daqui para fora.

Tirito

Brrrrrrrr.....como tremo tanto!

Tirito com este frio de Dezembro,

Espasmo tiritante pela gelada manhã,

E vendo o Sol a espreguiçar-se lá no horizonte coberto de nuvens,

Compreendo porque o adoram,

Por ser adorável.

Olhava-o como se vigilante fosse,

E desviando para o lado o olhar contemplativo,

O Sol maroto espreitou um pouco mais do horizonte.

Saia do ventre da Terra; dava à luz, literalmente,

Jorrava os primeiros raios leves pr' o céu coberto de espessas nuvens,

Cremosa, cinza e rósea manhã do Sol madrugador.

Encheu-me a alma de luz, trago comigo o seu nascer,

E pelo meio das nuvens densas já o Sol cumpre seu dever...

Engasgos existem sempre,
Raízes, frutos pela vida
louca, onde o vício é rei.
Diz-me que é ser louco.
Quem feliz é, infeliz se sente
Escassez de louca encomenda,
E abraça-me a liberdade,
Que transpira dessa loucura.
Formosura?...

E ao telefone nossa voz
É porta-voz do nosso ser
Falta de transparência,
Preferindo pois olhar,
De frente o inimigo,
Que escutá-lo apenas
Atrás de portas fechadas.
Logo,
Quero a pura fonética
Mesmo nos diálogos fáceis
Porque verei assim
O rosto da mentira

Preferia um pombo,
O pombo correio,
Que levasse a mensagem a alguém,
Matá-lo-iam logo que início desse,
À descolagem certa, voando a céu incerto.
Que sofre ultimatos
O repúdio dos gastos corpos,
Nos beirais das casas antigas,
Das praças e repuxos,
Das esplanadas do ócio doce,
Tão doce como o mel é.
Amaldiçoado pombo
Que vive longe do seu pombal,
E seu Marquês,
Tão louco que, por sua vez,
Fez do engenho uma avenida
Invulgar
Barrocos formais de tempos,
Que a loucura reinou Portugal.

E ainda dizem que a evolução não existe.
Não existe para quem,
Não quer ver. Também,
Como se pode ver,

Se muito se passa o tempo todo,
A beber,

Ninguém quer fazer nada erguer,
Mas todos aplaudem ou apedrejam,
Que ergue ou quem,
Perante a multidão efémera,
Se ergue.

Também se ergue, mas outro,
Que se levanta,
Primeiro que eu e outros.
Esse é sempre o primeiro,
A erguer-se no poleiro,
Que de pomposos nomes se reveste.
Se fosse um ser humano seria,
Um bom esgrimista,
Pois desfere,
Ascendentes e descendentes estocadas,

O que melhor poderá na vida existir,
Além do esgrimir,
Além do esgrimir?

13/12/04

10 - NOCTÍVAGO

Vou sair daqui de noite,
Caminhando pelas ruas como um mensageiro,
Como arauto da mensagem
sem ter mensagem alguma,
Sem ser de Deus ou do Diabo que não conheço;
Sentido aqueles olhares que espreitam sempre,
Quem à noite passa, ouvindo os passos,
Que soam no asfalto húmido da chuva.

Imagino o mocho à minha espera,
Num galho de uma árvore desgrenhada,
Desejando-me um resto de boa noite,
Até que o dia raie; até que a chuva caia.
E saio sem que saia da consciência,
Carregado do que podia fazer,
Mas por vezes, apetece gritar que o façam,
Quem pela noite fica na penumbra da vontade.

Dane-se quem ou o que é igual.
Dane-se quem nega abrir os olhos,
Dane-se quem sabe o que é bom na vida e descarrila,
Nos carris enferrujados de sua locomotiva própria.
Dane-se às vezes o mundo inteiro,
Com os seus efémeros desejos de cobiça, poder e glória.

EFB – 14/12/04

11 - NAUFRÁGIOS

I

Nada.
Seco. Sequei-me,
Por completo. Não entendo,
Nada. Vazio,
Louco de esperar,
Tanto,
De ficar,
Parado.
No entanto,
Tenho o meu,
Corpo sonolento,
Que deito ao vento,
Sem saber,
Para onde vai e porquê.
Nem quero segui-lo,
Para ver,
Para que terra distante,
Triunfante foi.
A minha alma dói,
De nada, de tudo.
Talvez me encontre,
Com o espírito,
De um índio que siga,
Meu rasto na terra;
Que encoste o ouvido,
Ao seco chão;
Que oiça o troar,
Do coração;
Paralisado,
Amedrontado,
Com a pequenez das coisas,
Que sentido têm
Mas não encontro,
Nada que perdoe,
Nada que ame, odeie.

II

Se soltasse gritos,
Seria agrilhado,
Posto a ferros,
E chicoteado,
Pois é crime aqui,
Gritar,
E não só. Ali,
Também o é.
E se gritas és morto,
Numa masmorra infernal,
Onde se encolhe,
Como um caracol,
Rastejante, vagaroso,
Como agora
o tempo o é.
Receio tornar-me,
Num fantasma. Basta olhar,
Para o meu rosto marcado,
Transfigurado,
Cicatrizado, sem se ver onde,
Foi desferido os golpes,
De gladio mental,
Sepulcral. Nem o jornal
Das notícias vem,
O que quero saber;
Nem as lojas têm,
O que desejo oferecer.
O que ofereço não se vende só nas ruas cheias de amor;
Basta que abras teus olhos,
janelas da alma exemplar,
Que raches ao meio a tua lenha
de uma só vez;
Uma e outra vez,
Repetidamente,
Demonicamente,
Estrépitos do corpo,
E enchas ao tecto madeira doce,
Suficiente,
De criar uma fogueira que dure
Eternamente.
Nem sei que diga sobre as labaredas,
Que fazem o céu arder;
as nuvens feridas,
Manchadas de sangue do sol que jaz,
Por completo no leito;
o horizonte distante,
De histórias tristes ouvidas
dos cantos do mundo,

**Recurvo de ideias, quadrado de perdões,
Cedidos a criminosos
de primeira aparência,
Que vingam mais tarde;
que sabem esperar,
Que ferem com Ódio,
Do mundo, Seu coração
De feridas que não doem,
De feridas por mim próprio desferidas.
Que pare; sossegue,
Porque assim me entrego como o crime mais que imperfeito,
Cometido nas ruas da amargura.**

12 - TOURADA

Agrada-te a ideia,
De te consumires em ninharias,
Em artefactos, piratarias
Portentosos estatutos?
Ó seres astutos:
Quanto mais se tem,
Menos se vai além,
Do que é permitido,
E provido de,
Algum sentido.

Bate logo de uma vez,
Na parede com a tez.
Talvez assim essa massa vá,
Ao devido lugar.
Mas também te digo que a minha,
É pior que a de um gato que tem,
Tinha.
Não vês que aquilo que digo,
Tem mais para ti,
Do que para o meu umbigo?

Quinteiros e toureiros,
Meus hercúleos bandarilheiros,
Que justas calças usam,
Coletes vermelhos
de sangue. São estilos,
Que sem capotes são
esquivos esquilos.
Se não me querem alto ouvir,
Então se esquivem à conversa,
Da paleolítica tourada.
Porque insisto que na cornada,
Mais depressa eu assistia,
Ao vivo ou pela televisão,
De touros largados nas casas
Da actual Inquisição.
Recordam-se ou não?

EFB – 13/12/04

Hoje é o último dia deste ano,
O último dia
Deste que nunca voltará a ser
Deste ano,
Que nunca mais os momentos
Se repetirão
Na eternidade. Cruel verdade!

Quando era miúdo,
Assustei alguém por lhe ter pedido
para olhar
Um pássaro e fixar o instante durante
Um tempo,
Como se fosse o resto do tempo
Da vida dela.
Disse-lhe que cravou esse momento
Na memória,
Nunca, mas nunca mais se repetiria.
(Nunca mais!)
É como ser adulto e não poder
Repetir a infância;
Sentir que se nos enruga a pele sem
Que se dê conta,
E nunca, nunca mais ficará leitosa,
Jovem e fresca.
Porque gravei o momento, como
Abstractas tantas
Brincadeiras que distantes nos tornam
Vivem os poetas
Distantes...

EFB - 31/12/04 – 13:52

Foi-se embora, ela.
Que alegria de criança.
Imagem as objectivas
apontadas em vigilância,

Destino o meu é vaguear,
Espreitar pelo espelho retrovisor,
Vendo quem me segue os passos e ouve,
Este teclar proibido.

Não há sol lá fora.
Só o ar é espesso e quente no Inverno.
E isto todos os dias santos de uma vida de sonhos,

Saio com a mochila e levo,
Para a casa as lembranças de um dia,
Igual a tantos, mas mais ainda levo,
Os poemas que escrevo, brinquedos de adulto.

Regressam aos lares, já se notam nos olhos.
Dá-se início a mensagens de encontros,
De jantares sumptuosos,
De fornicções conjecturadas,

Soltem-se então essas amarras
De barcas que em portos atracam
Onde em noites de estridente bulício
Viola-se a virtude no meio de aplausos

Sinto-me desfalecer na verdade crua,
Que novos caminhos se afunilam ao fundo.
Gasto-os quando os percorro,
Quando visito os lugares onde me sento a escrever;
Onde alívio a dor dessa verdade que aceito,
Como devemos aceitar de bom grado a realidade,
Mas vejo gente que mente,
Que maldiz, que morde,
Que apunhala nas costas traíndo-se a si próprios,
Alimentando gradualmente a sua própria fraqueza.
E a todo o custo,
Contendo o meu pranto escondido nos recônditos cantos deste lugar,
Sou apanhado no meio,
Como o peixe infeliz apanhado na rede.

Que culpa tenho de não terem sido bem esculpidos,
De não saberem palavras simples mas honestas,
Que nos garante uma leveza,
Que ninguém a quer ter?
Essa leveza do espírito pesa-me na fronte,
E dia após dia, vai pesando cada vez mais.
Resta-me ter sempre essa que sempre amei, a esperança,
Mesmo que seja uma luz ténue quase extinta.
Cada vez mais pertença menos a este mundo,
Mesmo não tendo a moral – também, ninguém a tem,
E se baixar os braços agora, perco-me para sempre,
Deixo de saber quem sou; não quero procurar outra vez minha alma.
E agora que saio pela noite, entristeço,
Quando penso o que tenho de fazer é maquinal,
Autómato, estereotipado, abstracto, e pior de tudo, real.
Vou contrariar receando não poder contrariar sempre,
Vou procurar os sinais duma irrealidade qualquer,
Que me dê alento neste sítio lúgubre, que fede a falsidade,
A vício, a uma moralidade que ninguém a tem.
Assim não posso voar e terei de sacudir,
Dentro de mim o meu espírito;
Cansei-me de esperar por dias que não chegam,
Como se esses dias viessem, dias do meu anseio,
Libertar-me para sempre de uma matriz em que fui colocado,
Em que fui atirado para o covil dos lobos,
Que quando sorriem, rangem seus dentes por dentro,
E tudo o que parece ser deixa de ser aos meus olhos,
Pois vejo nitidamente o que realmente é.

Concede-me tu, ó Vida,
Empurrão que dá alento
quem deseja para além viver
da monotonia de montes,
De atingir
mais um pouco alto,
Arrefeço tépido valendo
O frio que gela sentidos todos,
A medula arrepia, o dorso
Por mover se esforça,
O corpo pingado
De Amor líquido
Inteiro me atira no Infinito,
Extraindo seiva fresca de Ti,
Ó Vida tanto escondes.
Onde é o X nas fumegantes
terras secas,
perdidos tesouros,
Jornada que te imploro? Desperta
Vontade inerte
Fogo de luto
Desse teu forte braço.
Conspire o mundo contra,
Mim ou meu favor dependendo
de mim ele conspirar,
Decifrando
Sinais pungentes.
Concede-me ó Vida, agora,
esperança alada perto
da concubina e negra hora,
Gente cai dos ramos; frutos
Depois pisados
Chutados. Somos
Na procissão a gente,
Que lenta e submissa passa,
Vendo do monte a cobra
Esbanjar o tempo parando.
Perto Dela,
Sorriso ebúrneo
Esvazia-me tu, Milagre
verdadeiro aos nossos olhos,
Sentindo Vácuo Invisível,
E acolher as obras
De amor luzidio
Concebidas quando
Ingénuo e sincero for;
Acolhê-los todos que roçar consigo,

Nos muros oblíquos e farpados
e a lucidez esvai-se. Louco! Louco!
 É ácido derramado,
 Sobre a pele de seda
De secar os rios que correm,
Que das barragens quebram
Sem erudição restrita,
Sem no intelecto artífice,
 sem amarem
 nada ou alguém.

Venham todos os corvos
de negra plumagem e poisem,
Nos meus versos soltos,
Folhas frescas em secos ramos,
 E façam parte
 Da minha orquestra,
Lúgubre de cânticos celestes
Iludindo assim o mundo;
Felinos, venham também,
De enigmas pouco falantes
 E escutem
 A voz adormecida
De La Fontaine actualizado,
De adornados versos
No esquálido canto urbano,
E por entre vales e cordilheiras
 Ecoe a música
 De pensamentos feitos

Ah se detivesse
Sobrenatural dom,
Como devoraria tudo que quisesse ler,
Escrever, pintar, compor,
Dançar, ouvir, amar,
Como desejaria ser imortal e coleccionar
todas as obras que
Ecoam grandiosas
Olhos paixão que minha alma, longe, flutua
Sim, tens uma estante
Milhares de livros. Milhares!
Meu amigo surpreendente, erudito amator,
Que também conheces
e falas sobre o vasto
Universo teu que, atento, tanto te oiço
Sim, plácido ouço
Se me interessa ouvir,
E sem queixume tenho todo o tempo do mundo.

Mas digo-te que devorava
Toda a estante inteira,
Para saber o tudo que o pouco imenso oferece;
Voaria sobre céus
Meus, que desconheço,
Talvez este seja o apreço que tenho por cá na vida,
Ser grande para mim
Num desafio constante,
Posso e quero porque curta é a vida quanto baste,
E põe-me freio nos meus
Estouvados, loucos impulsos,
Guardo-os para o eterno repouso sempre inquieto.

Proíbo-me da grandiosidade,
Das obras em expectativa
Mesmo que às vezes julgue
que assim sejam.
Penso serem só
gotículas num oceano,
Um raio de Sol, apenas
um dos muitos Dele.
Rir-se-ia poeta decadente
de mim, por certo,
Tão certo como sua estátua verde
ainda estar no mesmo sítio.
Existe sempre um propósito,
única razão, vontade hercúlea
Não fosse o Tudo ser
este cárcere vivo em que vivo,
E dentro dele ser,
às escondidas um proscrito,
Que conjectura a fuga
do seu próprio pensamento.

19 – NU NA ESCURIDÃO

Já me sinto trémulo,
Sinto na alma um frio imenso,
E apenas passou um dia,
Desde o último que te vi.
Desconhecia dor salgada,
Sobre a ferida de golpe grotesco;
Magoei-te, inconsciente
E magoei-me muito a mim mesmo.

Agora que tremo no mundo,
Tenho de... não sei bem o quê...
Ainda não pensei em nada,
Mas sei que a luz já a perdi,
Como se fosses Rainha,
Da luz, do mundo inteiro,
Assim luzidio ele era,
Sem estrela p'ra me guiar.

Continuar eu tenho,
Não sei como, sei que tenho,
De acordar de manhã nos dias,
E não ouvir chilreio sublime,
Dos pássaros pela manhã,
Que o chilreio continua,
Por entre o chorão frondoso,
Que escorre lágrimas para a calçada,
O sol vai nascer de igual,
Maneira como noutros dias,
E eu sei que já não olho,
Como olhava para ele contigo.
Tudo ficará sem brilho,
Cor mistério tudo se dissipe.

Como vaguear ao luar,
Por floresta de árvores desgrenhadas,
Secas, e a cinza revolve a minha alma,
Adoece o espírito e a força,
E minha inspiração só será,
Vinda sempre dessa ferida,
Contra própria, minha vontade,
Cansada do teu cansaço,
E também do meu.

Tenho um rio dentro de mim,
Que embate dentro dos meus olhos,
Sem que deixe lágrimas verter,
Até ficar seco por dentro,

Até que minhas águas,
Mares, rios, ribeiros, riachos,
Secassem em dias de frio,
Gelado como eu me sinto.
Meu glacial sentir
Eu tenho (Tenho muitos mais!)
A náusea de vez que me invade,
Em quando, e vem breve soluço,
De palavras que não saem,
De estrelas que não caem,
Do sentimento sobre natura,
Que morre mas sempre perdura.

Encravam-se-me as frases,
A língua já amortalhada,
Sem esforço para cantar,
Garganta seca, seco deserto.
Para onde devo ir eu hoje?
Onde ficarei amanhã,
Serei talvez selvagem,
Que nada diz e tudo escreve.
Como de bom grado,
Trocaria estes vis versos,
Por diálogos contigo sem,
Que se dê pelo passar,
Das horas que se tornam minutos,
Dos dias que se tornam horas,
E todo o mundo somos,
Apenas; o resto é ar e poeira.
Dói tanto, tanto, tanto,
Que apetecia-me que fosse já hoje,
Essa hora marcada sem,
Que se saiba quando então.
Não se pede; ela por si,
Vem com seu lúgubre sorriso.
E todas as velas se apagam,
Já sem fogo na lareira.

Oiço apenas o silêncio,
Por ser a única música audível,
Pois sei que nada ouviria,
Se estivesse algo a soar,
As notas amachucam-se,
Entram quando não se quer ouvir,
E eu que vejo quase,
As notas a voar,
Pelo ar, flutuando apenas,
A principal melodia.

Não, hoje eu nada quero,

**Ouvir o que quer que seja,
Mas sei apenas que trocava,
Todos estes versos para estar contigo.**

Mesmo que do monte tolice pense
 no mundo que me rodeia,
 Encho o peito e esvaio-me em ar,
 Em vénia, ajoelho-me e cedo,
 À tolerância da famélica gente
 Numa desarmonia,
 Num seio doente, efémero,
 Que a intolerância recai,
 Na inevitável longa convalescência,
 Trajecto ou de conceito,
 Perde-se o maior respeito,
 Pelo virtuoso intolerante,
 Que proscrito no mundo vive distante,
 Que assiste tudo lá do monte,
 Recusando ao que defronte,
 Se lhe depara e o estremece,
 E nada o faz descer.

Oíço com ouvidos de elefante,
 Quem qualquer coisa profere,
 Pode ser que precioso seja,
 Mesmo que alguém forte vitupere,
 Da alma que persiste,
 Numa ideia que em si resiste.
 E porque não outra ideia,
 Sem que alguém veja ali,
 Perniciosa e nefasta,
 Heresia. Uma ideia não basta,
 Basta que um eleja qual,
 De todas se apresentem,
 Pois todos sempre sentem,
 Que o melhor de si é mal.
 Tolerância! Tolerância,
 Em qualquer parte do globo,
 Azul terrestre vivo e imenso,
 De ódio sentido e intenso.
 Para lá de outra fronteira.
 Pensam outros mesmo o contrário,
 Um honesto outro falsário,
 Quem vence sua maneira?
 Sentido de predador,
 A fortaleza em si se sente,
 Que bem aproveite tente,
 Mais alto chegar que o outro.
 Cria no seio um inimigo,
 Sem que o faças pois então,
 Não recebe de ti tostão,

E pensas ser teu amigo.
Rebento de Primavera,
Explosão de flores imensas,
Cores ideias também tem,
A Natureza nossa mãe,
Mãe-Natura age de instinto,
Correm rios em vales e montes,
E montanhas altas, distantes,
Sem pensamento distinto,
Milagre pelos baldios,
Abaixo que desces a correr,
Sobre verde tapeçaria,
Que reluz ao azul do dia,
Céu imaculado gentil,
Sol pela manhã,
Que nem a noite é vã,
Sobre o calor ou seu frio.
E do escarpado penedo,
Uma gaivota grasne sobre,
As cabeças dos homens ocos,
Que a invejam. Somos loucos,
E grandes ao mesmo tempo.
Prima a humanidade ao extremo,
Pelo horrendo irmã, a beleza,
Ferimos e protegemos,
Toda a nossa mãe Natureza.
Ó invictas mentes brotem,
Belos quadros ou pinturas,
Quais bombas como travessuras,
De Carnaval no escuro,
Mundo cruel, frio e duro,
Sois capaz de tudo, de nada,
Ó criação anafada,
Beijo-te meus lábios na terra,
Ou escalo inteira serra,
Sem que a noite não dê por nada,
Trepo, alegre, frondosas árvores,
Firmes, altas, opulentas.
Salta o peixe ousado nas águas,
Límpidas quase encantadas,
Por mão abençoada,
Que julga não fazer nada.
Puro ar varre impureza,
Exalar fumo do que não é,
Criação divina, cidade,
Sem esperança, preciosa fé.
Dédalo mental em si,
Mesmo que não crie então,
A cidade concebe vão,
Espírito vazio de noctívago,

**Que espera sem ver, despedida,
Do Sol doce ao entardecer,
No vale se vá estender,
Noutra terra mais longínqua.**

**Ó mente, que mirra, míngua,
Ansiedade asperge o corpo,
Pelo vício forte sopro,
Do milagre vivo em nós.**

**Tolerância! Tolerância,
Com nós próprios. Ficar sóbrio,
Lúcido já é ventura,
Na cidade da travessura.**

**Rara preciosidade,
Como encontrar um diamante,
Ou olhar sóbrio dum estudante,
Escorre o veneno na veia,**

**Por entre uma alcateia,
Onde se uiva pelo vício,
Será tarde o seu suplício,
Esquecendo sentir em si VIDA**

01/02/05

Estar contigo,
É deitar-me sobre a aveludada relva,
Verde e fresca que exalas,
De ti, o teu perfume;
É olhar o céu e esvaziar,
Da minha mente o pensamento,
Como se fica quando,
Se acaba a alguém de amar.
Estar contigo,
É ver que um pássaro voa,
Sobrevoando a cidade,
Grasnando livre voando
Sobre o azul que é dele;
É colher um cravo, quando miúdo,
Oferecendo a minha mãe,
É sentir-me iluminado,
Mesmo que do
sol esteja tapado.
Estar contigo,
É voltar a ser criança,
Pular de alegria quando te vejo,
Sem que tenha de conter vontade;
Conter adoece,
Todas as vontade juntas,
Como se num novelo se enrolasse,
Meus apaixonados desejos.
Estar contigo,
É deixar que o novelo role,
E seja uma contínua linha quase infinita,
Pois quando fixo o olhar,
E cruzo com os teus meus olhos,
Meus lábios rasgam sorriso,
De menino ingénuo outra vez.

02/02/05

Ardo-me sem propósito,
Pelo fogo domado,
Queimo-me nos sentimentos,
E não acho água que me refresque;
Que extinga o incêndio em mim,
E o pior é,
Tudo que vejo e amo,
Torna o céu alaranjado.

Temo que perca alma parca,
Vagueie na bruma das florestas.
Esperar que o sol entre é fútil,
Pois tem o normal curso dos rios,
E mesmo estes vacilam à chuva,
Quando desaba a enxurrada de cólera,
E inunda as ruas de lágrimas,
Pranto dos deuses inexistentes,
Que desbotam as cores dos frescos,
Que embelezam catedrais pela loucura erguidas,
De reis loucos como eram,
Reluzindo o ouro nas imagens inertes.

Diz-me, sombra ao entardecer,
De sol que estende lençol dourado,
Se saberei deixar que arda,
Tanta chama que arde ao mesmo tempo em mim.
Escurece-me a alma,
Inquieta (inquieta sempre)
Penso na quietude em breve eterna,
A brevidade
Com que a eternidade presenteia,
A paz que ninguém existe
para nos contar o que se sente.

Ceguei ao campo!
Poiso a minha mochila,
Coloco os meus óculos no rosto,
Preparo-me para o embate do dia.

Ceguei agora mesmo vindo das gares repletas de gente,
Trago na mente metálicas melodias dos comboios,
Que levam aos destinos quem justifica um naco de pão ao final,
Trago comigo as imagens de rostos sofregamente distantes,
Da dor real da realidade,
A ânsia de não estar nela,
Porque nela sofre-se, cansa-se, mendiga-se,
Um sorriso colorido de algum desconhecido,
Que alimente o seu excêntrico sentido de ser, contido,
Dentro de si numa desesperada erupção,
E quando de si expele toda a lava gerada no ser,
Saem belas e horrendas coisas, do pior e do melhor,
Dos extremos que condenam a Humanidade inteira,
De frescos pintados nas catedrais universais espalhadas no mundo,
De perigosos engenhos que devastam terras inteiras,
De versos escritos nas horas vagas no meio do bulício da gente,
Nas garrafas esvaziadas no desespero, seguindo-se a desgraça alheia.

Ah, se pudesse exprimir tudo o que trago,
E o dever impede-me como freio posto num animal,
Que impede a sua livre corrida no verde prado da Liberdade,
Se eu pudesse, se eu pudesse....

Este sou eu, minha linda,
Louco como tu sabes,
Num cair de pedra no chão, oiço,
Um clangor de trovão.

Ah, que fortuna ser louco,
E que maldição ser louco,
Não ser alheio a nada,

E no entanto a tudo ser alheio
Pois todos os nada juntos,

São um Todo

Se ouvisses todas as sinfonias que tenho,
Todas as músicas barulhentas,
Toda a raiva, ódio, amor, tudo junto,
Como um cordão humano feito de mãos dadas,
Ah, como compreenderias.
Sou louco, pois sou,
E consigo mascarar-me de homem normal,
Porque ser normal é quem se afoga,
Nesse mar imenso vulgar e banal.

Sofro por ser eu, sim, e muito,
E aprendi a não esperar compaixão de ninguém,
Quem me entende é quem me interessa,
E leio-te,
Como li o Pinto e os restantes,
E como aqueles que agitam águas,
De lagos calmos que nos entediam.

Sou tão maluco. Tão maluco,
Que conhecer-me eu próprio é um Mistério,
descubro em mim imensas coisas,
Pois remexo-me, vasculho-me cá dentro,
E busco o belo e o horrendo,
A lucidez e o translúcido,
O calmo e o inquieto,
O silencioso e o barulhento,
O afável e o desprezível,
E quando descobrir tudo de mim,
Estarei eu já morto.

Sim, definitivamente falando,
sou estouvado da cabeça,
Completamente alienado,

Tresloucado e viajante mental,
Sou tudo, reles e fraco,
Facínora, um escroc,
Um lenço de seda lançado ao vento,
Que se prende em ramos de árvores frondosas;
Que bebe da fonte e a seca por completo,
Desejando secar os restantes mares e rios;
Tenho fome,
Uma fome insaciável de engolir toda a Terra,
Hummmmm, como a devorava de bom grado,
Se vivesse condenado à eternidade,
E sim, sou tudo isto e oh, muito mais, felizmente,
Pois recuso-me ser apenas,
Um fumador qualquer de cigarros,
Um bebedor de todos os copos e mais algum,
Julgando ele se cultivar pela mediocridade.

Viva quem é louco!

Queria sair de mim próprio,
Agora que me encontro cá dentro,
E ser magoado pelo sol,
Única magoa bondosa e gentil,
E sair, se custa imenso,
Como esforço de Calvário carregando a cruz,
Chicoteie-me a realidade em penitência,
Sarando minha eterna loucura.
Recuso ficar doente dos olhos,
Que a beleza captam quando fora de nós próprios estamos,

Sinto uma apertada angústia,
Um vácuo no peito que cinge uma dor,
Sinto que me explodirei amanhã,
Como sempre amanhã é mais confortável,
Poltrona que espalha a preguiça,
Mesmo desejando que hoje para amanhã não fique,
E se o vazio perfura a minha alma em dor,
Abre brechas por entre muralha que eu pensava ser,
Inexpugnável.
Mas olho pela a janela o sol que desperdiço,
Dourando os prédios arrogantes pelas ruas estreitas e sujas,
Nem oiço o barulho, oiço só a conversa,
Rotineira, pesada, arrastada das almas de rastos.
Quero os loucos que me alegram,
Oíço o sibilar das palavras ricocheteando pelos corredores quentes.
Lembro-me de tudo o que vivi,
E como o Zéfiro primaveril,
Tenho as mesmas sensações das que tive em tempos.
Sei que posso outros ter sem ter os mesmos,
A repetição também por si é rotineira,
Desejaria tombar hoje a escrever,
Desconhecendo o que se sente ou não quando se tomba,
Mas não posso porque nem me sinto capaz,
De finalizar num pequeno momento, não; tem de ser épico,

Arrasto-me nas horas que não passam,
Tento agarrar o meu próprio respirar,
Sinto o ar pesado que entra nas narinas,
Ao ritmo de inquietos gestos como sempre os tive.
Calma pronuncio mentalmente,
Pois nunca soube ser o calmo chato e fatídico,
Que põe termo a tudo quando existe uma zaragata,
Entre ignorantes que não têm calma nenhuma.

Tenho pela frente uma longa eternidade,
Desejo empurrar o ponteiro do relógio,
E enganar a gente, a estirpe dedicada,
Sacrificada como destino para o matadouro.
Sim, somos gado que pastamos por entre,
Este betão fechado em vidro e alcatifas,
Respiramos o ar insalubre que enriquece só as pilhas,
De papéis, comprovativos originados pelo medo.
Tenho de fingir – pois já tudo finalizei – que sou,
O profissional sem motivo de alguma repreensão,
Mas sou motivo de fatal reprimenda,
Bamboleando na corda que separa duas margens.
Ergue-se a Penélope irrepreensível vendo se,
Estou a dedilhar nas contas em vez das frases,
Sim, dane-se tudo, dane-se o mundo e o movimento,
De louca translação, dane-se tudo numa vez.
E tu, rapariga da frente? Tens hoje algum jantar,
Que é só do que te alimentas; podias despir-te só para mim,
Para ser memorável dia na minha memória, na tua,
Como ontem deixei a mão no seio da formosa espartana.
Sim, desculpa se foi meu propósito, a fome apertam,
As hormonas revoltadas contra o jejum que sou,
Testado ou condenado pela minha falta de luta.
Não quero ser obsessivo, já fui em tempos quanto baste,
Deitei tudo ao chão, soprei no castelo de cartas,
E ondulam as outras, e ondulam palavras,
Que ecoam por entre os vales da memória imensa – o mar,
Onde me afoga às vezes por ter saudade da juventude,
Do vigor como se fala na irreverência do ser –
E tudo faz sentido quando sentido dele se esquece,
Sou simples na matéria que foi trazida ao mundo.
Ah, Feira das Vaidades enquanto choram do outro lado,
Ninguém se preocupa com nada, com alguém ou só consigo.
Não sendo muito diferente pois anjo não sou também,
Fujo da discórdia das máquinas que ensurdecem o meu espírito.

Tenho ao meu lado,
Um livro negro e um diário,
E neste local,
Seria pecado ler um deles,
Ou mesmo escrever.
Seria alvo da Inquisição,
E que hoje em dia,
É uma mulher.
Sinto-me o Quasimodo,
Que disforme no corpo não o era,
No coração;
E minha Esmeralda,
Está distante mesmo ao meu lado,
Num rasgar de mensagens,
Num gesto simples e exacto.

Sei que me observam,
Mas que culpa tenho,
De ter já feito,
O que devia ter feito?
E se tudo feito está,
Podiam-me liberar,
E deixar que eu,
Voasse daqui para fora,
Ia-me embora.
Um acento grave em mim,
Uma seta por cima de mim,
Um círculo à minha volta,
Um limite de fita amarela,
Traço de giz no asfalto,
Barreira de sacos de areia,
Campo limitado com arame farpado,
Muro de cimento com vidros embutidos,
Barreira de oblíquas linhas no fim do carril,
Muralha de polícias ferozes, barrando-me,
Suspeito de homicídio, transgressor de leis,
Alternativa de alguém que não se acusa,
Ovelha tresmalhada, alienada do rebanho,
Ponteiro de relógio de sentido invertido,
Louco reservado à lavagem cerebral,
Perigo iminente, temporal imprevisível,
Tudo, eu sou tudo isso e muito, muito mais,
Pois recuso-me a ser nada, ser pó, poeira,
Ser uma nódoa de café numa camisa de seda nova,
Uma epidemia, uma tábua velha, um obsoleto

Está tudo errado,
Nada faz sentido,
Porém,
Tudo tem o seu sentido mesmo não fazendo.
Pesam-me as horas como fardos,
E vejo quantos posso suportar,
E chegar ao fim é sempre,
Vitória de suor e lágrimas ao certo destino.
Mas se meu destino é incerto onde devo eu chegar?
É me indistinto descortinar o que me reserva,
Nunca pensando se tive um do qual me espera.
Levanto-me de manhã, sabendo que o mesmo farei,
No próximo amanhã e nos seguintes,
E mesmo desejando a paz,
Luto para que venha a vivê-la um dia,
Sem que me desleixe com ela por deter a paz,
Pois virá sempre o dia,
Em que as trevas cobri-la-ão,
E logo deixa de fazer sentido pois só achamos,
Que faz sentido quando nos deparamos com o sol,
A entrar pela janela.

Tenho olhado imenso para o branco das paredes,
Como se estivesse a contemplar,
O azul piscoso do mar,
A embalar,
Todos os atracados barcos de pesca de madeira,
Piscando na soleira,
Das límpidas águas,
E enxugando as mágoas com meu papel branco,
Olho também para elas,
As ninfas mais belas,
De maneira diferente como antes as olhava,
Porque alguém amava,
E para sempre amarei,
E se me encostei,
Na fresca rocha escondido do mundo negligente,
É porque sou demente,
Ou simplesmente diferente,
Pois sempre fui,
O mais aflito dos homens quando tenho a corda ao pescoço,
Enquanto no calabouço,
Me apertam, esmurram, temperam o ser com conversas,
E perguntas diversas,
Virando-me das avessas,
A ver se me transformam noutra menos perigoso,
Pois não sou melindroso,
Com o destino desgostoso,
Sou somente eu sem querer levantar poeira,
Andando na beira,
Ou distante na esteira,
E mesmo que não seja minha intenção,
Para onde quer que vá,
Provoco agitação,
No seio, coração.
Talvez mais tarde – é sempre muito mais tarde – me perdoem,
Já que não me entendem,
Ou compreendam...

Ruína do ser conheço eu bem,
Insisto em ver-me prostrado no chão,
E quando a Morte me tocar de leve,
Passando veloz imagens como chitas,
Perceberei que deverei ressuscitar,
Depois de pesar-me o corpo
bem como o passar das horas,
Ver que tudo escureceu à volta e as coisas já não brilham,
(E ser o brilho imutável).
Concluo que mudei então,
Sem ter mudado de alma.
Debato-me, praguejo,
Esperneio e tudo em vão,
Como animal indomável sorrindo-lhe a Morte, enfim.
Que ninguém vá por mim,
Pois nunca fui exemplar
Um rasto que se segue por quem para foi deixando,
Pois tenho a insolência de escolher sempre o pedregoso,
Caminho. E agora
vou tentar enganar a dor.

Bate as asas, ó tristeza, Mãe de toda a dor,
Levanta voo para te tornares azul,
Estampando no meu rosto lancetado por ela,
Passado escuro – gume afiado , que esquarteja.
Ergue sempre teu rosto por vezes arrogante,
Pois assim se joga, repelindo de quem te desvias,
E saberás decifrar todos os Códigos de Da Vinci
Se atento estiveres aos sinais de quem sábio falou.
O que mereço tenho,
Mesmo desconhecendo o que isso seja,
Pelos dédalos me embrenho e me perco constantemente.
Mas haverá o que permanece,
Nosso, e sempre nosso
Nem que seja o que pelo dédalo se perdeu.
Talvez surja ideia do que irei fazer,
Com este milagre de respira, de sentir,
Ver com os vivos olhos e ouvir atento
Esse rugido horrendo da alma do mundo.
Jazem todas as filosofias por terra,
Para conceber na realidade outras,
Que teima-se em não ser bem aceite,
De quem faz birra dela infantilmente.
Deixem-me, deixem-me escrever.
Deixem-me ser quem sou,
Mesmo dizendo-me ser, duvido ser sempre de mim,
Pois faz falta o anonimato mesmo para Deus,
Pois quem o Descobrir,
Verá no Seu rosto fragilidade
Pois grandiosa é a sua fama que tem elevado preço,
Numa crise de fé e esperança
Nestes meus dias de hoje.

22/03/05

Dói-me a cabeça,
Da pressa, da impaciência, da falta de dinheiro,
Do desgosto amoroso há dias,
E de todos os outros antecedentes;
Dói-me a cabeça por pensar que a culpa é minha,
Em tudo,
De estar rodeado de pessoas que interrompem a sua conversa,
E invade aquele constrangimento do silêncio ao acaso,
E penso ser culpa minha por doer-me a cabeça. Que tolice!
Dói-me a cabeça por pesar-me aceitar a realidade das coisas,
Dos desgostos, das desventuras, da passagem de criança para adulto,
O adulto não pode tanta coisa pois ninguém tolera,
Não é livre e se o é rotulam-no de maluco, doido varrido,
De mendigo de abraços, beijos e carícias,
De sorrisos de putos tristes sem nada para comer.
Dói-me a cabeça por sentir que existem neste momento,
Outros que vivem para além da agonia,
Mas que não sucumbem, não se dobram perante ela.
Sim, dói-me a cabeça por saber que sairei para ir para casa,
Apanharei o comboio que me leva perto do lar,
Para sair ao lado daquela senhora atraente que nunca me dará atenção,
Subir a ladeira e respirar de alívio porque correu bem o dia,
Pois ainda estou vivo.
Dói-me a cabeça, a alma também,
Por desejar ter a paz que tantos se queixam de a terem,
E não saberem dar-lhe o devido valor.
A paz não é duradoura mesmo por mais que se tente conservá-la.
Nem se deve pois temos tempo para estar em eterna paz.
Que cesse os versos se a inspiração não poisa,
E se estou inspirado é porque estou magoado,
Receando ser mais ainda no futuro.
Que ninguém me leia, seria toda a minha ruína;
Um adulto não pode ser lamuriento ao ponto de versejar da agonia;
Tem de ter o fato ridículo que a todos engana,
Mesmo estando por dentro um pederasta ou perverso no meio de todos.
Passará, tudo passa,
Sem saber como quando e porquê.
O porquê já o sei. É assim a vida,
Aprende-se a lição dos erros – e foi um sábio amigo que me disse
Que assim é o mundo inteiro, não sou só eu –
E cometerei outros que me levem ao aperfeiçoamento deste milagre único,
Estar vivo, ver, sentir, andar, falar pois não sou incapacitado,
E curvo-me... não, ajoelho-me perante Alguém maior que o próprio mundo,
Pois a força por aí anda à minha espreita,
Sem saber onde está escondida.
Talvez um dia venha a escrever sobre flores, beleza ou amor,
Mesmo tendo desgosto dele, talvez um dia...
Sim, talvez um dia sem querer pensar nisso...

Ninguém me atende do outro lado.
É sempre do outro lado que nos atendem,
Nunca ao nosso lado,
E mesmo ao nosso lado não nos atendem todas as vezes.
Reside aqui uma luta,
Entre pastor e seu rebanho,
Entre homem e mulher,
Entre nações e continentes,
Entre o Céu e a Terra.

Basta o céu cinzento, bruma matinal,
De pensamentos dispersos de quem assiste passar o tempo.
Como se passa bem o tempo? Como se dá bom uso dele?
Nem penso nesse desejo que desbota todas as cores,
Duma tela em pintada, cavalete em farpas soltas que ferem.
Ah, se a poesia fosse perceptível,
Quase, quase explícita para quem a lê com fechados olhos.
Para mim é como a música,
É um mistério descobrir o sentimento latente,
Como descobrir duma obra a personalidade do compositor,
Conhecê-lo, bebê-lo e desnudá-lo,
Retirar-lhe todos os véus e mantos com que se reveste,
Sem atirá-lo para o meio duma furiosa multidão,
Sequiosa de apedrejá-lo e envergonhá-lo.

Que dia este, que dia este...
Se ao menos me deixassem escrever nestas quatro fatídicas horas,
Ou ler a Charlotte sem discernimento,
Ou cantar minhas estranhas músicas,
De quem se fecha no escuro do quarto sem sair de lá para a luz do dia.
Ninguém, mas ninguém me atende,
Nem deste nem do outro lado.
Ah, secou o amor. Quero amar, amar, AMAR só, mais nada,
Passar os meus dias em brasa do descuido e na irresponsabilidade,
De cometer todos os pecados num dia de permissão,
De cometer todos os pecados que nunca tive a coragem de o fazer.
Curvo-me só, andrajoso, sem sapatos limpos ou roupa nova.
E, porra, ninguém me atende do outro lado para me ouvir,
Para me ouvir...

28/03/05

Por entre uma blusa bege meus olhos vêm
(E dou graças por ter olhos que vêm),
Dois volumosos seios que espreitam na ousadia,
De criança livre, famélica da alegria infantil.
Ah se a minha arte fosse a sedução,
Por certo teria os dois numa só mão,
Tacteando o macio da pele de bronze de Afrodite,
Que seu perfume exala o leite materno que desejo beber.
No fundo ainda sou criança,
De pensar sorver destes que estão cheios de vida,
Que de si brotam graciosidade aos meus olhos brilhantes,
Pois se brilham é porque a beleza existe,
A um passo daqui mesmo sentado à sua frente.
E pedem-me os princípios obsceno não ser,
Mas se espreitam desta maneira são alvo de todas,
As obscenidades que o mundo esconde quase como aperto.
Mas se o mundo os visse, como sorridente ficaria,
Imaginando só ver o veio escuro que os dois fazem,
Em harmonia sempre sincronizados.
Ah, que belos são! Que belos são,
E ela sabe que os tem belos e neles mexe à minha frente,
Sem discernimento qualquer que bem componha minha postura,
Que mesmo à frente, para eles não olho.
Mas dessa maneira, olho, vejo-os e imagino-os,
Como serão seus olhos (disse ela um dia serem escuros e bravios).
Que tormento vê-los um dia inteiro,
Sem poder neles mexer...
Mas só ver já é um naco de pão,
Para quem fome tem de os ter na mão

Decididamente as pessoas não se dão,
Porque não há nobre razão para se darem,
Serem bondosas, civilizadas,
Levadas a darem-se simplesmente.
Sabem que é grotesco maldizer seja de quem for,
E cedem facilmente á tentação de maldizerem;
Sabem que é mais nobre deixar passar alguém à frente,
Mas facilmente cedem à tentação e à frente passam.
“Ajudem quem de ajuda necessita”,
Mas nós, seres insignificantes e humanos,
Cedemos facilmente a retermos a prestada ajuda.
Ninguém ouve ninguém,
Pois todos querem ser ouvidos,
E depois de algum caminho por esta rude estrada,
É insuportável ouvir outro alguém sem sermos nós.
Que arrogância, que isolamento da alma do mundo,
Que insolência esta de julgarmos seja quem for,
Pois não nos conhecemos nem queremos julgarmo-nos nós próprios.
Que pena que seja assim,
Pois sou crente no talento humano,
Prova-se todos os dias – se vasculharmos bem pelos escombros –
Uma preciosa boa alma que ajude quem necessite,
Que oiça quem preciso de ser realmente ouvido,
Que deixe passar à frente quem precisa chegar primeiro,
Que ame sem cautela incondicionalmente...

Quando fecho meus olhos, sonho,
Com coisas que desejava serem reais,
Sabendo que nunca o serão, coisas inatingíveis,
Por serem o fruto da fertilidade da capacidade de sonhar;
Conversas que teria com alguém que desejasse com ela conversar,
Músicas que conceberia se tivesse nas mãos uma guitarra,
Gente que loucamente as despertava com minha loucura,
Quem me dera não sonhar de olhos fechados,
E poder escrever em feitos todos estes versos imaginários,
Pois posso ser um poeta que não escreve de pena em riste,
Acredito na poesia real podendo ecoar eternamente.

Se te projectasse todas as imagens dos meus sonhos,
Toda a cor que neles se formam,
Rostos de quem nunca mais voltei a vê-los,
Rostos que todos os dias os vejo,
Desejos realizados só em sonhos (bondoso é o meu sono),
Capaz de levitar meu corpo, tão natural como água pura,
Incapaz de socar, esmurrar alguém mesmo sem rosto,
De quedas profundas em abismos sem fim,
De prados aveludados dum paraíso que a todos espera,
De estátuas inanimadas que só meus olhos os vêm,
De felinos saltando por entre beirais de prata,
De fugas intermináveis de agentes de autoridade,
De carros inexistentes nunca conduzidos por alguém,
Concertos ao lado de quem mais escuto e fixo em mim,
Dos grandes e imortais compositores que neles moram,
Nos meus sonhos onde emprego tudo o que dentro de mim tenho,
De belas mulheres eu amo, encharcando-me de ébrio prazer,
Que só em sonhos amam delicadas como são,
De desgoverno enquanto se sonha pois recusa-se a despertar,
De tudo e muito mais, muito mas muito mais,
De milhões de figuras, astros, Universos, Galáxias,
Por onde mais ninguém vagueia sem ser eu,
Eu que sonho imenso com a realização dos sonhos,
De pender minha ideia para a impossibilidade,
De se tornar possível como a Lua e o Sol,
Fragmentos de frases ditas desconhecendo sua fonte,
Vozes enigmáticas, máscaras que escondem olhares,
Vestidos de musselina, seda e ouro, prata e jóias,
De deserto de fina areia que nunca meus pés provaram,
Do meu Infinito inteiro que noutros olhos vejo neles;
Afugentaria o mundo por sonhar mais do que ele...

Ah, sinfonias imortais, soem para mim,
Soem mais forte em sonhos, harmonizem meu desespero,
Quando acordo e tenho a percepção que então tudo era um sonho,
Desejando não ter acordado e despertado para o que vejo,
Para o que mais desejaria ver e me impeço a mim próprio,
De ter à mercê um mundo que pode e deve estar aos pés,
De quem tem fortes crenças, tão fortes como o ribombo,
Do trovão que ensurdece e estremece a Humanidade...

Quando desfalece o sol num horizonte ocultado,
Pelas elevadas torres repletas de gente que trabalha,
Saio desta torre e regresso a casa,
E bem como eu, regressa também a tristeza que me invade;
Uma tristeza que ninguém vê,
Que ninguém acode pois seguem seus cursos e não outros,
Uma tristeza mendicante de um abraço de conforto,
Como esmola de mulher inquieta e perdida no seu querer.

Sei por que estrada devo percorrer,
Pois já outras não existem por onde tenha percorrido,
E vem a fome de ter alguém à minha espera,
E receber meu beijo como esse abraço de conforto.
E neste instante penso quantas foram as que confortei,
As pessoas mendicantes, quase como vampiros de afecto,
Que nada nem ninguém querem, apenas só esse momento,
Que esperam pela minha chegada com um saco de carícias.
E essa tristeza que todas elas deixaram explícitas em mim,
Expressas em palavras fúteis de quem chora todo o dia,
E noite por um abraço, beijo, afago no cabelo,
Não tenho eu quando chego porque sequei; de mim dei tudo.

Essa tristeza escondida porque louco rotulado seria,
Se na rua alguém me visse romper em contido pranto,
Por não mais aguentar – e todos o conhecem,
Que esvaziado em copos sujos, licores, veneno para o mundo...
Dou tudo, quase o mundo,
Mesmo a quem de mim não gosta,
E não fica à espera como criança espera de ser recolhida,
E um sórdido egoísmo faz-me sentir mais triste,
Por não ter à espera alguém que comigo converse, me beije.
Infortúnio de ser homem sem que possa chorar uma só vez,
Na rua, onde me apetecesse, onde pudesse soltar os gritos,
Todos que tenho dentro como gente que se rebela,
Duma mental tirania, invisível controlo de ovelhas.

E sento-me em locais onde todos já me conhecem,
E tecem comentários prováveis de escárnio, porque,
Sabem o que irei pedir quando para eles avanço,
Qual a mesa que escolho para estar perto de mim.

Se visse alguém na rua a soltar em agonia pranto,
Acolheria mais depressa do que a mim próprio,
Lembrando-me do seu nome, rosto eterno na minha memória,
Seria inalterável este meu maldito curso.

Poderás desviar o teu,
Olhar falso sem candura,
E pensar no ridículo homem,
Que comprou tua ternura,
De quem deseja só,
Possuir-te sem te amar,
Deixa-me, ser vazio, e pára,
Para o meu canto olhar.

Escolheste quem te deseja,
Ouvir tua estupidez,
Quase extinta pelos teus seios,
De tão cheios por altivez,
Ficas-te a olhar em fúria,
Só porque não te desejei,
Resolve teu problema,
Pois não esqueço quem amei.

Sorris de escárnio, malícia,
Dizendo-me: “Possuída eu fui,
Não por ti, fui pelo o outro,
Quem por mim o desejo flúí”.
E agora? Que queres tu,
De mim, mesmo do mundo,
Não te ama, não te reclama,
Diz ao outro para te ir ao fundo.

E quando mal amada fores,
No teu leito, fecha os olhos,
E inventa dissabores,
Desculpas tens tu aos molhos,
De patada dar a quem,
Cansa de não se amar,
Inventa outros e mais,
Por não me teres para te agradar.

Fútil, vazia e oca,
Do vazio a embaixatriz,
Que de louca tem tão pouca,
Presa em qualquer matriz;
Abre teu ninho ao mundo,
Pois por um dia já basta,
Amar teu corpo junto,
Numa noite e depois se afasta,
Depois de provar teu fundo
Numa noite e depois se afasta

Leio nos meus versos a derrota,
Sucumbo ao flagelo da miséria,
Que se apodera e toma como fogo abraça a madeira.
Vingo-me na arte que não tenho,
E alguns me enganam que detenho o génio.
Então compreendam aqueles,
Que, abrindo brechas numa paliçada erguida,
Por quem, desprovido dela, tem o desejo de a erguer mais ainda,
Tentem, atrevam-se,
E questionam toda a arte que contemplo e faço.
E sim, sinto-me derrotado.
Perdi a arte que nunca tive...

Se meu ofício fosse conhecer pessoas,
E extrair delas a seiva como as plantas num Verão,
Ver-lhes nos gestos a alma, tiques e manias,
Que em nós se entranham como sujeira, pó nos móveis em vida,
Sim, seria delicado e meticoloso,
E meus olhos seriam o espelho da atenção de bom pai,
Concluindo nada delas que é tudo nelas,
Pois todos os nadas juntos fazem por si só uma alma inteira.

Não faria perguntas quase nenhuma;
Talvez formulasse uma só pergunta de atento vigilante,
E depois que o improviso tomasse conta do meu objecto de pesquisa,
Dizendo tudo o que lhe viesse à tona,
Talvez tudo aquilo que nunca pode emergir de si mesmo,
Afogando-se num mar repleto de ideias extraordinárias contidas.
A contensão adoce a alma como picada de víbora,
Cravando na vontade sua mandíbula letal,
Drenando-o sem piedade ou misericórdia,
Qual santa que milagres faz por nós quando é assim.
E se fosse meu trabalho o diálogo,
Talvez meu solilóquio literário cessasse por completo,
Vendo que existe um mundo para além do nosso,
Outra História para estudar e aprender,
Que se deve olhar com olhos abertos,
Escutar com ouvidos de gente,
E não esperar que seja isso a vontade alheia,
Pois já ninguém se ouve outro alguém sem ser a ele próprio.
Triunfante frase que vence quase todas: “Eu isto e eu aquilo,
“E além de mim, existe outra pessoa: eu próprio”
E no fim se responde sem deixar de se completar a frase:
“Eu por acaso também...”
E é-se interrompido pois o improviso tem de ir até ao fim...

Oh, meu bom Cristo:
Se aqui estivesses com teus olhos puros de ver,
Também eles estariam na mesma direcção dos meus,
E não olho para o horizonte,
Não olho para nenhuma peça de museu
(Mas se houvesse um museu para isto, estes seriam preciosos),
Pois talvez reis tivessem mandado matar por eles,
Erguido templos, adorando-os e immortalizando-os,
E seriam por muitos adorados e contemplados,
Porque são belos e intensos,
Firmes e altivos,
Bronzeados e atrevidamente exibidos pela insegurança feminina,
Que são os seios desta à minha frente

Sou escarpada rocha que todos sentam,
Porque cansaço sentem, angústia e dor,
Saúdam-me no desespero depois que tentam,
Minha atenção feridos da guerra: Amor.

Vem à tona um dissabor primeiro,
E cansados, apoiam-se à depressa,
Como a um pilar de fresca pedra e cessa
Logo a conversa dum aparecer terceiro.

Sem que esteja ouvir o fatigado,
Viajo para os meus sonhos de criança,
E quando pára a boca, enfadado,
Sossego com palavra de boa esperança.

Que posso eu esperar dos dias que se seguem?
Nada, apenas minha existência.
Espero sempre em demasia por alguém,
Nunca soube não esperar por ninguém,
E se assim fosse,
Meu sofrimento era menor,
E mais livre seria sem me manterem em cativeiro,
E insolente sou quando vocifero sozinho na mansarda,
Contra quem alguém eu espero,
E de alguém não se pode esperar ou cobrar nada.
É assim a amizade;
É assim o amor.

Compreendo os desígnios do mundo quanto à solidão,
E sei que trabalho a minha humildade,
A minha independência que tanto invocava quando não a sentia,
E se proferir alguma vez: “pobre de mim”,
Estarei já pronto e vencido,
Interiorizando o sorriso da Morte que me vem buscar um dia,
Tão certo como a conquista da própria independência.
E agora vivo como um selvagem,
Alimentando-me como um numa selva de betão,
Rosno para os que me rodeiam,
Mesmo quando em silêncio permaneço em contenção.
Não posso praguejar com alguém que não me entende,
E para dizer a verdade,
Não preciso que aqui me entendam.

Só posso esperar de mim, não por alguém,
Depositar esperança – agora que a esbanjei noutras almas espectrais-
Cultivá-la, fertilizar meus campos,
Pois sinto-me no Inverno em dias de Primavera.
Desejava que assim não fosse,
Que minha tristeza fosse amparada,
Sossegada e branqueada por alguém de olhos abertos.
Talvez a agonia tenha propósito algum,
Não fosse admirarmos mais quem mais sofre,
Quem a mais pesada cruz carrega.
E só posso colocar minhas lamentações em papel,
Pedindo aos que mais amo não me lerem – enquanto vivo –
Todos os meus versos de aprisionamento,
De desconcerto da minha orquestra,
Do virar de costas do maestro que eu era.

E agora todos tocam em discordância dissonantes,
Como se todas as emoções, pensamentos e reflexões,
Tocassem dispersos no auditoria cada um para si,

Como se brotassem de si as notas preliminares duma qualquer exibição de virtude.
Leio a partitura e vejo falhas, rabiscos de memoráveis melodias,
Tão desordenadas postas sem erudição.
Maldita erudição restrita,
E tão longo o seu percurso para quem livremente não o percorre.

Talvez sozinho me torne erudito de mim próprio,
E me torne restrito ao universo em que me inseri...
Talvez me torne objecto de estudo de algum psicólogo,
Que nos cobra para nos ouvir nossos distúrbios,
Enquanto divaga nas contas por pagar,
Na educação dos seus filhos,
Ou nas palavras de sua esposa na noite anterior;
Talvez contribua para o avanço na ciência,
Onde o estudo humano é eterno e complexo
Talvez volte a ter a paz que procuro,
Talvez...

Li no teu livro de visitas,
As dedicadas palavras, elevando,
Quem da tua vida faz parte,
E não me vi nelas. Olhando,
Para os passados dias,
De invernosos vendaval,
Fico só com o que mereço,
Meu amor monumental.

No teu livro verde, sei,
Que não cabem palavras doces,
Pois que vale um ano inteiro,
Numa vida? Pensei que fosses,
Dedicar-me só uma frase,
E quase de mim me esqueci,
Quase nem olhei para ti,
Numa tão brumosa fase.

Banido assim pareço,
Que mal fiz, imprudência,
Meus erros eu reconheço,
Apartando a providência.
Tombo a frente humilde e calo,
A rebelião de sentimentos,
Que mordem meus pensamentos,
Mesmo teu ar jactante, inalo.

Vou escrever sem inspiração,
Sem cor nos dias em que o sistema cai na Europa,
Milhares de máquinas param como repouso de viajantes,
Quando a uma rocha fresca se encostam banhando-se de sol.
Qual o Sol das máquinas computadorizadas,
Que as aquece e as faz crescer?
Cabos eléctricos enrodilhados uns aos outros,
Berço maquinal e restrito a entrada de estranhos,
E nós, que vivemos do outro lado do Canal,
Esperamos que alguém concerte,
Que seja o Messias, o Salvador que compõe a desordem digital.
Mas, ops! Já voltou,
E eu a pensar que seria um poema épico insípido,
Sem a inspiração de outros tempos azuis.
Mas eis que o Messias resolveu compor,
Tudo no seu devido lugar.
Em vez de uma sinfonia, foi sonata,
Sem qualquer propósito para um fim

Rio-me em silêncio à gargalhada
quando ela passa por mim.
Sinto que se rebela
Sozinha e jactante;
Voz melosa encolhe e sai
um fino som imperceptível,
E eu não tenho culpa,
nem desculpa peço
Nem desculpa peço de ser quem sou.

Passa por mim como uma senhora
aristocrata, vestido de seda
trajando - senhora de verde
de Monet - roçando nos meus olhos
Insegura, virgem adulta,
Numa angústia de pensar e dor.

Solto dentro de mim
enjauladas gargalhadas.
Vive presa já na desistência de si mesma,
E pesa-lhe eu ser quem sou,
Mais lhe pesando quem não a amou.
Só esboçando forçado sorriso,
Sombreado pelo carvão.

É a sombra dos movimentos,
Brutos meus aos olhos dela
que causo - não porque o seja
mas porque “senhora não é.”
E eis que chega e olha
para a janela de meu ofício,
Onde lhe rebelo os nervos e causo
Nas faces o rubro lendo
estes versos que são para si.

Já não sei o que queres,
E fazes-me não saber também,
O que de ti quero,
O que fico sem
A maldita a hora que te conheci,
Abençoada noite que te beijei,
A pensar o que era sem ti.
Ó anjo, o quanto te amei!

Já não sei o que fazer,
Talvez nada fazer é o mistério para te ter;
E não me dizes nada,
Ontem disseste quase tudo,
E eu pouca coisa disse,
E falei mais do que tu.

Dá um sinal qualquer,
Porque se for eu a dar,
Não te terei
Para te amar.
Já não te quero,
Ou quero-te rapidamente,
Hoje, sempre ou nunca mais.
E se nunca mais assim o desejar,
Não me digas mais nada,
Porque se disseres vou ceder,
A dar um sinal,
A voltar a querer-te ver.

Nada, já não sei nada,
E tu muito menos.
Dizes-me uma coisa e fazes outra,
Eu acabo tudo como machadada dada,
Numa árvore de fortes raízes,
E depois por mim prendada,
Já não sinto nada no que me dizes.

Já não tenho sossego.
Enfim...
Forte desassossego,
Querendo de volta toda a paz que tive.
Não penso direito,
Penso cambaleando nesse passeio mental,
Que nunca será no Mal,
Ser imperfeito

48 – I AM WHAT I AM

**Nobody belongs to nobody,
And nobody accept this truth,
So deep in blinked sea,
I only belong to me.**

**Several love sometimes destroy,
Acid words spread in my soul,
And sometimes whom I love avoid,
And submit my entire world.**

**Forget the sins that I committed,
Those make evolution,
Who has courage enough to say,
I love life again, day by day**

**Learn to love freedom like air,
A savage runs, pure predator,
I am what I am, nothing else,
Forever. That's why I'm here for.**

**Live is short like days in winter,
And soon we fall like shining Sun,
One-day body and soul, they'll splinter,
And end all reasons, which made us run.**

Tremo porque não sei o que fazer,
Com tudo o que me rodeia,
De novo a casa do desespero visito,
Impedido pela tempestade de Verão.
Sei lá que irei fazer agora,
Talvez entre porque sou forçado a isso,
Ou forço-me a mim mesmo de entrar,
Lugar decorado, lúgubre jardim,
Sem flores, terra cor da cinza,
Fumegando como fornalha quente,
Onde se forja todo o mal do mundo.

Talvez seja essa fornalha,
Que forje cá dentro todo o meu mal,
E eu a pensar que o mal está fora da Casa,
Sem me aperceber que não me entendo.

Que virá agora nestes dias?
Entrarei em todos os quartos onde me espera,
A Loucura refastelada à minha espera,
Na sua poltrona fatídica – o vício da preguiça.
Terei de me perder sem me desejar me perder,
Terei de me converter ao vulgar e ao legal,
Ou pagar o preço da Loucura que me pune,
E agrilhado me mantém cativo

Profiro as palavras desconexas,
Desprovidas de algum sentido.
Quero tombar para o lado, morrer agora
Como se farto de ouvir meu coração
Não sei se é birra minha
Ou maldição, desconheço a razão,
Pois o interesse de a ter é ínfimo,
Pois não progride mais o mundo por isso.

Não, não é ter razão que procuro na minha vida,
Desejo amar quem amo sem que isso seja uma guerra,
Sem que tenha de por em prática todas as minhas táticas ou artimanhas,
Como se estivesse num jogo de futebol.
Para mim ama-se e pronto,
E quando não é a mesma coisa.
Mas nem isso sei,
Nem sei se quero saber,
Pois entro num louco quarto e estagno, fico estúpido,
De tentar compreender o porquê de ser assim,
A vida, o mundo, a mulher que se ama,
O Universo, o começo de Tudo,

Quando começou o Nada,
Todos os mistérios que se contemplam, só mais nada,
Porque se enlouquece quando tudo se tenta compreender.

Digo que é das loucuras que nasce belas coisas mundanas,
Já li demasiados louco que conceberam tantas obras belas,
É esse o preço da arte, o sofrimento que dela advém,
Aceitando fardo pesado por querer ser só artista.
Mas além da arte tenho que viver na estupidez,
Procurando incessantemente afinidades nas pessoas,
Até para mim é simples o facto de gostar de alguém,
Sem medo de gostar logo ao principio, mesmo que seja,
Minha ruína, templos, catedrais de pensamentos,
Tudo o que gera o tremor da nossa terra interior.

E as dualidades? Como isso me quebra,
E fragmenta a mente efémera de descobrir tantas e tantas,
Dualidades e contrariedades que muito se escondem,
Como crianças que passeiam despreocupadas no parque.
Ser poeta é ser-se sofredor,
Um arqueólogo das coisas belas,
Que são belas realmente, mas bem escondidas e à mercê,
De todos, basta ver com olhos bem abertos,
Mesmo não tendo de águia a visão de predador.

Sim, sou predador, da beleza etérea e emblemática,
De todas as figuras que para todo o sempre deixaram marca,
Como casal que crava num tronco de árvore sua dedicatória,
Que mais tarde virá um outro que ficará com a vontade;
Ah, se eu pudesse continuar meu frenético impulso,
Vejam como o desespero pode ser agradável,
Sintam meus voos incessantes mesmo sentado, enclausurado,
Engaiolado numa vida que eu próprio escolhi,
Vejam como é horrivelmente belo o voo,
Estendo as minhas asas e sou um condor,
Sobrevoando todas as leis, regras, parâmetros,
Matrizes, obrigações, sombras do dever,
Que me destronam diariamente sob pena de me render um dia,
Sem acordos, tréguas, contratos,
Sem rescisão de um contrato contendo secante leitura.

E se continuasse este improvisado?
Afinal o poeta de França diz que o génio voa vertiginosamente,
Sobre a vulgaridade arriscando-se a ser punido pela gente vulgar,
Mas se bem lamento minha penúria, não posso.
É quase como morrer hoje, e sempre essa a ideia.

Penso enquanto escrevo.
 Penso de atabalhoada maneira,
 Talvez por isso meus versos soem,
 Pouco musicais como o próprio local onde são escritos.
 Soam, de certa forma, verdadeiros,
 Pois é esta a melodia que soa por entres os corredores dum escritório:

Pressa, máquinas de encravados ritmos,
 Buzinas de carros de gente impaciente vindos lá de fora,
 A rapariga que deseja ser bonita por fora sem que por dentro o seja,
 A outra que ilude ser bonita por dentro mas que a todos engana,
 Com o seu piar brando de andorinha que voa e soa,
 Falso, tão falso que a um músico pouco se engana,
 Como se pelo meio dum orchestra,
 Descobrisse quem faz soar a dissonância;
 O olhar feroz para mulheres fúteis,
 Do rapaz sentado que segue com seus olhos azuis,
 A rapariga que quer possuir a todo o custo;
 A outra vem sempre à janela aflita,
 Com o seu carro sempre mal estacionado,
 E orgulha-se disso e do trabalho, mais nada,
 E às vezes finjo nada ouvir;
 Ainda existe a mulher grávida que está sempre doente,
 Como se, com ela, trouxesse um perfume seco a bafio,
 A doença, a fadiga dos seus afazeres,
 E no meio de tudo isto e muito mais,
 Fico no meio a pensar que , no fundo,
 Amo-os a todos à minha estranha maneira,
 Pensando que curso seguem sem ser o meu,
 De ver que esgravatam uns aos outros sem gravata,
 Pelejarem furiosamente por um trono,
 Que ao fim do mês dá para mais um maço de cigarros,
 E sinto-me estranho, eu, por não ser assim,
 Nem sei se é por uma questão de falta de coragem,
 Ou se desejo ser como o velhote que ‘inda é boa pessoa.

Nunca pensei que houvesse mais pessoas ruins que boas,
 Até a pessoa que se ama, sem que queiramos assumi-lo,
 Achamos não ser lá muito de coração bom.
 Também não sei já se fazer bem aos outros lhes faz bem,
 Lembrando-me a fábula de cobra que morde depois da salvarem-na.

Oiço o burburinho vindo das minhas costas,
 Como se congeminassem uma surpresa sem ser convidado,
 Talvez me ponha de lado e seja ovelha tresmalhada,
 Ou cordeiro que se rebela do seu pastor,
 Mas não sou nenhum destes,

E sinto não ter nascido para escutar conversas alheias,
Pois neste espaço pouca coisa oiço sem ser discórdia,
Uns dos outros, uns contra os outros,
De todos os seus familiares problemas que trazem de casa,
De todos os problemas que levam daqui para casa,
Do como fazem o seu trajecto de casa para o trabalho,
E que para serem um pouco diferentes,
Dizem que o inverso fazem doutra maneira.

Prefiro não pensar se sou ou não boa pessoa,
Prefiro pensar apenas que sou, e isso já basta,
Não ser seria pior,
Sem falhas ou erros, irresponsabilidade e atrasos aos compromissos,
Fortes impulsos que escalam os nervos a toda a gente,
Praguejar alto quando me exalto com alguém,
Não ter defeitos, não existia,
Não seria mármore para ser esculpido,
Pois a obra feita ainda vivo,
Fica colocado num museu sem se mover,
Pois a obra está acabada, pronta a ser admirada,
Sem linhas para serem aperfeiçoadas,
Sem necessitarem da polidez delicada do mestre.

Sou fotográfico com a mente e descreveria muito mais,
Pois neste singelo momento não posso (contra minha própria vontade),
De estar neste local e cessar o meu improvisado,
Pois não passa disso, é um sentimento expresso só,
No meio duma obra pensada, planeada e reconhecida,
Sem que olhe para trás ou seja revista,
Sem que altere alguma parte da partitura,
Sem ensaio ou preparação,
Prática ou sofrimento,
Eis o sentimento no estado mais puro num improvisado...

Sei que ferida é só por nós sentida,
Tão profunda como o meu sentir,
Esqueci paixões antigas; nenhuma ficou,
E agora a fonte Amor, para mim secou.

Que bálsamo a aplicar nas feridas,
Que alivie por um pouco tempo
O suficiente para me recompor,
A imensa dor.
Causa-me uma náusea no pensamento,
Agonia sóbria – pois escolho, de tudo, sofrer,
Mas sóbria é também a ferida,
Que hoje quase escolho morrer.
Agora para mim não olhem,
Por favor,
Para mim não olhem!
Deixem-me sentir todo este peso,
Um apertar dum coração aceso,
Não ficou ileso,
De angústia e dor.

Com quem vou aliviar meu azedume,
Espalhando-o como peste ao meu redor,
Irei tentar não soltar queixume,
Do Impossível Amor.
Quem me dera deter toda a arte,
Saber apenas o pouco,
Aceitando e amando
Até à Lua, Vénus e Marte.

Não sei se deva soltar todos os existentes impropérios,
Capazes de chocar Deuses, para aliviar esta dor.
Talvez tenha propósito pois não sou diferente,
Quem amou o Impossível.
Talvez esteja na natureza humana,
Amar quem não se pode amar,
Mas sei que um fim coloquei neste campo,
Como cerca de arame farpado coloquei ao meu redor.
Disse que apenas se ama uma vez verdadeiramente,
Num ponto minúsculo da Eternidade.
Quero acreditar que é possível só amar,
As coisas belas escondidas, enterradas na Terra do Homem.

Mas que dor que a cura desconheço.
Quero mover-me mas esbarro-me num vidro invisível,
Como preso estivesse para experiência laboratorial,
Debatendo-me sozinho e mais infeliz não ser.

Por amar o Impossível, esgotei todo o meu ser,
Por pensar que o vaivém do Amor é possível.
Mas estranho quando mais se ama alguém do que nós próprios,
Deixando-nos mesmo de ser nós próprios.
E alimentamos por alguém essa ardente chama,
Atiçando-a ao ponto de idolatrar deuses que não conheço ainda,
E chamamos por todos e todos não estão,
Para ser o ombro do qual se precisa.

Quero chorar ininterruptamente,
À frente seja de quem for,
Mas sei que teria de satisfazer uma pérfida curiosidade,
De quem apenas quer saber só, mais nada.
Desejava tanto que o sono tomasse-me por meses,
Acordar quando a ferida tivesse sarado,
Mas impedido sou porque tem continuidade,
A minha valiosa e insignificante vida.
Desejava sair do país, falar outra língua, ter outros costumes,
Enquanto meu universo se modificava sem que por mim desse conta,
Mas tenho de dar continuidade aos afazeres,
Ser responsável mesmo desejando alinhar pela irresponsabilidade.
Outro amanhecer virá, diriam os experientes,
Que sofrem já outros dissabores enquanto ainda este sofro,
Porque para eles nada lhes diz um dissabor que experimentaram.
Compreendo-os, os meus eternos amigos,
Que desejava mais que tudo estar diluído no nosso seio;
Sei bem que soltaria gargalhadas com a maior vontade de todas,
Envergonho-me porque desejo apenas lamentar o sucedido.

E aquele anjo que recusei a sua mão bondosa,
Sem saber ser diabólica – na altura um anjo parecia,
Será que a minha vida seria diferente se tivesse com quem não amava,
E nasceu daí a minha maldição no Amor?
Sofro por ter tido tomado a decisão certa,
Sofro por tudo o que não me arrependi ainda,
Pois se minha ferida não sarar apenas com o tempo,
Sem que cicatrize com o prazer da carne que vicia,
Perderei toda uma esperança tola,
Que me tem movido pelos meus dias e noites de apertada solidão.

Será teu maior pecado amares-me sem,
Medo, modéstia ou arrogância,
Ocultando tua pura essência,
Será? Não sei, mas vem,
Beber de mim, a fonte,
De todo um mundo defronte,
Dos teus olhos trémulos. Quem,

Terá te amado com a alma,
Verter dos olhos, lágrimas,
Tristezas, vãs quimeras,
Dum rio salgado de amargura?
Talvez alguém, mesmo ninguém,
Pois nesta linha limitada,
Pela eternidade apertada,
Colheste espinhos, não doçura.

Doçura do sorriso teu,
Cravada na louca memória,
Onde gravo qualquer história,
Dum pedinte como eu,
Escondido sempre o inefável,
De quem teme ser amável,
O Bem a Mal se inverteu.

Dói-me no peito a desistência,
De impedido poder amar,
Sem condição de só amigo,
Desejando contigo ficar,
Até que a luz se extinga,
O mundo a Alma sua, mingua,
E a escuridão permanece,
E toda a Vida desaparece.

Não sei se é ou não justo,
Desenvolver estes versos de amargura antiga,
Mas sei que amar-te incondicionalmente,
É encafiar-me sozinho no meu maravilhoso mundo;
E mais do que os meus nervos podem suportar,
É assumir a minha culpa impotente de te culpar,
Por ter a deambular no estômago a saudade aguda,
Tão aguda como o tom de cantor lírico,
Chegando aos píncaros do inatingível;
E quando perto de ti estou não me apetece ao teu lado estar,
E quando ao teu lado não estou é todo o meu desejo ao teu lado estar;
São meus brinquedos as contrariedades que me confundem,
Me embaralham e emaranhado fico nessa tecida teia,
De pensamentos que dentro de mim se rebelam,
Mais que rios em tempestuosos e revoltosos dias de furiosos ventos;
A solidão engole-me na sua imensidão,
Fico à espera dum sinal teu que seja,
Mesmo das indecorosas e injustas palavras que proferes,
Sem que perceba o teu querer (se é que o tens perante mim).

Deixa-me não amar-te de vez,
Ou deixa-me então amar-te no resto dos meus dias;
Preferia só aquele gostar que sustem uma amizade,
Que perdue e crave bons e maus momentos memoráveis,
E que ampare tuas e minhas tristezas;
E se a providência testa a minha paciência,
A minha resistência ao romper da calma que cultivo e tento,
Colher dela a mais doce tranquilidade,
Então derrotado estou a ser.
Sinto as linhas da frente cederem à insipidez,
Com que ocultas teu possível Amor (trauma do teu passado triste);
E nem que de joelhos me prostre diante de ti, não posso,
Ofertar-te com presentes líricos minhas palavras doces de amor.

Peço ajuda aos Deuses clemência desta ténue vontade,
Que por amar-te, deixe-me apenas gostar de ti,
Como dois amigos que as mãos se enclavinham inocentemente,
E que possa com tua presença ser presenteado.

Quero só gostar de ti e não te amar porque te amo,
Desconhecendo a ingenuidade destas palavras com o passar dos anos,
E se tal não for possível condeno-me à solidão,
Mesmo que a meu lado alguém esteja em teu lugar,
Pois ama-se de extremos – centro da Terra ou Céu,
Lua ou Sol, Fogo ou Água – e sempre bem não se vive,
Embora assim se viva realmente mais.

Desço mais um degrau na alma,
Acentuada escadaria de pedra fria,
Áridos são agora os meus sonhos,
Receio da ruína mental.
Que digo eu agora? Nada,
Permitam-me escrever palavras desconexas,
E urro assim pela seara de gente normal:
Cavalo Azul, onde estará meu Norte,
Diz a Hermes que desça do escarpado Olimpo.
Qual divina ordem do meu fazer,
Insignificância de átomo terrestre?
Embale-me a escória tresloucada das ruas,
Estreitas, imundas de veneno sôfrego,
Mais voa e traz-me em papiro antigo,
A resolução divina do que eu serei.

Mirra teu útero de desejo, prazer carnal,
Ou sou quem te mirra e alguém to rega?
Deixa-me na sepulcral demência de quem te amou,
E amar-te-á sempre nos verdes prados do Outro Lado.
Deixem-me hoje pagar a viagem,
Para a outra margem, queimem meu corpo,
Tocar o Sol, queimar-me a alma,
Como ousado alado caindo do Céu.

Brado aos Céus: “E agora,
Que farei então depois de estar perto da Negra,
Viuva, fria e alva Morte que beija,
Sem permissão, ousada, exacta.
Quero já ir, o fardo sulca,
Meus ombros vergados quem sobre o fardo não se verga,
E diria o Santo que torna-se leve,
Quando se aceita humilde o fardo sem escolher.

Louvo ao Nada que é tudo,
Olhando em redor remexendo a terra em busca,
Das reluzentes pratas de Salomão, seus templos,
Jóias de Afrodite, vinho de Dioniso,
Mármore de Miguel, o anjo que poetizava,
Seus pecados, paixões do corpo,
Onde está minha Gioconda,
Minhas Quatro Estações do “Ruivo”,
Segredo oculto que cessa minha desgraça.

Olho para os meus sapatos poeirentos,
Negro andar, garboso gesto de cisne,
Penas de pavão ardendo no meu Fogo interior,

Sorveram minha vontade, naufraguei no meu destino.
Erguem-se muralhas que às nuvens chegam furando,
As espessas nuvens errantes guiadas pelo Zéfiro,
Madrugo em pensamentos dispersos na neve cortante,
Extingue-se áurea do ser mergulhado no Chamamento.

Vem Tu, pouco me importa, mesmo que depois e arrependa,
De deixar sentir a carne que amo loucamente,
Nívea pele, rosto etéreo, bondoso,
De mulher sagaz, mistérios para além do horizonte.
Colho perfumes antigos que avivam memória abalada,
Folheio páginas gastas pelo tempo impiedoso,
De livros escritos com a mente, corpo, ser, vil existência,
Num surto escapulo-me para fora da minha alma;
Tento-me ver no espelho apanhando os cacos de mim,
Estilhacei-me no chão – cristais e estrépitos no mármore frio,
Deito-me sobre meus cacos, açoito minha vontade,
Rangendo os dentes com que cravo nos meus lábios petrificados,
Vagueio nas imagens projectadas pela mente,
Chicoteada incessantemente,
Tortuosas ruas, urros de criminosos perdidos,
Que esperam por quem mendiga naco de pão bichento.

Deixem-me bradar solenemente a quem ajuíza,
Quem estropiou gente que tem como mulher a Arte,
Torno-me rochedo congelando dentro de mim,
Sentimentos sem que os expresse através da língua dormente.
Canso-me de praguejar contra quem pragueja,
Contra quem, no escuro, se move como deslocados noctívagos,
Pesa-me no corpo minha cabeça saturada,
Apedrejada com frases chistosas da escarpada justiça.
Louvo a quem se recolhe no silêncio sem que peleje,
Na linha principal nos que mais cedo tombam,
E do alto vejo fazer quem em tempos já foi, e agora,
São servos duma vontade alheia à sua alma.
Cepo, sou um cepo,
De esbanjar uma esperança,
Sem que guarde para mim uma réstia, cedendo toda a quem não tem,
Sem que mártir deseje ser – quero simples viver neste,
Tempo concedido entre a eternidade infindável.
Quero estar apenas, só, mais nada, estar apenas,
Deixar de lado diários dispersos, musicais e solitários.
Onde está a boa casta longe da escória gasta,
Pelo vício embriagante, desleixo que é também o meu.
Longe de estar, longe de seguir,
Meu curso. Hermes, qual é Sua vontade?

DO OUTRO LADO

**Ouve-se do outro lado,
Uma voz tão doce e meiga,
Que fiquei muito encantado,
Que de mim ela, 'inda é leiga,
Sobre quem eu sou, também,
Não fixei seu belo rosto,
Talvez um dia além,
Conheça-a talvez eu bem,
Na margem onde o sol é posto.**

**Carinhosa voz que o gelo,
Derrete só de ouvir,
O sibilar das palavras,
Que tanto me fez rir,
Quem taciturno está,
Deixa, com ela estar,
Até pode ser má,
Não crendo eu pelo falar.**

Cai a fina areia ampulheta eterna,
Peso em mim; ao deslizar assisto,
Como se pudesse aguentar,
Vê-lo passar por mim,
Doendo-me febril a alma,
Como se um fim desejasse por nela.

Teclar vindo dos cardeais (os pontos),
Sem que ininterrupto nasça breve conto,
Que resplandeça tímido rosto,
De si esgar de sorriso,
Sai de mim palavras
Fora de meu juízo.

Nasci, mármore virgem, sem propósito algum,
E vendo um feixe de luz, não vejo hoje nenhum,
Sorvo músicas, milhares, livros, páginas que poetizam,
Meu ser, que mais me sulcam, me ajuízam.
Pois escolho o que amo, ardendo,
Chama, áurea ou qualquer luz,
Repilo mosquito arguto
que escuridão reproduz.

Feixe de luz azul pairando sobre meus olhos fechados,
Deixo poisar no escuro como mãos de namorados,
E vem sobre o vento leve florida fragrância e meia,
Pesado fétido cheiro industrial que me entristece,
Ó máquina que como o mar bafeja, e o fumo oferece.

Cânticos de pardal vindos dos lados todos,
Quais tristezas tomam seus simples modos?
Ruas desertas, mesmo não cessam a melodia,
Na pálida manhã cantando, etérea sinfonia.

Já não sei o que faço.
Limito-me a cumprir só o meu dever,
E fico insatisfeito como se tivesse faminto, mendigo de emoções,
Pois não serve cumprir deveres dos quais eu me obriguei.
E mesmo que o mundo inteiro pense ser isso impossível,
Vejo claramente que não é.
Mas só para os outros e isso entristece-me,
Não vislumbrar sinais de tecer o meu destino.

Passo pelas pessoas e vejo-as satisfeitas,
Sorriem copiosamente da sua felicidade fingida,
E eu não finjo porque receio de deixar ser eu próprio,
Deixo-me ir pela torrente de sorrisos de gente feliz.
Sonho com ser eu sem me esconder,
Escrever meus versos com o cheiro da relva cortado,
Porque no verde, deitado, foram escritos,
Sem marcar encontros com alguém, sem ter horário, ser um selvagem.
Sonho todos os dias ver o piscar do azul imenso,
Desse mar que há tantos dias não o contemplo, só em filmes,
Em que o filma durante o tempo suficiente para perceber,
Pequena parte da história – e é esse tempo que sorrio,
Num dia inteiro, mergulhado nas contas, nas contas,
E mais contas que me aparecem pelo desleixo de alguém que espera,
A sua hora de sair e estar no seu meio melhor,
Não sendo tão diferente do meu dever do dele...

(incompleto)

Não, recuso-me; recuso-me a ficar parado,
Enquanto a outra foi a algum lado,
Aproveito então para escrever,
Qualquer coisa, qualquer que seja,
Sonhar que alguém nos beija,
Em sonhos como outros tantos,
Capazes de voar e é fácil,
Basta um sopro dentro,
Elevar aos céus o pensamento.

Arrisco-me aqui em tudo,
Mesmo agrilhoando-me com o olhar,
Mas nasci para trespassar,
A invisível teia do momento,
Mas não transgrido, único não sou,
Apenas a forma mudou,
Porque enquanto teclo, oiço quem fala,
Com voz de cabeça dentro da mala.

Quero empilhar meus versos e ser ,
Poeta de obra inédito depois de morrer,
E se tiver olhar depois de Tudo,
Ficarei a ver quem me lê, mudo.
Quanto mais planto versos mais o meu jardim,
Floresce, salpicado pelo papel mesmo assim,
Sim, tu que passaste,
De mim 'inda não te bufaste,
A alguém? Aproveita agora,
Que escrevo num ápice terno enquanto ela chora,
Ou trabalha, vagueia não sei,
Qual o paradeiro da minha sombra,
De negros caracóis, mar revolta na vigilância,
Pensando deter-me com melosa jactância.

Solto gargalhada sonora,
Quando tudo acaba e já fui embora,
Do meu presídio, cativo,
E corro apressado para o castelo altaneiro
(...)
Tive agora de conter,
Este impulso nervoso de me esconder,
Sem que erga bandeira,
E à frente de toda gente desfralde,
Vou cuspir no ecrã versos num de balde,
Vigoroso como cavaleiro,
Impetuoso antes da batalha,
Que antes o medo domina,

E então avança p'ra muralha.
E é que penso então,
Que medíocre poeta sou na displicência,
E surge a ocorrência ao Rei, Srº Leão,
Sem juba; eu diria ser só um pavão,
Que aflito de vez em quando,
(E quando não também o faz),
Voa para bem longe e doces ao povo trás.
E mesmo que não voe, pia,
Às suas musas atentas,
Que se arrepiam quando olham,
Para quem muito desatentas,
Fixam seus olhos vagos,
Num vazio, alheio e imenso,
Polvilham sala de fumo, e risos são o incenso.

Sou um insensato, poeta imberbe, vil mortal,
Que apenas tenho mil desejos no meio das Flores do Mal

II

Oiço vindo do corredor a voz,
De Zeus cá do celeiro,
De azul nos olhos trás, rastejando aos pés,
De qualquer fêmea que passe,
De tigre, famélico instinto,
Devora com os olhos todos os seios de busto distinto.

Mas continua enquanto,
Não vem a outra. Esperem um pouco!
Talvez seja ela que reaparece e me deixa louco,
Borbulhando meu sangue,
Arrefecendo a chama,
Que teimo em açoitar o Fogo,
De quem se queima, do que reclama.
Tu, Ulisses foste no teu tempo o sofredor,
Contendo desejo ardente de voltares para o teu amor.
Sinto-me então como tu,
Munido de mil apertos,
Prestes a explodir em mil loucuras em desacertos,
Das contas que no labor ajusto,
E tudo o que acho injusto,
Mas por mim não derramas lágrimas de compaixão,
Apraz-me dizer então,
Que inveja tal resistência,
De acalentares desastres, pragas, mortes, quase a demência.

(...)

Maldiz de toda a gente, e segue-me quando me levanto,
E vem soltar perto seu colérico pranto.
Quando perto não está e nada me diz,
Quem sabe se, com os outros, ele de mim maldiz...

Sorriso amarelado, descuido da língua suja,
E sinto atrás de mim uns olhos de coruja,
Sempre a simular,
Os outros a encantar,
Espera que saia quem de alguém deseja nele cortar,
São todos alfaiates do diálogo, da eloquência,
Que sorte ser afortunado com distante demência,
Postos os olhos nos sonhos,
Nos mares, nos rios nas fontes,
Ponham no jardim sonhadores aí aos montes...

Estábulo mais que escritório,
Guardados os cavalos todos de puro sangue;
Basta olhar para a frente e ver a égua – boa montada,
Que daria se me deixasse montar nela por uma vez.
As pastas se empilham como repasto,
E todos os espalhados utensílios do ofício,
São guardados da mesma maneira para arar o campo.

Sim, um estábulo ou celeiro,
E quem me dera abria portão pesado e soltar os cavalos,
Correr desmesurados, atropelando cavalos de ferro,
Parando apenas no rio ao fundo, que de nós se esconde.

Desculpem-me, vivos ainda,
Mas de quando em vez me visita uma loucura;
Loucura de bêbado da estrada que se põe à frente dos carros,
Atropelando a gente de indecorosas palavras,
E tenho vontade de ser esse mesmo bêbado das ruas,
Que permissão não falta dizer o que na alma lhe vai.

Relincha, bela montada,
Relincha alto no meu pensamento,
E torna meu dia alegre contigo correndo pelos barrancos,
Da fantasia livre, e leva-me a um lago para me banhar,
Nas puras águas que purificam o ser por completo.

Saí e fui em busca de emoções;
Fui em busca de mim próprio no meio da barafunda,
Do barulho, do urro citadino,
Nos semáforos que permitem e proíbem gente passar,
Embrenhei-me pela multidão que fuma os seus cigarros,
Falando compulsivamente ao ritmo do mundo,
Das preocupações, das contas por pagar,
Das viagens que não vão fazer dizendo na mesma que as vão fazer,
Dos projectos que exibem a quem tem projectos sem falar deles,
E ter um lugar na selva, uma toca, acolhimento,
E o vento sopra levando com ele estes vagos ecos.

De semblante carregado,
Fui escutar os cânticos citadinos que se propagam no ar,
Fui-me procurar a ver se me encontrava,
Com a fome e sede idílicos emocionando-me com a rotina.
Se tudo não fosse rotineiro, perdia-me,
E como é perco-me na mesma,
Pois não a quebro como um proscrito das florestas,
Um assaltante de emoções, sorrisos abertos e próprios,
De quem ama sem receio ter de amar,
Desprovido de medo, munido de inocência,
De colhe flores e oferece sem interesse.

Raios partam Tudo,
Que me obriga a perder sem querer.
Quero-me achar outra e ter encontro comigo,
Para lhe dizer que de mim serei inseparável,
Não suportando o fardo de ser outro igual aos outros.

Por favor, deixem-me debitar todas as loucuras que em mim guardo,
Se não dou em louco. Não vêm vocês meus laivos de loucura?
Não se apercebem que me aborreço com a vossa falta de introspecção,
Do esbanjar de tempo nas mundanas banalidades,
Servindo para a sobrevivência existencial num dia mais?

Saiam deste cubículo e vão espreitar lá fora o mundo.
Esta árvore entristece porque ondula impaciente,
De sentir que alguém a olha, contemplando sua firmeza,
E caem-lhe as folhas de velhice e ainda é jovem;
Vão ver a luz do sol , vão à procura de vocês próprios,
Vão em busca do que cessa a voz do pensar;
Resulta para quem é banal como eu no mundo imenso e eterno,
Decalcando novas coisas sem que sejam coisas algumas.

Tento estar sem ti não conseguindo sem ti estar,
Perto de ti não estou de tanto, longe, te amar,
Tento-me encontrar porque perto de ti não estou,
De tanto estar perto de ti o meu Eu o vento levou.

Não pensar em ti tento, é bom intento, amor meu,
Pois quem errado estava não eras tu; era só eu.
Tento pôr cobro a toda esta imensa dor,
Dói-me a mente, a alma, de não estar contigo, meu amor.

Tento a leveza em mim porque contigo era eu leve,
Nem te afastando de mim, ao Eu o Tempo lhe serve.
Tento não te pedir uma esmola de amor alguma,
Tenho Sol, árvores, flores mas não tenho coisa nenhuma.

Pensei ser mais firme o chão que piso,
Pensei ser capaz de pular, chapinhando em todos os lagos,
Mas pisando falso nenúfar e afogando-me no mesmo lago,
Tactei com os pés, desconfiando de sua beleza.

Ainda conservo réstia de esperançosa criança,
Jovem vigor que acredita nas possibilidades do impossível,
Na irreverência surda e constante do comodismo social,
E acreditando,
Renovo estas células que vivem e mim,
E aspergem pelo corpo inteiro esperança de tolo.
Que diferença faz acreditar e pisar um nenúfar,
Acreditando na sua firmeza, sendo falso (o mundo está cheio deles);
Quando se cai, levanta-se até ao dia,
Que jazeremos, por fim, rendendo-nos ao destino cruel.

Sorriso brilhante, voz melosa,
Ébrio piar de rouxinol
Esbelto corpo, senhora formosa,
Tão bela é a rosa,
E reluzente o Sol.

Cabelos de ébano, ondulado em ondas,
Dum mar revolto como teu olhar
Sou o rochedo que ondas mandas,
E palavras nefandas que tens p'ra ofertar.

Tímido impulso, quase nervoso,
Olhar de felino assustado e esquivo,
Sossegas a turba com rosto formoso,
Com ar deleitoso subtil, coercivo.

(...)

**Perdoa-me,
Mas de súbito
lembrei-me que vem aí a Morte,
E não me apetece
(nem tão pouco me enriquece)
molhar-me à chuva de papéis,
O pouco que me arranca,
Esse restante de mim...**

Como serás num leito acetinado,
Desconjuntados gestos, trapalhona?
Bonitos seios e brônzea a pele
Rabo como árvore velha que no tempo tomba.

Perdoa-me imaginar-te em cima de mim,
Tua futilidade açoita a visão de nua ver-te,
Debaixo de lençóis brancos enquanto ao tecto tentas,
Chegar como se dar à bomba estivesses,
De espasmos, gemidos, langores profundos
e cheios de prazer.
Mas se tu fores
Se fores tu a pegar-me nele
como pegas num qualquer objecto,
Terei de te pedir que o trates
como se fosse teu pior inimigo.

Ó, mulher de complexos,
De peneiras ou manias, mulher de princípios,
Mas princípios aos milhares não detendo nenhum,
Que pensa encantar o mundo com formalidades.
Pensa que eu sou quem tem de mexer nesse cabelo artificial,
Sacudindo-te, abanando para te despertar do sono,
E parte do princípio que nego seres cordial,
E assim quebrar-te-ei como se te amasse verdadeiramente.

Acordo sempre a meio da noite,
E mal abro os meus olhos,
Quando só a escuridão se depara à minha frente,
Versejo mentalmente, os meus melhores versos.

Chegam fluidos sem que mereçam correcção,
Quando são vozes interiores que poetizam por mim,
Nem uma só linha aperfeiçoo,
E, o vício do fumo o corpo me sacode, vou à janela,
Não me atrevendo sequer de escrever tão belos versos no papel,
Pois receio que sejam mal expelidos,
Pensando como descrever uma cena de amor

Tenho queda...

Assobieei uma ária qualquer desmesurado e disseram-me,
Tenho queda....

Que é isso de ter queda?

Será que, se não me entregasse às contas que ajusto,
Cairia para a arte musical,
Se ocupasse meu tempo a aprender na íntegra,
Sobre o compasso quaternário?
Sei que a Patética do russo é um cinco por quatro.
Também ele caiu.

É claro que um peido estrondoso,

Assobiado no meio do corredor,
Diriam que tinha queda para borrifar para tudo.
Realmente no meio do vulgo,
Está ao alcance de todos sermos artistas,
Embaixadores da beleza expelida pelos apertos cruéis do mundo.

Eu quero é amar. Sim, tenho queda para amar,

Uma mulher, criança, família, país, continente,
Desejo amar o Universo sem princípio nem fim,
Ouvir o som das árvores que tento não me esquecer,
Do bater de asas das folhas em desalinho e embaladas por ventos.
Eu quero ainda mais que amar,
Quero ser livre. Sim, é isso que quero,
Pois serei impedido de amar se não for livre na minha nudez.

Tenho queda...

Tenho queda para provocar a gargalhada nas vagas horas,
Tenho queda para ser proscrito, escrevendo às escondidas de Zeus;
Tenho queda para agitar as calmas águas dum lago ou rio,
De contradizer as certezas dum comodismo instalado e inerte.
Tenho queda para não pensar só no aflitivo final do mês,
De amar as ocultas virtudes de um ser ignominioso,
Ter esperança por quem a atirou displicente para um rio,
Sem guardar pitada, uma partícula de esperança para mim.

Tenho queda para vaguear triste pelos passeios de gente feliz,

De olhar encovado no rosto, sem que alguém por mim dê,
Sem querer ser notado, não finjo e nem chamo a atenção,
Sento-me só no café à espera da hora derradeira.
Tenho queda para o abismo, lançar-me da escarpada alegria,
Esbarrando-me no sopé da tristeza, erguendo-me sem que fique no chão.
Tenho queda para ser louco nas horas vagas,
Causar estrépitos imensos de medo quando me lanço só na aventura.

Tenho queda...ai, ai, que vou cair,
Para um buraco que me interesse cair, que me esconde sem responder,
Às perguntas que contém a estupidez de querer agradar,
E não proferir palavras de conforto quando tenho queda para saber ouvir.
Tenham queda também...
Caiam sem que receiem o chegar da Morte,
Da matemática Morte,
Das poucas certezas absolutas que ainda conheço,
Da única prova científica que o destino nos espera, sim, a Morte,
Que venha sem tardar ou madrugar no seu encontro,
E assim assumirei que para ela terei toda a queda que tenho.

Há medida que os dias avançam,
Com todo o trajecto igual e submisso
(O café que sorvo de manhã sempre no mesmo sítio;
O comboio que à mesma hora me leva,
Os rostos iguais e que apenas mudam o traje,
A hora que me torno toupeira,
Que subo as escadas apressado a correr,
Os constantes olhares para as mulheres sem aliança,
O “bom-dia” cedido ao vigilante que percebe de bola,
O derramar de lágrimas, quando me escondo dos olhares estáveis,
A voz que anseio ouvir e não oiço,
O corpo que desejo ardente me queima e reprime o coração,
As flores para quem sorrio sem que dali saia romance,
Sem que deseje romantizar mais por guardá-lo para bem mais tarde,
Os gracejos de alguma atrevida menina que não sabe o que quer,
O voltar para casa, recepcionado pelos gatos,
O fechar derradeiro de luz e o fechar de olhos,
Sem que tenha sossego pois meu pensar desmorona,
Por completo meu sono que me invade sem que o saiba,
O acordar pelo meio da noite, alimentado o vício,
Versejando com a mente receando depositá-los no papel,
O refrescar da boca seca como se tivesse falado o dia inteiro,
Os sonhos, desejos, conversas ensaiadas,
Os milhares de livros que desejaria ler se fosse um elfo imortal,
As sinfonias, os nomes de artistas,
Mulheres que passaram de quem podia me apaixonar,
A amiga falta de dinheiro que me agrilhoa, que me drena,
Compromissos, palavras senha, sentimentos de culpa,
A necessidade, a extrema necessidade de amar uma mulher sem eu a ame,
Meus pais queridos, meus anjos de Boticelli,
Os amigos que vivem dispersos sem que me encontre com eles todos os dias,
As árvores, flores de vários jardins,
As viagens que faria se dinheiro tivesse,
Todo uma torrente de pensamentos dispersos, confusos, desordenados,
E uma vaga de tristeza abrupta não tendo ninguém ao meu lado no amparo);
Torno-me menos eu, resistindo de pé...

Se pudesse ser o que quisesse, seria músico
(Sem que dúvida que desejava ser músico),
E sem saber se foi conspiração do Universo,
Ou se foi que conspirarei contra o Universo,
Acabei no Universo por ser um simples homem das contas.
Não um matemático genial (porque, para mim temos de geniais,
Até a anunciar um bom dia pela manhã),
E sei que neste momento, neste preciso segundo,
Existe um músico no globo terrestre,
Que, saturado dar notas,
Tudo o que mais desejaria era estar sentado num escritório,
A fazer o que faço, ajuste de contas,
A brincar com os números em vez da propagação nobre de notas.

Neste momento,
Existem milhares de pessoas que dariam tudo para serem actores conhecidos de cinema,
E quase caminhava nas brasas,
Se não houvesse um actor de cinema,
Que dava tudo para ser anónimo como todos os outros,
E sorver a normalidade que a fama lhe castra.

Uma árvore não quer ser uma flor,
É simplesmente o que é,
Um tigre não sonha ser pássaro,
Nem o contrário porque são o que são.
Uma montanha não tropeça num extenso prado,
Porque tudo o que desejava ser (farta da neve, ventos e frio),
Para ser simplesmente um monte,
Um rio tem o seu curso,
E não tem o curso disperso na parte costeira da terra do mar;
Assim como riachos, ribeiros e lagos,
Como o Céu não deseja ser Terra,
A Lua nasceu para dar esperança à noite,
E o Sol existe para fazer crescer as coisas,
E não inveja irradiar menos luz como a Lua,
Porque seria mais fácil, pensando ser mais feliz assim.

Luto pela minha felicidade e sou infeliz,
E não desejo ser mais daquilo que sou.
Talvez me imaginasse ser um rio, um cipreste, um salgueiro,
Uma rocha escarpada, uma parte do mar, uma estrela,
E não ser mais ninguém sem ser,
Simplesmente eu.

Suspiro...

Olho por cima do ombro a ver se ela vem,
Raposa matreira que ao Leão conta tudo,
E este coiote de crescida barba,
A parecer um mamute das cavernas distantes,
Também olha – que cabrão!

Chamo-lhe cabrão por ser amigo das cabras
(Sim, e depois? Oiçam o teclado juntamente com o martelo),
Borregando nos diálogos nocturnos quando saem os puros.
Basta olhar p'ra seus olhos negros,
Pelo deixar de falar como se isso me importasse.
Pois sim, não me fales,
Prefiro falar com as flores, árvores que despender meu tempo,
E se conquistaste as flores com teu sorriso,
Parte desse princípio que não sou flor que se cheire.

Hoje a desajeitada está sensual,
Mais sensual ainda que anteriores dias;
Traja mais que singela uma blusa cor de alface,
Topando daqui seu sinal no seio formoso.
Tenho vontade de lambuzá-lo porque na blusa está escrito:
“Olhai e contemplai”, crescendo a sede do seio beber,
E abocanhar como pão que mata uma fome,
De dias ou meses como desamparado animal.

Estranho o facto de bem estar,
Talvez não me inspire o sossego,
Pois trás os perfumes esse viver em desassossego,
Que às frases deixa um acre ou doce perfume.
Sempre o extremo e não o meio termo,
Extrema frequência em que me sintonizo,
Sem estar com o mundo em perfeita sintonia,
Fingindo dançar com a alma do mundo.

Dói-me o peito dum tédio crescente,
Pelo bem estar que às palavras não dão,
Génio nenhum, sem ser génio algum,
Tornando-me um néscio das emoções proscritas.
Ah, nunca gostei do que gostam os outros,
E sempre admirei os que, como os outros, não o são,
Sou um coleccionador de histórias dos outros,
Que não são como os outros (pois não, pois não!).

Ergue-se estúpida voz nos meus versos,
De quem da fonte não bebe há tempos,
Suficientes numa ilha desesperar,
E lutar pela sobrevivência explorando suas forças.

Onde está o absinto dos momentos,
Onde se esconde a hilaridade dos diálogos?
Dentro de mim fervilha-me o sangue,
Desenfreado nas veias quase explodem de tédio.

Devia conter mais impulsos em mim,
Como o orgasmo se contém, e duradoura,
Se torna quando se espera pelas contracções da mulher,
E cantamos com os anjos que badalam os sinos.
Onde estão essas contracções de mulher,
Estão à espera do quê debruçadas no vazio?
Estimulem-se e venham-se para eu me poder vir,
Ou terei que me vir para a boca do mundo.
Que fazem os homens fotografias só vendo,
Enquanto à frente têm tão belas mulheres?
Ah porque não somos nós como os animais,
Serve o raciocínio para travar o apetite....

Que tédio monumental....

Tenho tropeçado e caído,
Levantando-me, dorido,
Magoado, aturdido,
Pelo mal sucedido.
Sozinho fiquei,
E, só, irei ficar,
Deixem-me, agora, estar,
Apenas estar no meu lugar.

Levem o tédio daqui,
Repudio esse perfume,
Se me apetecer, vou para ali,
Longe da turba queixume.
É padrão do meu passado,
Ser assim, é meu costume,
Na lembrança, se me falar,
Deixo o amargo fel ficar.

Prado verde longe de mim,
Onde agora me deitarei,
Abandonado, esquecido fiquei,
Ficarei até ao fim,
Longe da forte emoção,
Que açoite corpo e a alma,
Perdi calma. Estes são,
Dissabores de bronze, a palma.

Que será de mim? Para onde,
Me encaminharei sem uma lanterna,
Uma luz suave, terna,
Onde possa ser eu Conde,
De mim dono e senhor,
Majestoso porte do ser,
Estou pronto para me perder,
E aguentar a dor.

Que se passa comigo?
Sinto-me deveras estranho.
Sinto-me alegre, vigoroso,
Capaz de alegrar gente que acabou de velar um morto.
Ó, malta da minha estirpe:
Reunam-se!

Mas é curto, tão curto,
Com a chegada deste soturno e sinistro homem,
De olhar assustado, encovado,
Que asperge a sua negra áurea só com a presença.
Que horror! Que triste sina ser-se assim....

75 - ODE PRISIONAL

Por favor, deixem-me ir.
Eu tenho de me escapular daqui para fora,
Para a rua, para o meio da turba e soltar-lhes,
As mentes presas, castração espiritual da alma do mundo.

Se sou o eleito? Não há eleitos nem escolhidos,
Não acredito em destinos e profecias que se leiam nas escrituras,
Modernas e antigas, falsas ou verdadeiras,
Fidedignas e adulteradas,
De Deuses ou de Homens.

Ó Milagre Único, concede-me tua mão,
E puxa-me daqui para fora onde murcho, seco e morro.
Amo viver, amor a ferocidade de Ti,
Levam-me aos que de mim precisam, dar-lhes água numa vasilha.
Sou proibido de tudo (sempre foi esse meu padrão,
Ouvir música em volume que não se oiça,
Não escrever baboseiras ou devaneios em locais impróprios,
Não ser cordial para com quem me repudia,
E particularmente, não poder ser eu. EU!!!!

Que tenho eu para não o poder ser?
Sei que sou problemático antes de se aproximarem,
Dos meandros escondidos da mente que detenho; tentem entrar em mim,
Violem-me a mente contra minha vontade,
Olhem fixamente nos olhos e irão ter meu reflexo.
Mas por favor, por favor,
Deixem-me gritar louco pelas ruas,
Dizendo como é possível tudo o que se deseja,
E se não for, vale sempre a pena,
Sempre se deixa limpo os salões da alma de arrependimento,
De ter cruzado os braços quando os devia descruzar,
Ter fechado os meus olhos quando os devia mantê-los aberto,
E sem que possa prevalecer a dor de não ter feito nada,
Fica-se em pranto uma vida inteira.

Oiço a voz da própria natureza mesmo não sendo perfeita,
Galanteando quem aos meus olhos parecer objecto,
Digno e merecedor de formal instinto predador,
Amo pensar que sou da vida felino.
Caço, mato e sobra-me apenas a carcaça,
Dalguma emoção que, insaciável, devorei,
Bebo-lhe de um sorvo o sangue que é a vida, chuva do corpo,
E dreño não a gente que esmorece, mas quem a detém.

Ah, receber a dádiva divina, sublime e emblemática,
Portadora de histórias incontáveis, sem que me canse,

De ouvir e de vez em quando, ser explícito em como me exprimo.
Deixem-me ir ouvir que ser ouvido tanto precisa,
Falar a quem mendiga uma palavra – e assim existe,
Deixem-me não ficar aqui preso quando tenho Amor, um mundo,
Que posto de lado, desmorona, ruína do que se foi e é.
Sejam...

Só de te ouvir,
Saído dos teus lábios um piar meigo de andorinha,
Comovo-me em comiseração,
Como quando vejo deitado pobre mendigo.
Que desgraça, fome, abandono, pedra para chutar,
Sem destino, arrepiante medo,
Sem conjugação de verbos, sem família ou amparo,
A liberdade selvagem é tudo o que lhe resta,
De poder praguejar, maltratar quem passa,
Retorquir sobre os apupos de idiotas que o usam,
Como alvo de chacota,
Dormindo ao relento sob um céu de estrelas ou agreste cinza.
E pensando nisto tudo,
Neste desconhecido sofrimento de mendigo,
Ocorre-me o quanto não sofres, sem desejar que sofras.
Mas olha que fazia-te bem teres teus apertos,
Pois sei sobre o teu esmero de seres irrepreensível,
Para poderes repreender,
Deteres a moral que ninguém ousa ter,
Teres na algibeira trunfos, cartas poderosas
Alimentando mais meu desejo de proscrito ser.

Se entrasses em mim...
Se entrasses em mim, perder-te-ias,
Gritando na vastidão do maravilhoso e inultrapassável,
Render-te-ias e desejarias ficar em mim mais tempo,
E visitares meu Louvre e outros tantos museus de mim.

Gostava tanto de ti,
E agora que te conheço não nutro qualquer válido sentimento,
De guardar de ti uma peça única, e colocar exposto,
Nos infindáveis corredores e salas da minha alma.
Também tu tens uma alma,
E acredito ser repreensível como a minha,
Realidade absoluta de todas as almas do Mundo;
Se pensarmos bem – por um pequeno instante, não mais do que isso,
É uma luta de luzes excêntricas e ocultas,
Somos candeeiros ligados de noite e dia,
Pirilampos diurnos que esvoaçam sobre a cidade,
Velas acesas tremeluzindo só com os imprevistos ventos,
Lanternas duradouras até nos apagarmos todos,
Dando lugar a outras luzes, áureas inúteis e arrogantes.

Diz-me se comigo não concordas com a ideia,
Que esbanjamos todas as células nesta inútil mesquinhez,
Nesse duelo de palavras, competição de personalidades adversas,
Abstractas, sem princípios, fins, vidas de sentido algum desprovidas.

Sorris já por condescendência e não por seres infantil,
De menina espelhada no rosto com corpo esbelto de mulher.
E assim leva o vento toda a cumplicidade boa,
Preciosidade, adorno cintilante em cinzentos dias.

Neste caminhar contra o vento,
Neste bater no rosto da chuva miúda,
Neste remar contra a corrente dum rio no vale imenso
Nesta aflição de queda nas cataratas,
Neste ser de pedra chutada por quem nos vê no passeio,
Penso o quanto se é herói ou heroína sem romance,
Ou pitada de fantasia, medindo apenas forças,
Com o vento no nosso caminhar,
Com a chuva miúda que no rosto cai,
Com a corrente do rio que o vale deseja contemplar
E com os indiferentes que passam,
Sentindo não ceder a quem desdenha nossa resistência.

27/05/05

Nada. Não me ocorre,
Foi-se o Inquisidor,
E com ele os meus pensamentos.

Chispando fogo dos olhos,
De coruja atenta, circumspecta na noite escura,
A ver se em flagrante me apanhava,
Sentou-se ela ao meu lado.
Dei-lhe um dissabor então,
Escrevendo meus versos só na mente,
E tristemente,
Foram-se todos de mim com a sua ida.

Tenho sempre música dentro de mim,
Em lugares impróprios onde tocar não posso,
Tenho sempre versos para escrever,
Quando não tenho pena e papel.
E assim atiro tudo de mim ao fosso,
Não por desleixo, não por preguiça,
Mas pela Inquisição que enguiça,
Toda a minha maneira de ser.

Que pena não ser pago por tanto sentir,
Ser recompensado com os versos que saíssem de mim.
O trabalho seria todo o meu vício.

27/05/05

Não escrevo porque encravei,
Deixei de escrever de improviso,
Sem pensar, calcular,
O quanto meus versos não são de génio.

Génio? Nunca fui,
Nem serei tão pouco e nem sonho com isso.
Para quê esforçar-me ser célebre escrevendo,
Se ser-se célebre é agir sem pensar ser-se célebre,
E encarrega-se uma justa providência de ser-se célebre.

Por isso, escrevo, escrevo sem pensar,
Como cantar para ninguém enquanto alguém nos ouve,
Dançar sem esquematizar uma coreografia,
Improvisar na guitarra, como a espada fazer parte da alma de samurai,
E depois que farei com meus versos?
Que farei quando tiver pilhas de papéis brancos,
Que ninguém, por certo, irá ler?
Absolutamente nada, e a essa a intenção.
A arte existe como os vulcões existem,
E entram em erupção quando não se pode conter mais,
E explode sem cálculos, sem aviso prévio,
Sem se virar para a montanha e dizer-lhe:
“Vou-me vir para cima de ti!”.
Não, claro que não,
E sentindo-me um vulcão (por vezes, confesso, um cão),
Expludo para todas as direcções,
Milhares de versos em qualquer papel, virtual ou não,
Expludo porque tenho de explodir,
Sem que pense na consequência assim como um vulcão.
E pelas memórias, montanhas do meu corpo e alma,
Espalho a lava fervente, fornalha quente, meu coração,
Fogo, escrevo em fogo,
Esperando, pois, pelos estragos que provoquei.

Ser célebre?
O Vesúvio que devorou Pompeia é célebre e não foi seu desejo o ser.
Foi o Homem – é sempre o Homem – que o atirou para as celebridades,
Porque está na natureza do homem plantar deuses, celebridades,
Sem que saiba que ser isso é pesado fardo.

30/05/05

Lá estava ela outra vez,
De lábios rosa e branco, marcados pelos nervos,
Nervos de coisa nenhuma,
Quem razões não tem para se enervar,
Sem os seus lábios escarafunchar.

Mas lá estava ela, outra vez,
Entrando no mesmo sítio onde almocei sem ter dinheiro,
Olhei para dentro de si,
Fingindo ser da hipnose para meu interesse sem interesse algum.
Bela como sempre,
Perguntou-me como eu estava,
Para dar início aquela conversa sem que se converse.
E ao meu lado estava quem pedia sem obséquio,
Não pedia, ordenava,
Execráveis seres que pensam ser alguém importante.
Pobre gente que pensa ser alguém importante;
Ainda não sabem que não somos nada,
Mesmo usando fato e aquela gravata ridícula,
Que marca quem falta de liberdade tem.

Sou como os gatos que abominam guizo ao pescoço,
E, para mim, a gravata é esse guizo,
Ou marca de gado, superficial existência de ser-se importante,
Gente que calcula seus gestos, suas palavras,
Gente que se satisfaz apenas com palavras de Maquievel,
Que conspira no escuro na sua vil cobardia,
Que deixa de falar porque julga ser de nobreza,
Que incita quem da sua estirpe lhe pertence,
Casta minúscula nas suas minúsculas existências.

Sempre experimentei imaginar-me no fim, quando pergunto,
A mim mesmo se fosse realmente importante,
E não adquiri resposta, e não arranjei razão,
De contemplar o ouro em vez de uma bela mulher,
O ouro em vez de flores, árvores, montes e montanhas,
Rios, regatos, riachos, ribeiros mares oceanos inteiros,
Nuvens, Céu, Sol, Lua, estrelas, o Universo,
Pessoas, no fundo pessoas que se esquecem das pessoas.

Porque me haveria de esquecer delas quando todas têm interesse,
Mesmo quando não se tem interesse, a sua existência é preponderante,
Também têm um papel, propósito razão de existirmos,
Como poetas sofreadores que em vez da espada, empunham a pena.
Importantes? Ah, como me rio de vocês,
Morreremos todos um dia para quê ser importante.
Sem a minha importância alguma, sabendo que não a tenho,

Arranquei de mim o fato e a ridícula gravata,
Porque é vulgar, banal, não tem utilidade.

Vende-se uma imagem como se vende imagens santas,
Mesmo objectos sendo que se coloquem num altar,
Mundano, obscuro, incerto, incorrigível ou condenado,
A errar e aprendendo, aprendendo que errar,
É tão humano como a água escorre de uma fonte.
A importância de ser-se é não se ter importância alguma,
Está-se, vê-se, sente-se atmosfera quotidiana.
Sim, é tão injusto como as próprias mãos da Justiça,
Que erra seu julgamento pelas mãos erróneas de nós, Homens.

30/05/05

O melhor mesmo é não fazer perguntas,
Feitas a alguém que não ao nosso lado não está.
Que perguntas há a fazer quando sozinhos nos encontramos,
Envoltos num manto abafado que extingue a nossa voz?

Nenhumas, realmente nenhuma. E é esse o segredo.

O porquê de escrever tanto?
A resposta é a mesma se perguntares porque se vai para os copos,
Porque temos necessidade de estar ao lado dos amigos,
E diluir toda a tristeza germinada durante os dias,
Sem que espalhada seja como um vírus que infecta todos.
Joga-se dominó porque é uma escolha,
Assim com quem ocupa a mente nas palavras cruzadas,
Saber o horóscopo do dia,
Escolher uma fatiota nova que nos faça diferentes por um dia,
Que dissipe de nós essa tão estúpida filosofia,
De se estar melancólico por ser segunda-feira,
Ou porque a sexta-feira está ainda longe,
Tão longe como uma procissão ter do adro saído,
Ou nunca mais chegar o final do (...)

I

Bebi meu amargo café na pálida manhã,
Que dá ao corpo pasmo um breve açoite,
Pois outro estímulo não tenho,
Nem os literários diálogos rotineiros
Me animam quando lá chego.

Nenhumas palavras poéticas pintadas no branco da tela!
Não me escondam a verdade e confessem
Apreciarem minhas frases oferecidas,
Quando para aí estou virado,
Ou quando chego atrasado,
Depois da correria louca de apanhar aquele comboio,
Como se estivesse a Morte resumida naquele mostro,
Ou residisse nele a minha Salvação.

Ouve-se o tilintar de chaves que abrem armários,
Toques polifônicos estridentes, absurdos, tocando em desarmonia,
Patética sinfonia só para dizer que amigos têm,
(E não toca o meu; nem mensagem recebo. Só da operadora).
Aquele tom de voz dizendo que têm uma vida,
Fora das muralhas, lá fora,
Uma vida repleta de ódios gerados dum vício mesquinho da Discórdia,
Orgulhando-se serem arrogantes, autoritários,
Mesmo para aqueles que no mundo os colocaram.

Outra vez a estúpida de Tróia a praguejar – ou melhor, a berrar,
Para a sua mãe deprimida, talvez pelo desgosto da filha que tem
E a donzela à minha frente, a Museu dos Seios,
Que os expõe ao público como pendurados presuntos numa barraca de feira,
Que a gente passa, pára e olha sem pingo de discernimento,
Pois são seios e não presuntos,
Causa alegre da minha distração.

Ouvem-se conversas pelos corredores,
Ruídos metálicos que rasgam o silêncio de escritório,
Que pelos ouvidos entram encontrando-se com meus nervos,
Pois tudo é disperso, veloz, sempre num alucinante ritmo.
Trabalha-se acicatados pelo chicote do amo,
Que não vemos, conhecemos (sempre é quem palmadas nas costas não dá).
Olhos gulosos, chispando desejo pela vista,
Quando as centenas de esbeltas mulheres de níveos corpos passam,
E sendo mais atrevido do que se deve ser,
Ainda se pode delas receber uma falsa promessa,
De uma noite de amor emprestada à vida rotineira;
Os ingénuos canalizam desgostosa esperança,
Deixando-os submissos, servos de femininos caprichos.

Como se fossem vampiros sugando-lhes as almas,
A auto estima que vem sendo reconstruída,
Depois de romper amoroso, triste fim de quem muito amava,
Assumindo a triste verdade que tem de continuar a vida,
Pois a idade que se nos damos ao luxo de estagnarmos passou,
Sabendo que agora somos realmente o que somos,
Vivemos realmente;
Mas que importa para esses vampiros sedutores,
Se vivem da lisonja, de permissivos olhares,
De corares de rosto sem que alguma coisa se deseje,
De serem pedras de sapato para quem esses sapatos os usam.
Também os usei em tempos de outrora,
Quando inocente vidrei-me em alguém,
Onde a sinceridade de alma foi causa da minha ruína.

E o dia vai decorrendo no seu curso tão certo como um rio (...)

*Fico absorto nos meus pensamentos,
Distante em transe, elevação da alma,
Levo-me para longe aos desertos sem fim,
Sabendo que advém de inúteis paixões.*

E a Penélope irrepreensível hoje não espia, mas talvez deixando,
Por esses corredores estreitos digitais um pedido de espionagem,
E se alguém neste preciso momento me espia continuarei,
Pouco me importam se depois informarem essa que não tem seu Ulisses.

Ergue-te do monte, Vontade, invoco-te agora,
E abraça-me pois tenho a razão do sustento,
Dá-me a força para cessar meu ensejo,
De escrever sobre coisa nenhuma que não me alimenta o corpo.
Sim, alimento da alma, da minha fome, ávida sede,
De querer de todos beber sua água, líquido vigoroso,
Derramando em mim peripécias de vidas obtusas,
Mesmo pensado nas falhas do passado que tive.
Quantos dias faltam ainda, que destino vou ter,
Não devendo perguntar pelo destino pois somos quem o traça,
Desenha, planeia em rabiscos, agendas de memória,
E comprometemo-nos a falhar sabendo que a derrota nos espera;
Salvo a Esperança, essa que aos poucos me deixa,
Pois tantas são as falhas, cavidades imensas no meu coração,
Vazio, abjecto, absurdo mas resistente,
Contra esse veneno da Alma chamado Tédio,
Que fujo, receio, que da minha vontade toma ele conta,
E tendo em conta que se prolongará o dia,
Deixo-me flutuar nesse dever necessário, cansativo, pesado,
Mesmo sabendo que somos nós que pesado o tornamos.

II

Pálido céu que por cima de mim,
Testemunha a introspecção desnecessária,
Pois foco meu olhar no vazio para o chão,
Apoiando a frente com minha mão.
Enquanto tenho um azul celeste,
Voo de atrevidos pombos prédios rasando,
Mesmo não sendo contemplação inédita,
Pauso o veloz raciocinar de saturada mente,
Desenfreadamente...
Pungentemente...
Preciso parar para não pensar,
Mas quando paro de pensar, a pensar recomeço,
E assumo não ter sossego, paz no espírito inquieto,
Sabendo que por essa paz não se espera,
Nem chuva que caia sem prévio aviso,
Construi-se, lutando,
E afasta-se a previsão inútil do pensamento

83 SIMPLES

Gostava de ser mais simples,
E ser simples não é vulgar.
É ser-se distinto por simples,
Ser-se em qualquer lugar.

Dizer simples palavras,
Ditas de forma simplória;
Ouvir os outros, ser-se atento,
Enquanto nos conta a sua história.

Andar de simples maneira,
Solto de transeuntes olhares;
Quem escreve de simples maneira,
É lido em muitos outros lugares.

Gostava de mais simples ser,
Subtrair a complexidade,
Das coisas, feitos, querereres
Pondo em tudo simplicidade.

Esquecer a filosofia,
Já basta no labor pensar,
Já basta durante o dia,
Sentir na Alma tanto pesar.

“Por favor, simples o meu café
Doutro país? Não, agradeço
Quero beber aquele que
Tem sabor sem elevado preço.

Gosto de simples pessoas,
Que falam de livre maneira,
Sem cálculos ou gestos, as boas
E mesmo as más à minha beira.

“Do que pensa o receptor
Das palavras que lhe dediquei?”
«Gosto particularmente,
Daqueles versos simples. Adorei!»

E o que quero da vida é simples,
Que não é muito (digo eu).
É ter no espírito paz,
E guardar tudo que me aconteceu.

Simples verdugos do ser e não ser,
Têm-me na mão, mais forte solidão,
Colocando no mar, na onda a questão,
Que querem então? Porque não oferecer,

Gratuita entrada no que tudo é restrito,
Nos verdes mares de areia fina,
Entrando de mãos dadas com esbelta menina,
Na clareira em que tudo foi dito.

Lanço-me na mais grotesca quimera,
Foge-me pardal atrevido, assustado,
Diz-me agora da Vida, resultado,
Se escurece meu Sol de Primavera.

Leio quem frases soltas debita,
Como se flauta tocasse tão bem, e de si
Saísse melodia do Oriente; a ti,
Te ofereço alma corpo; medita:

Se és quem forte lembrança terei,
Dos teus lábios guardo meloso sabor,
Serei ouvinte nalgum dissabor,
Sabes? Em tempos, em ti, acreditei.

Nada é distinto embrenhado no vulgo,
Respiro ar leve de breve maré,
Que novos sentires me trará ao pé,
Traz-me, ó mar, de ti um amigo.

31/05/05

Parar não posso,
Se parar eu morro,
Assim como uma central,
Que dá luz ao mundo,
Parar não posso.

Não posso divagar,
Perco-me se divago,
Nas ruas da alma,
Sem se ver vivalma,
Divagar não posso.

Não posso amar,
Se amo odeio,
Vida belicosa
No lar de amor,
Amar não posso.

Não posso fugir,
Fugir de tudo é,
Viver sob arrependimento,
É correr contra o vento
Fugir não posso.

Não posso querer,
Tudo duma vez só,
Calha-me sempre o que recuso,
Causa-me vida de recluso,
Tudo querer, não posso.

Querer não posso?
Claro que posso e quero,
Tudo de uma vez só,
Seja o que for que recuse,
Sim, posso tudo querer.

Não posso fugir?
Claro que fujo: do Tédio,
Fogo sem ser madeira,
Sem dar a ele confiança,
Claro que do Tédio fujo.

Claro que posso amar,
Sofrendo dele mesmo,
Tenho Amor Infinito a dar,
A quem mesmo não mereça,
Claro que posso amar.

**E claro, tenho que parar,
Em nuvens sentar-me não posso
Não ser para sempre,
Mais tarde para sempre,
Claro que vou parar.**

31/05/05

Onde tens o teu gostar de flores,
Árvores, rios, se é que o tens,
Onde escondes tua compaixão,
Pelas pobres Mães?

Em que lugar do corpo és são,
Nobreza disfarçada,
Perdão pisado na calçada,
Nesse frio coração?

Tens intento pelo ouro,
Num sótão secreto, contemplando-o?
Onde está tua vontade,
Liberdade é abdicando-o .

Teu ombro é lenço de linho,
Que enxugue lágrimas pedantes?
Tens na ideia só o ninho
Escondido de amantes?

Tens bom dedo que aponte,
Para o horizonte distante,
Ou dedo inquisidor,
Tens dentro de ti Amor?

Tens ficção dentro de ti,
Romance ou curta novela?
Ou és só livro fechado,
Que, aberto, tudo é revelado

Tens olhar de sofredor,
Por quem sofre na ingenuidade,
Olhas só – tua verdade,
Confessa o Norte do teu Amor.

31/05/05

Poucos, são muito poucos,
Poetas que realmente me esfregam na cara,
(Vivos, estão muito poucos)
As verdades que sofro por sentir.

Leio-os, devoro-os,
Sento-me ao lado deles
mesmo já cá não estando ,
Não são as lápides que ecoam,
Mas as verdades que me esfregam na cara,
As verdades que sofro
no porvir.

31/05/05

Tenho-me debruçado sobre o que é ser-se feliz,
Como se vai sendo sem pensar muito nisso,
E concluo que não há ninguém feliz ou infeliz.
Existe o que se faz para se o ser,
E o que não se faz, logo, nada se é.
O que é necessário para sê-lo?
Para mim basta não parecê-lo,
Pois fingir-se feliz é prisão de ventre,
De uma alma pouco contente,
E ser-se assim é como um fardo,
Carregado em volta do povo tão maltratado.

Sou capaz de sentir-me feliz num momento,
E quando o momento acaba deixo de o ser.
Cada vez mais, sofres-se mais,
Cada vez menos, sofre-se o bastante,
E assim se brinca à felicidade,
No recreio da Vida, feriado de horas.

31/05/05

Escrever versos...

Tem-me perguntado muito porque escrevo muitos versos,
E não sei responder senão,
Em versos...
E perguntam-me porquê a poesia,
Em vez de uma ida à praia, cinema ou bebedeira,
Visitar outros países, sair do meu Matrix,
Conhecer pessoas por amar conhecê-las.

Ai esses que me perguntam porquê a poesia...
Porque é tudo o que não posso ter e tenho,
São todos os lugares que não posso estar e estou
É o meu Eu conhecido sem precisar conhecer meu EU,
São os países por visitar porque não os posso visitar,
São meus pensamentos falados sem que possa falar deles,
São as minhas bebedeiras, loucuras cometidas,
Todas as que não apanhei e as que não cometi.
É o meu saber ou não estar,
É o meu pensar complexo tornar-se simples,
É a minha distinção sem ser um ser distinto,
É o meu Amor ser correspondido
Sem ser correspondido o meu Amor;
São os meus cruzeiros feitos dentro de mim,
Passeios pelos desertos que se estendem até a um sol vermelho
Numa imaginação, feixes de loucura,
Que das palavras saem como simples água dum repuxo.
É o resto das minhas crenças, valores, princípios,
A felicidade expressa noutros versos,
Expressando em versos a infelicidade
Porque quando estou feliz versos não escrevo;

São melodias de violinos que deles saem seus versos,
São quadros de pintores,
Poemas de poetas que nunca os irei conhecer,
São todos os livros que não se podem ler,
É a vontade interrompida por não vontade se poder ter,
É o sono quando numa insónia,
Quando dói-nos a mente e o corpo de tanto pensar;
É o bálsamo para as feridas
Quando bálsamo para as minhas feridas não tenho,
É o poisar na Lua e, de lá, ver a Terra;
São os milagres feitos por não haver feitos milagres,
Sem ser o vermos, andarmos, falarmos,
Comermos, amarmos, ouvirmos, sentirmos,
São todos os verbos conjugados,
E os verbos que não conjugo sem em versos conjugar,
É o TUDO quando o NADA temos,

É o NADA quando temos TUDO,
É haver vida depois da Morte,
Sendo impossível sentir a vida depois da Morte,
É o Céu e o Inferno (não quero que haja o Purgatório),
É o final de todas as coisas imaginadas e fingidas,
Sentidas, guardadas na memória em livros
É o remédio para dar quando não o temos,
A esperança dada a quem já não a tem,
E dela, é a réstia que para nós não se guardou
É a tal luz ao fundo de um túnel,
A música interior quando não a podemos ouvir,
É o cessar destes versos por ser tarefa impossível,
Indefinível sem que se possa saber,
Como se define o sentimento Amor,
Definindo-se só pelo sentir.

31/05/05

Sou Alquimista das palavras,
Ignorando as fórmulas
Saber por improviso
Ou por instinto de selvagem tigre,
Mordendo, caçando nesses universos,
Paralelos ao meu. E porque não nos outros
Se me encontro em todos que não são meus?

Não descansarei até criar meu Ouro,
Na pedra, rocha, prisão ou claustro
Sem códigos, fórmulas de sentir,
Parágrafos e alíneas que tudo proíbe, inibe e esmorece,
Meu desejar o livre ser proscrito do pensamento,
E estar, sabendo estar com o mundo,
E ser, sabendo ser do mundo
Sem que roube a alguém o seu tesouro

02/06/05

Nunca escolhas ser poeta,
Cá dentro dói imenso tanto sentir.
Sentes as dores que são tuas,
E também aquelas que tuas não são.
Sentes na face a bofetada que o pai,
De mão pesada deu à frágil criança;
Sentes no peito o soco forte,
Que desferiu o forte ao fraco;
Sentes a mesma vergonha,
Do envergonhado alvo de chacota,
Ou eterno, inútil julgamento,
De prostituta, alma vendida,
Guardadora de todas as vergonhas do mundo.

Sentes o que outros não sentem,
Esse bafo tão quente na alma,
Sem que sentimento algum refresque,
Como molhar o cabelo nas tardes quentes de Verão.
Sentes todos os sem sentido das almas,
Que ao nível zero das águas vivem,
E quando sobem as águas,
Para a montanha sobem,
E refugiam-se em lugares dispersos,
Abrigados dos ventos que roçam,
Os desfigurados rostos
De almas vedadas.

Irei a essa montanha,
Levar molhados versos a essa gente,
De versos escritos, água de poetas,
Onde se banharam em mares poéticos.
Insuflarei coragem nos mais trémulos,
Que à primeira onda logo debandam.

E andarei por lá oferecendo só,
Chaves que abrem portas de almas fechadas.

03/06/05

Sempre desejaram que fosse outra pessoa,
Nunca aceitaram quem hoje eu sou,
E graças a elevado preço SOU hoje,
Fugindo de toda a normalidade.

Sempre sugeriram outro corte de cabelo,
Outra roupa a vestir porque escolhia sempre uma cor,
Davam-me músicas que detestava ouvir,
Porque detestavam as músicas que eu ouvia,
E quando ouvia as minhas,
Ordenavam-me sempre que as cessasse,
E mesmo nas palavras também houve quem desejasse,
Que me calasse.

Sempre me quiseram escolher tudo,
Mesmo as pessoas com quem sempre me dei,
Porque com elas é igual o sentimento,
De ter o meu corte de cabelo,
A roupa que escolho vestir,
Os livros que desejo ler,
As músicas que eu quero ouvir;
Pois no meio deles sou aceite,
Sem ter que ser doutra maneira,
Livre...

03/06/05

C

**Se procurares ser tu, serás,
Sempre só uma questão do alheio
Ao vulgo, ser.
Quando te encontrares, verás:
Se és, não tens
que te esconder.**

**Mas se outro procuras ser
Como muitos que não são
Não serás ninguém,
E diluis-te também,
No tudo que é vão.**

03/06/05

Nunca serei reconhecido como poeta,
Nem meus versos pela cidade serão lidos,
Serei um desconhecido pelo país ou mar,
Continentes, Mundo ou Universo,
A não ser que a gente
Do Universo, Mundo ou Continentes
Do mar, país ou cidades, vilas e aldeias,
VEJAM,
O que eu vejo nos meus versos,
SINTAM,
O que por eles eu próprio sinto,
VEJAM,
Meu génio que só eu não vejo
Que nem eu sabia deter,
Porque se soubesse,
Deixaria meu mau génio ser.

Prefiro pensar que não valem nada
Os versos que escrevi e escreverei,
São porque foram e serão sinceros
Expelidos por mim, assinando-os ao fim
Assim como da gente, das coisas e mundo,
Porque não os escreveria se não existisse,
Gente, coisas e mundo...

03/06/05

As pessoas, simplesmente, não se dão...

Vagueio pela cidade, e conhecendo,
Pessoas, delas vou colhendo histórias,
E uma similaridade existe em todas elas,
Nos seus queixumes, choros ou divergências.
Entre quem – bendito feito – são livres,
Gabando-se do Berço Amor não precisarem,
De alguém. E quando sentem, empinado nariz
Que ao lado, estão só queixumes, mas alguém não,
Retrocedem no tempo em vãs lembranças.
As pessoas simplesmente não se dão...

Porque a ignorância muitas vezes nos toma,
A voz dessa razão tão subjectiva,
Toma-se por absoluta, então se gera
Uma discussão - fogo posto numa floresta;
E ardendo árvores frondosas, ricas e gentis,
Que são sentimentos como folhas de árvores,
Tudo se reduziu a cinzas por fogo posto
E pelo umbigo existe tanto falta de perdão
As pessoas, simplesmente, não se dão...

Mesmo na eterna luta quotidiana,
Peleja dura e amorfa de todos nossos dias,
Sirvo de ombro a quem comigo vem,
Aliviar da mente a sujidade.
Se não é seu amo, é a outra que maldiz,
E dela maldiz o outro e a outra, juntos,
Especulam nas paredes húmidas e sujas,
Dos corredores estreitos na escuridão.
Porque, simplesmente, as pessoas não se dão...

Há muitos anos com amigos que já foram,
Zangava-me porque impunham até nos gostos;
Achavam catastrófico os gostos do mundo,
Sem no mundo terem ouvido histórias inteiras.
Isto porque num minúsculo universo,
Restrito pois iguais tinham de ser os gostos,
Afunilavam a alma, encolhiam-se no próprio mundo,
E mesmo desse pequeno universo se divergia,
Porque as pessoas, simplesmente, não se dão....

03/06/05

Sou mais persistente que uma mula,
Que o caminho barra e, impedindo,
De avançar uma caravana inteira,
Ignoro qu' impedimento está advindo.

Qual edição literária de qualidade?
Sou bem crescido que digam qu' é excremento,
O que aos vossos olhos, não aos meus,
Pairando mesmo névoa no pensamento.

Não fluí ainda vindo do meu peito,
(Como um Sol jorrando o que produz,
Que chega à Terra, veloz, seus raios de luz),
Ainda não forjei poema perfeito.

Que me importa não ser grande,
Como aqueles que foram com ou sem,
Ajuda alheia de amigo ou inimigo,
Nesse meio que é o meu também?

Mesmo respondendo não aceitei,
Vossas respostas fúteis de evasiva,
Que daqui a anos seja contemplativa
A póstuma obra que, vivo, cá deixei.

Se ao menos desse tempo para tudo,
Forjar épico poema actualizado,
Seria meu coração bem sossegado,
No desassossego da Alma, contudo.

Não é riqueza de vocabulário,
Que temperar me interesse humildes versos,
É: lidos, que cheguem mesmo a ser perversos,
À perversa mente de um destinatário.

Ah, se eu soubesse mais um pouco,
Um passo sem que seja só minha loucura,
Não que essa seja minha leitura,
Mas é maldito hoje ser-se tão louco.

Se é que na multidão ser alienado,
É ser tão *avant-gard* da néscia gente,
Mas sei quem tem seu coração tremente,
Quem o deseja ser, e seu EU mudado.

Aceitem a insistência minha; sarna,
Um vírus que, por nós espalhado depressa,
Infecta o vulgo e o poeta encarna,
A alma de curandeiro e assim regressa,

Ao muito humilde intento de expandir,
Cura balsâmica no tão ferido mundo,
Mostrando-se em versos um coração profundo,
Mar inóspito, ondas altas a surgir.

Não basta ter só papel e pena,
Basta ter olhos vendo o pormenor,
Ínfimo, mosquito que vê melhor,
Numa mulher visão de açucena.

Talvez seja emenda que em mim falta,
Nos versos não; são esses como o tempo,
Que avança sem que para trás ele volte,
E num fechar de olhos avança e salta.

São crateras no dia, negro asfalto,
Que tapa-los não basta boa estrada,
Madrinha tem a Vida sido a fada,
Do fado que grito e canto hoje bem alto.

São papéis espalhados num lajedo,
Que os piso quase sendo persa tapete,
E por lá ficam como de mulher corpete,
Deixado como um pecado dos Sete.

Aceito hoje essas palavras acres,
Vindas de cegueira ou seca garganta,
Exércitos tenho em versos capazes de saques,
Fazerem na minha cidade Santa.

Que o Sol me conceda sua veloz,
Capacidade de raios na Terra por,
Como a exacta voz de minha mente,
Em papel escrever meus versos de dor.

Algoz da cidadina gente pobre será,
Alma minha atenta ao resplendor,
Oculto pela imensa falta de amor,
Que a busca da Fortuna a ela dá.

E que não saiba a Ela costas virar,
Divina Inspiração que perto, poisa,
Sem avisar, premeditar qual coisa,
No ombro meu que vem pr'a mim cantar.

Talvez a inspiração vindoura seja,
A tristeza doce, amante e emblemática,
Duma tez pálida que do Sol se esconde,
Pensando no que foi e virá a ser,
 Não necessariamente.

Talvez me façam cortes orçamentais,
No papel imaculado azul pautado,
Que frases aninha de quem triste se sente,
Com negra tinta a mácula se salpica.
 Não sendo o suficiente.

Se for tristeza o pássaro poisando,
No limiar da alma ou parapeito errante,
Que poise. E se tiver tão perto de mim
Vontade limpa sem mancha, escreverei.
 Que voe e venha então.

Esse espantado pássaro que visita,
Vindo do maravilhoso e estonteante,
Indefinido Amor de outros Deuses,
Que se inventam quando, simples, nascem.
 E assim Deuses são...

Ó necessidade de inventariar o espírito
Na eterna busca alquímica, do ouro
De cada um cá dentro ou não guardado,
Por incansável vigilante do Corpo.
 A Alma é fiel mas não basta.

06/06/05

Quantos outros tantos,
Como eu, não sonham
Em verdes prados livres
Correr sem pedra de calçada;
Quantos – por favor que sejam,
Muitos mais que os meus,
E tantos – milhares de versos
No escuro escritos e na calada.

Impérios tantos!
Tantos, tão distantes,
Imperam sobre galantes,
Falsos,
No campo não serem vistas
Flores escritas de bela cor,
Floridos e arrancados,
Corpos agrilhoados,
Pelo estalado silvo no ar
De chicote inquisidor.

E cessa,
Assim a conversa,
Que, cessada,
Foi depressa,
Presa e posta,
No calabouço,
Uma vã promessa,
E pequeno esboço.

06/06/05

99 ENIGMA DE MULHER

Para o lado virou-se,
Indiferente ao calor
Esperando só o sono,
Só o sono, mais nada.
Que será agora?
Que charada nova
em si gerar, e me esconde,
Para um mar de pensamentos
me lançar?

Que quis dizer com o glacial:
“Boa noite!” e um beijo,
Beijo seco, sem gosto,
Tão dado curto e exposto,
Sua boca à minha mercê;
Um beijo de picar o ponto,
Aquele que todos pensam:
“Porque está assim?
Porquê?”

Que quis ela com o afastar,
Muralha inexpugnável
Depois de sentido abraço,
De coração inesgotável?
Será que gosta,
Será que não gosta,
E será que alguma vez gostou,
Ou será que outra boca,
Outro sabor provou?

Talvez matemática brilhante,
Inventando novo teorema,
E meu raciocínio queira ela,
Que à prova de fogo seja posto,
E num puxar de mente, tento
Resolver problema sem lição estudada
E eis que chego ao resultado final,
Que é igual..
Que é igual a nada.

07/06/05

100 – PLÁTANO

São folhas de uma árvore frondosa,
Toda a copa de meus pensamentos,
Onde uns tão preciosos, alentos,
Me dão; e outros me fazem desgostosa,
Ser a vida que, de gente os ventos,
Fortes sopram; e como espinhos de rosa,
Ferem-me sorridentes a harmoniosa,
Mente, quando definham desalentos.
Caia a chuva miúda que me refresque,
As verdes folhas; que as outras me seque,
Sem ventos furtarem-me meu sono.
Que o sol inunde com seus fios de ouro,
A luz incida sobre o meu tesouro,
E caiam-me as secas folhas de Outono.

15/06/05

**101 – ODE AO “AQUI HÁ GATO”
(Dedicado a Lurdes Bispo)**

**Aqui há Gato e não é só um,
De madeira expostos à luz do Sol,
E se não houver haverá mais,
Entre, senhora, entre,
E compre uma prenda p'ra seus pais.**

**Tantos quadros na parede expostos,
Pintados por artistas sem que o pincel,
Deles seja (mas que interessa,
Saber o verdadeiro autor),
Veja sem que faça promessa,
De oferecer um gato ao seu amor.**

**Espelhos, móveis, velas por acender,
Cadeiras para sentar,
E jarras para encher,
Das flores que se colher no jardim,
Com a cheiro a túlipas ou a jasmim,
E atrás do balcão está uma senhora,
De sorriso ebúrneo que pinta também,
Toda a simpatia seduz o comprador,
Senta-se à frente do seu computador;
A encomendar gatos,
Ou móveis de madeira,
E de vez em quando o Jupeto à sua beira,
A encomendar ratos,
Ou outros então,
Que encha a loja e seu coração.**

**E vê-se sentada à mesa uma senhora,
De aspecto sábio com o pincel esgrimindo,
Sobre a tela branca,
E na mesa manca,
Se concebe os quadros e música ouvindo,
Está sentado no seu canto,
Munido um pouco de estupidez,
Um rapaz alto, um pouco magro,
Corrige seus poemas com avidez.**

**Tem repleta a loja tudo que se procura,
E uma alegria asperge o fresco do ar,
Enquanto houver cliente a loja perdura,
Aqui há Gato? Há. "Então vou um levar"**

15/06/05

102 - IMORAL

Não tenho moral nem certa religião,
Nem compactuo com elites erradas,
Mesmo nas eras mais conturbadas,
Prefiro não deter qualquer razão.
Ter razão são tragédias encenadas,
Sem graça, conteúdo que confusão,
Só na mente gera num embate vão,
De pueris razões tão exacerbadas.
Se o Sol de Junho puder banhar-me,
Com os raios quentes no céu bondoso
Irei no veludo verde ao Sol deitar-me,
Pois destino algum é generoso,
Que imaculado céu azul a olhar-me.
Qual dos seres o mais virtuoso?

16/06/05

Sento-me numa floresta inexistente,
Atento ouvindo que me traz o vento,
E sem que alheio fique ao pensamento,
Escuto as frescas folhas da minha mente.
Sacode a brisa a copa ,e, estando atento
Ao murmurar das árvores vindos de gente,
Que chora, brama, urra incessantemente,
Uma lágrima me escorre... choro em crescendo.
Oíço vozes sem esperança dos quatro cantos,
Do mundo em triste unísono seus prantos,
Que engulo sem que possa, infelizmente,
Cessar o choro que faz a Alma do mundo,
Sem que exista esse abismo profundo,
De quem não escuta atento ou nada sente.

16/06/05

104

**Não me quebrarás, ó tu que não se vê mas sente-se,
Teia invisível de todas as coisas,
Cancela baixa na fronteira real e irreal.
Enquanto papel existir,
Não me vindimarás, redutor das vontades.**

16/06/05

105 - IRONIA

Quero lá ser como os poetas!
Que os poetas queiram ser eu,
Porque querer ser como os poetas,
Não é meu.

Quero lá ser um compositor,
Se o compositor não me ouve,
Mas se ele muito sofreu de Amor,
Talvez o louve.

Quero lá saber do Grande escultor,
Se nem uma ninfa ele esculpiu,
Só um David atlético erigiu,
Ameaçador.

20/06/05

106

Sonho com rios que nunca os vejo
Sabendo que um se esconde ao fundo,
Dos muros plantados espreita e, fecundo
A cidade refresca e lhe cede um beijo.
Sonho só com esse azul profundo,
Cardume de oiro, alegre festejo
Que ao crepúsculo tem cor, desfecho,
No horizonte o Sol se esconde fundo.
Tenho em mim saudade de ver o rio,
O mar, o que a Primavera floriu
Por entre verdes campos da cidade;
Meu renascer é ver e é contemplar,
Tudo o que não vejo – só o sol raiar...
Ó Mãe Natura: que forte saudade!

20/06/05

107 – PURO (,) DESEJO

Desejo viajar porque desejo viajar,
E não para dizer aos meus que viajei,
Com os olhos ver, sentir; contemplar
Os lugares todos com os quais sonhei.
Desejo amar porque desejo amar,
Sem fingir (que loucura!) qu' amo alguém
Sem esperar quem amo sua alma me dar,
Na ingenuidade - não se ama ninguém.
Fujo da constante norma ou padrão,
Que aprisionado, seca qualquer coração,
Deixo passar à frente quem se apressa,
A ser outro sem que ele próprio seja,
Ter louros, palmas d'ouro, estátua de igreja
Onde obra de virtude viva, cessa.

20/06/05

108 – CHA(R)COTA

*(Resposta ao “Charco” de
Silvino Taveira Figueiredo – Jornal Destak)*

Ó maldizente português:
Quantas velas tu remendaste,
Quantos lemes concertaste?

És quem só assiste,
Ao concerto da vela ou leme
És, quando a barca afunda,
De todos o que mais treme,
E fazes todos à volta,
Tremem em hora de aperto.
Com o falar nada se fez,
Ó maldizente português!

Não basta dizer que a proa,
Da barca, não está boa;
Arregacemos as mangas,
Ao trabalho, meus senhores,
O progresso é feito,
Pelos trabalhadores.
Pergunto a ti que falaste,
Quantas velas remendaste?

E se um herói te julgas,
Por maldizeres do meu país,
Desafio-te a lançares pergunta,
A ti próprio: “Que fiz?”
Pois falar é cómodo,
Sobre as feridas que invocaste,
Tratá-las é incómodo. Pergunto:
Quantos lemes concertaste?

20/06/05

Quero voar – É POSSÍVEL!

Armar-me do vento e, leve

Fluir como pena - serve,

Por nada ser impossível.

Porque vem sondar este,

Tédio triunfante sobre,

Mim que estando neste,

Lugar, que luz não cobre.

Salta-me de cima a tampa,

Raiva, o sangue fervendo

Fornalha roçando a campã,

Mais perto – morrendo,

Lânguido vagorosamente,

São pétalas arrancadas,

Meus versos e, lentamente,

São todas flores truncadas.

Nem mar ou sol e bosque e tudo,

Rompendo da Terra: a Natura

Fiquei da cidade mudo,

Minha dor não tem cura.

Aperta-se-me mais o cerco,

Bamboleando... andando,

No dédalo onde me perco,

Do que vou sonhando.

Vazios estão meus bolsos,

De vontades, desejos sonhos,

Na Primavera são risonhos,

São farrapos hoje e descalços.

Cala-te! Cala-te, vil toupeira,

Escavas túneis dentro de ti,

Importuna alcoviteira,

No tudo que sorrio aqui.

Não tem ou faz sentido,

Meus tristes pensamentos,

Tenho um coração chovido,

E nuvens são tormentos.

**Arisco, escrevo sob escuta,
Olhando por cima do ombro,
Pelo negro véu, se astuta,
Vem como um assombro.**

**E largo no meu papel,
Os húmidos lenços do fel...**

21/06/05

Falo por vós, ó miseráveis
Trémulos - sacos de rancor
Falando a vós, ó execráveis,
Néscios de romance ou amor.

Tenham vivo fogo os versos,
Queimando-vos em papel,
Quem fogo larga em recessos,
Na floresta de Galadriel.

Não sou fluvial despojo,
Embrulho de rebuçado
Sou quem procura arrojo,
Na Terra espírito alado.

Colecciono a poesia,
Versos sem serem escritos,
Sou pássaro que voaria
Num bando de proscritos.

Fulge-me puro diamante,
Coração assaz de ouro
Fogo único luzente,
No Ser glacial – tesouro,

Submerso na árida terra,
Coberto – manto de veludo.
Farol no cimo da serra:
Arde e ilumina tudo!

Maldito em Terra Santa,
Descalço, espectro andrajoso,
Mas justos olhos que espanta,
Os com um nome pomposo.

Conhece ele os Quatro Ventos,
Estações, o Sol e a Lua,
Cajado nos pensamentos
Terra, Mar e Verdade nua.

21/06/05

Onde está o Amor?
Amemo-nos, amemo-nos!
Que extingue a dor,
Soframos, soframos!
Como quando chove,
E o sol de seguida,
Soframos e amemo-nos
Viva alma e sofrida.

Ri quando tem graça,
Não porque é preciso,
Teu forçado sorriso
Que embaraça.

22/06/05

112 – QUATERNÁRIO

Assobio de vento, assobio de vento,
Deixa-me cantar contigo também,
Transforma em ar meu pensamento,
Esvazia-me a mente que vazio não tem.
Assobio do vento, assobio de vento,
Agita um pouco as águas do mar
Transforma em ar o nosso tormento,
E deixa-me contigo, livre, assobiar.
“Porque desejas que as águas
agite?” – São mágoas,
do ventre profundo de um mar,
Desejo, no fundo,
Ouvir-te, fecundo
A breve melodia do teu assobiar

22/06/05

113 - CRUZ

Antes não fosse apaixonado
(E esquivo vivo mendigando)
Eternamente amaldiçoado
O belo etéreo, o sublime amando,
Pelos montes áridos de cinza,
Expelindo fogo – flutuando
No céu escuro – qual bonança
Leve o fumo, dissipando-o.

22/06/05

114 – FOLHAS DE OUTONO

Fui rebento de Primavera
Cresci e seco agora no Verão
E tombarei – Folhas de Outono
A vinda do Inverno varrer-nos do chão.

Ainda o Sol d' Inverno doirava,
Seus raios finos, feixes de ouro
Uma andorinha livre voava,
Anunciando no ramo um tesouro.
Meu sorriso pioneiro me dava
Milagre visto que árvore me dera,
Puro nasci – na Vida entrava.
Fui rebento de Primavera.

Verdejei num ramo, abrindo
Na copa o sol, que de sombra abunda
Sorri inocente ao chilreio ouvindo,
Uivando os vento na copa fecunda,
Por entre os ramos, cândido, sentido
Murmúrios de Amor – Bela Estação,
De livres galhos feliz sorrindo,
Cresci e seco agora no Verão.

Mirrei no exposto sol de calor
Que exala quando mais torra o dia,
Conheci o Fogo escaldante de Amor,
Escutei atento o que Milagre dizia.
Esmorecem folhas de humano ardor,
Errante sede, valendo-nos o sono
Prostro-me ao dia, à noite, à dor
E tombarei – Folhas de Outono.

Soltei-me dos ramos, livre e caí,
Voando leve meu sopro deixei,
Das raízes sábias vozes eu ouvi,
“Chegou a Hora!”... meus olhos fechei.
Soprar dos ventos do Norte silvaram,
Juntando as secas folhas de Verão,
Espero deitado com outras que caíram,
A vinda do Inverno varrer-nos do chão.

25/06/05

115

**Se Jesus Cristo
descesse à Terra
E pudesse eu falar com ele,
Convidava-o para ir beber um copo
E não para ter piedade de mim.**

28/06/05

Gasto-me em assuntos tão minúsculos,
Como discussões absurdas que, pelas ruas,
Se ouvem como o mar; canso meus músculos,
Quando oiço as conversas das pessoas.

Elevam-se pensando serem grandes almas,
Falando dos ódios que plantam nos seus jardins,
E inconscientemente, extinguem as chamas,
Focando-se em guiões vis e nos seus fins.

Ah, fala-me de música, fala-me de Amor,
Dá-me os teus versos sinceros para ler;
Que outro bálsamo existe de amparo à dor,
Que nunca eternamente se pode esconder?

Cala-me essa boca! Some-te da frente,
Pois julgas ser uma alma bondosa,
Qual maior pecado senão inconsciente,
Mal, vindo de cabeça tão ignominiosa.

Ah, luzes de candeeiro: onde está o Sol,
No dia escurecido por tão vil gatinha,
Ó iluminados, loucos sem coração mole,
Cegai a escura e pobre gente mesquinha.

25/06/05

117

Daqui de trás gostosa é a visão
que o silêncio rasga em mil pedaços
quando entra...Ah, quantos mil abraços
ceder-lhe-ia sem obrigação!

E seu vestido faz-lhe finos os traços
de senhora altiva, tão dona de si,
mas palavras suas são erros crassos,
os únicos. Põe-te e ouve-la daqui.
Mas impossível é conter o olhar
quando na mesa, põe-se a inclinar
seu quadril esbelto tão definido;
O vinco leve de trás vislumbra-se,
Coração divino atrás contempla-se.
És puro sangue... Qual olhar contido!

28/06/05

118

Pago com tristeza na sóbria solidão,
O ser assim sem assim ser ou querer,
E nu no breu cerrado na escuridão,
Aparto, cauto, destino incerto a ver
A borboleta, ousada, que até mim voa
De coloridas asas vai-se esconder
Dá cor enquanto esta cinza destoa,
Da verdadeira e pura cor do meu ser.
Saio soturnamente da fria masmorra,
Vazia e húmida – pode ser que morra
Neste quarto de tão insalubre ar.
Plano meu completo de evadir-me
Faço do jugo, a alma, sacudir-me
Ignoro aonde a estrada vai dar.

29/06/05

Nos dias a caixa abro, de mensagens
Ansioso de espanto mas térreos olhos
Nada lendo, nesses
Espaços brancos.

Nelas desejo ler infantil lembrança
Ou frases, enigmas encontrar
Que me levasse numa
Nova torrente para fora

Não são verdades que busco: poesia
Por entre linhas, veloz ritmo escritas
Lembrando os dias
Das flores, sorrisos.

Nos dias que passam, estanco vazio,
Inerte sem jovem cor – qual alto voo
Ou da vontade ser rei
Sem súbditos ou inimigos.

Talvez um inesperado dia de sol viçoso,
Cedo, me ceda amplo abrir de braços
Sovando a névoa viva
Enquanto vivo.

Temo este meu nada querer
Sem ambição na vida volvo.
Com o sol acordo, louvando-o
Bondoso p'ra mim ser deixando
Olhá-lo... Basta olhar.

Que quer aquela palmeira
Que, ao sol, de mim escarnece?
Sou um girassol plantado
Num jardim abandonado
Que sem ter sol apodrece.

Antes que pense em acordar
Enche-me a taça, ó Baco!
Brindo à escassez de amar!

Ano inteiro tão morno - um ponto
Neste esvaziar de vil assunto
Sem gosto, cheiro ou paladar.
Que temos além dos ódios?
Que lugares há p'ra conquistar?
Logo, enche-me a taça, ó Baco;
Brindo à escassez de amar!

Que temos além dos bolsos
Cheios de vácuo, estrelas ou Morte
Sorrir-me ainda longe da hora
Enquanto a vontade é forte?
Põe-me, antes que venha, o vinho
Doce sem que o vício tome,
Prazer do gosto ou paladar
No entardecer, Hora de fome
Jaze-me embrutecida a esperança
Não tenho para recordar...
Por isso enche-me a taça, ó Baco
Antes que pense em acordar

Seriam aureolados os versos
No amanhã novo de Sol
Jovem e vigoroso, se eu
Hoje não fosse.

Quando vivo alto se ergue
A voz é vento que passa
E nas montanhas morre
Quem nos escuta

Póstumas obras então
Nascem – flores no campo
Suando – e postas connosco
Na humana lápide.

123

Contempla com os olhos a palidez
Distinta, vagueando no desejo
Provar da veia cheia, na avidéz
Seres repasto, presa do negro beijo;
E quando dele vier sua altivez
Na carne de neve, singelo arrojo
Seu cego olhar brilha uma e outra vez
Num mar de cinza serás despojo.
Cobre-te a treva crepuscular violeta
Cúpido na história desfere a seta
De prata que atordoia o olifante;
E lendo o teu pensar magistralmente
Rasga os véus todas da tua mente
Magnânimo, herdas áurea deslumbrante.

01/07/05

124

Quero aceitar o que é penoso
Mesmo estando para entrar,
nas portas do desespero.
Quero perante a vida me curvar,
(Que humilhante seja!)
Perante quem eu mais quero

03/07/05

125

Viver é perder
Na peleja dura
Empurrando e ver
Se a muralha fura.

Viver é nada
E o nada é tudo.
Mas com fechada
alma deixada
Não se vive nada,
Contudo.

29/06/05

São constantes meus planos de fuga
No meu estar sem fingir,
Diante de qualquer um ou outros,
Sem esconder, calcular, mentir.

Colho histórias para contar depois,
Quando a barba for do tom da neve,
Às crianças, homens, às plantas
O escutarem-me já me serve.

Receio não plantar nenhum espanto,
Nos verdes campos imensos – o coração
Complexo – e no final dum canto
O ódio afasto porque é vão.

Definho em gotas que não transbordam,
O meu insignificante ser, cansado
De não conhecer cumes de montanhas
Do pensamento único meu e ousado.

Para quê sentar-me na mesa suja
E debitar os versos que contive
Num dia sem lustre e opaco
Que na alma deslumbre nunca tive?

17/08/05

I

Tela de Rembrandt
Rosto áureo de luz
Virtude de alma sã
Que inveja reproduz,
Voo breve de graça
Que outros acotovela
Quem no poiso fica
Olhando a graça dela.
Espectro ou morto-vivo
Olhares opacos, dispersos,
Como são os meus versos
Dum coração cativo.

Em bando o pensamento,
É uno; e quem apedreja,
Quem só uno recebe
Quem da Fortuna bafeja.
Quem sou eu afinal,
Um bando inteiro ou só?
Um sendo, soa fatal,
Esmagado na pedra da mó.

GALA

A primeira pessoa
Que irá publicar
o que é meu,
És e serás tu
Só tu, e não eu

17/08/05

128

Depus destino meu incerto à Morte
Depus a quem exacta levou Diana,
Não espero que assim advenha Sorte,
À Morte que de almas, o corpo profana.
E sem lirismo fazendo-lhe tal corte,
Vivo Dela alheio que exacta emana,
A angústia que enfraquece a vaidade, o porte,
De composto homem que nunca se engana.
Ergo-me sem cansar-me pela manhã,
Afoito a cumprimentos matutinos,
De ramalhetes de qualquer luz sã;
Raros são os encontros memoráveis,
Onde, farto de falar de destinos,
Paro para escutar frases execráveis.

129

Num piscar de olhos temporais,
Fiquei sem assistir a outras vivências,
E afastei do ser falsas aparências,
Sem no ser ter traços angelicais.
(Para que os queria?!) E penitências,
Aos prazeres não os fiz por demais,
Mantendo, rochoso, minhas aparências,
As mais puras e vis sacramentais.
Quebrei todos os espelhos enganosos,
Despi todas as negras indumentárias,
Repeli os falsos ditos venturosos;
E triste fui compondo alegres árias,
De impulsos e apertos desgostosos,
Que ecoarão nos meus boas memórias.

130

Livre por completo nunca serei,
Talvez porque exista ponte rangente,
Que nos separa do Eternamente,
E do Hoje que hoje apenas respirei.

Procuro-me onde eu nunca me encontrei
Tenho vício na alma, vício pungente
Cá dentro abismo escuro, que repelente
Me torna noutra que nem já eu bem sei.

E nessa busca alquímica me lancei,
Certo de encontrar nada, certamente.
Espada, pena, Alma me armo apenas,
Canto a outras que se julgam pequenas.

131

Peço-te que reconsideres tuas lágrimas
Vertidas não na Taça feita de ouro,
No cálice feito em ti onde me animas,
E bebo sôfrego, meu achado tesouro.
Talvez tenha bebido demais das rimas,
Tuas, dos poetas um bebedouro,
E, insolente, ouviste meu desaforo:
Afasta-me do leito onde me mimas!
Se colhesse os raios do mês de Agosto
Ceder-te-ia vários e, de bom grado,
Não me desviaria deles certos tiros
Confio nesse teu jeito bondoso e justo
Lua à noite cheia que sigo com gosto,
Que leva as almas tristes aos seus retiros.

Já não me servirão de nada amanhã,
Estes versos escritos de um raro ardor
Serão como dias de cinza na vida vã
Que lidos amanhã, perderão sabor.
Mas envolvo-os como boa alma cristã,
Devota ao que lhe trás algum calor,
E ofereço-te com o gosto de romã,
Dedicando-os a ti, meu puro Amor.
Mas dai-me, Musa, nova inspiração,
Que apetreche de asas e levem ao Céu,
O grito que no mar a Terra estremece;
Terei olvidado a alma sem razão,
De tudo quanto de nada me enriquece
Tremor? Foi a Alma que estremeceu!

Gosto completamente de um sorvo,
Beber continuamente a água pura,
Da fonte que, humana, é um estorvo,
Para quem corre em si uma fonte impura.
E negro grasnar altivo porém do corvo,
Que no beiral bebe numa outra usura,
Na taça aristocrata que tanto turvo,
Quem nunca bebe da fonte da ventura.
Sou o Ser Mais que imperfeito em tudo,
Que amo mesmo o imperfeito em si; contudo,
Busco além nos outros algo de meu.
Quem bebe nos regatos acostumado,
Sôfrego, do belo em busca, amaldiçoado,
Talvez chegue uma vez, vivo, ao apogeu.

134

A paz é insustentável, não duradoura.
Rege-se no sossego da própria mente,
Move-se no imperfeito, eternamente
Esbarrando na certa Morte vindoura.
Enquanto vivo, que é do meu ingente
Desassossego quase em mim a lavoura,
De colher belo e tranquilo, acolhedora
Beleza ao meu redor desta semente?
Enquanto vivo for vivo contente,
No desejo de criança apaziguadora
No seu sorriso áureo e portadora,
De toda a paz num mundo descontente.
Se existo porque não posso eu voar,
E na alma, com a mente asas, apetrechar?

135

Não tenho tido sonhos agradáveis,
Com os quais pudesses o sono sossegar
Porém, não tenho sonhos desprezáveis,
Com os quais pudesse em sonhos me apoquentar.
Não tenho tido dias memoráveis,
Com os quais, leve, pudesse flutuar
Porém não vivo de desejos execráveis,
Com os quais pudesse meu sono inquietar.
Porém, questionam sempre sobre o meu querer,
Sobre o que eu pretendo vivo fazer,
Com o milagre dado pelos meus pais;
Que quero? Nada e talvez seja tudo,
Neste mundo cego, surdo e mudo,
Onde loucos quererem não serão demais.

136

Ah se o mundo fosse escrito em versos,
Que dessem mãos como música em poesia,
Ouvindo declamado em harmonia,
Sem que do mundo oiça sobre seus excessos.
Ó cruel destino do Homem! Diria,
Que enquanto vivos formos seremos avessos,
À forma de viver simples sem regressos,
Ao jurássico tempo onde tempo havia.
Mas o mundo real é como é,
Vive-se de um Amor, vive-se de fé,
Em mistérios de espírito corpo e Alma;
Em frente... continuemos em frente,
Não invoquemos mais o antigamente,
E, quando a noite cair, que caia calma.

137

Onde eminente está o teu sorriso
Ebúrneo que desdiz da aurora, alvura?
De mim, onde se esconde, rude narciso,
O ardor que, a ti cedido, sorveu ternura?
Onde está o mundo nosso de juízo,
Imprópria perante a própria candura,
Que foi feito do lume que, impreciso,
Nasceu do berço incerto da loucura?
Se são questões demais, o que eu faria,
Para te ter de volta perto de mim,
Cantar-te as árias soltas da ousadia...
Agora, (quem no romance escreveu FIM?)
Que cantas misteriosa alheia harmonia,
Diz-me se findou tudo, um não, um sim!

138

Albergue dos meus cansaços e tristezas,
Porto seguro onde contente atraquei
Perante da alma humana, suas vilezas,
Ao mar de almas perdidas me lancei.
Quantas alegrias, cores, quantas levezas
Dos teus encantos sóbrios tanto provei,
Nem deidades, nem condes ou realezas,
Ricos, amaram mais do que eu amei.
Porém a lassidão num abraço dado,
Que cingi no peito teu formoso rosto,
Tornou-se duro encosto acostumado;
O ébrio vinho nosso perdeu o gosto
Que dele bebia Baco embriagado,
E bebido agora lhe causa desgosto.

139

Avanço pois não posso eu arrepiar,
Nesse caminho escuro seja ele qual for,
Esporando célere corcel vou cavalgar,
Sem descansar nos jardins do Amor.
Porque não posso a dor remediar,
Na fresca pedra sentar-me e, sedutor
Olhar esse horizonte crepuscular,
E da ferida tratar que me causa dor?
Eis porque continuar me impeço,
Saudade que aparta todo um Universo,
Das contadas estrelas por nós colhidas;
Mas mesmo no verde pano de veludo,
Me deito langoroso, da ferida mudo
Cantando às almas do mundo por ele feridas.

Despe teu peito e exhibe-me as chagas,
Distantes saradas que todos possuem.
Que mornos olhares ao espanto afluem,
Com a voracidade a dívidas já pagas?
Histórias passadas são somente peças,
Que juntas são seiva que as flores possuem,
Num puro desabrochar e ao mundo não dizem,
Quem as regaram ou pisaram sem pressas.
Se sei de milagroso, balsâmico remédio?
Ignoro. Porém se fecham na indiferença,
E sangram veladas noutros num tédio;
Veste a blusa sem decote que revela,
Que às feridas foste fiel sentinela,
Ao desejo de colher-te num vil assédio.

Sem ti não me liberto. Quem me manda,
A mim tua imagem olhar num instante!
Ah se pudesse rasgar o turbante,
Que te oculta de mim, distância nefanda.
Porque me perguntaste o que queria,
Nesta insónia, desagrado constante
Ter-te comigo ao lado durante o dia,
Era só meu desejo de comediante.
Mas atriz te tornaste de tragédia sem fim,
Vi do meu porto afastares-te de mim,
Teu lasso lenho feito mesmo por ti;
Não olhando por cima do meu ombro vincado,
Vi como marchavas delirante para o fado,
Que, do teu coração fraco a dor, ouvi.

Nem o vento me trás tua voz encantada,
Pelos versos dispersos nas partículas do céu.
Ainda me pergunto: “Que foi que me deu,
Por te ter escolhido como a minha amada?”
Acaso te escolhi... Não! Pois não me pareceu
Na noite de abuso à coragem apertada.
Terá sido a Lua que escolhe, ousada
Alguém que a louve como só tu e eu?
Não te preocupes com meu seguimento,
Sem que necessite do teu consentimento,
Que parte em busca sem olhar para trás;
Mas vi nos teus olhos que tudo acabava,
Sem perdão concedido e sibilava
Um vento que nos findava as frases más.

Instável, distante, insolente, cruel,
Fui tudo num erro, num verso reunido.
No entanto amei-te, meu favo de mel,
E amar-te me deu à vida novo sentido.
E se nunca te tivesse eu conhecido?
Seria um mendigo ao sabor do fel
Que à luz do dia, ter-me-ia perdido,
E ao abismo preso por um fino cordel.
Meu ponto minúsculo de luz que ofuscas,
Choro da graça de tuas caras patuscas,
Quando nos meus braços logo adormecias;
Talvez nos cruzemos na mesma rua,
Talvez não me abordes de maneira crua.
Se em mim entrasses, tu me entenderias.

144

Curvo-me humildemente ao desmaiar,
Célere, glacial da espada que empunhas,
Recordo o colar que ao pescoço punhas,
Quanto nos esquecíamos do tempo a amar.
Mas quantas loucuras no campo impunhas,
Meu exército fizeste no verde debandar,
Sem estandarte escarlata para te acenar,
Fugia quando ouvia tuas façanhas.
E num singelo gesto fraco sem o conter,
No peito cansado sem afago ou descanso,
Dei tempo ao tempo sem poder-me esconder;
Pois teus engenhos não me punham manso,
Sentia o sorriso conjunto escurecer,
E agora ao mar sem passado me lanço.

145

Espera por mim no templo antigo,
No infinito vindouro, negro passado,
Terás sempre por mim na vida esperado,
Só outra vez na Morte estarei contigo.
Mas ainda respiro, vejo e consigo,
Subir ladeiras íngremes de vigor prendado,
Pela humana força como que encantado.
Vem livre uivar novamente comigo.
Asperge pelo manto lançado à Terra,
Frases odoríferas com o perfume da serra,
Ao som dos cânticos mais que profundos;
E que oiça ao longe quem desejar ouvir,
A poesia de quem esquece esse porvir,
Da união, dois corpos moribundos.

146

Saíste detrás de frondoso arbusto,
Iluminada de transparente véu de seda,
Teria sido minha derradeira queda,
Se a mão largasses sem esforço, sem custo.
E sentia ter sido derradeira recaída,
Se a vida vivesse num permanente susto,
E bondosa tu foste meu único encosto
Sorri novamente numa calma, alma leda.
Que faúlha lancei na densa floresta,
Que despertasse dum sono profundo e antigo,
Na vida tão curta tão longa da cesta?
Vem polvilhar a Terra de estrelas,
Que luzam na alma mais trémulas que velas,
Vem ver se, no palco, voar eu consigo!

147

Nunca me chega quando a invoco,
Esse pássaro tão esquivo que tanto apetece
Poisar em alguém que invoco um pouco,
Da Fortuna bafejo que, impostora, arrefece.
No branco papel escrevo o real ou louco,
Elevadas paixões que a miséria me oferece
E num desespero incito e provoco,
O fogo interior que no Ártico me aquece.
Invoco as visões que as via na altura,
Que ingénuo perseguia a voz da ternura,
Alegre e contrário ao cântico vazio;
Não há liberdade colhida ou plantada
Como música que nunca será vindimada
Nem existe o verso que, proscrito, partiu.

148

Curioso, enigmático, fiel e garboso
Correndo ousado com as garras em riste:
Porque tu, gato, do meu colo saíste
E te embrenhas no escuro fazendo-o ruidoso?
Na virtude me excedes e de ti, invejoso,
Me sinto quando sabes escutar o que ouviste,
E as comédias por outros as repartiste,
Animal que me excede no se ser virtuoso.
Viro-te as costas e segues-me fiel,
Tens a fama de todos seres o mais infiel,
Importas-te pouco com a infâmia do gente,
E quando ao lar chego, vens sempre exacto,
Roçares-te nas pernas, roendo-me o sapato,
Num miar doce e alegre de contente.

149

Fogoso entrando na sala sem ardil,
Que miram os outros néscios de susto e espanto,
Não é monstro de ferro que passa enquanto,
Passa o dragão que saiu do covil.
«Quem é a criança que despiu seu manto,
De siso, pose séria num lugar hostil?»
«É o ingénuo que, canções tem ele mil,
E aos sisudos desperta o próprio encanto.
Espantando falsos espíritos de ardência,
Como o fogo consome a paciência,
Ninguém canta e encanta sem ingenuidade;
Porém o livre voo sempre não dura,
Num singelo momento o silêncio fura,
Enquanto durar o voo da liberdade.

150

Tenho visto os rostos que cansados,
Trazem os odores acres do labor,
Que nem vinho lhes tem doce sabor,
Sem vida de almas corpos fustigados.
Que apertos sofrem de nobre rigor,
Vindos de espíritos pouco esforçados,
Que de fartas riquezas vivem rodeados,
Rindo, vazios do abismo estreitos na dor.
Não creio nos propósitos reinantes,
Nem em promessas vãs, não creio em nada,
Mas nos abertos olhos no cego mundo;
Não há verdades soltas por governantes,
Nem reinos, nem impérios ou santa fada,
Existe a esperança de tolo ou moribundo.

151

No amor vivi eu tanto no desengano,
Do gostar sincero ou sim, ou não,
Esbarrei-me co' a verdade no engano,
A mim, ao outro, á vida na solidão.
Mas creio que nem grego nem troiano,
Dariam de bom grado aperto de mão
Saí do covil longe do que é mundano
E encontrei o Amor na desilusão.
Sem mão não embalo um berço,
Sem fé não se reza um terço,
Da alma geme um grito ousadia.
E num subir, descer uma montanhas
Deparei com a amada sem manha
Chorei e ri nos olhos do Infinito.

Não posso me esconder seja onde for,
Mesmo que o fim não haja
Num qualquer refúgio para chorar dor,
Mesmo que dor não seja,
Mas onde espreita o simples curioso,
Por entre a fenda,
E encontra a luz ao fundo, venturoso
Não é mito ou lenda.

Não posso ser quem recuso para mim,
Sem viver à margem;
Creio que existe como tudo um fim,
Na negra abordagem;
Deixo serem que desejam mais ser,
Sim. E porque não?
Nasce o homem livre até crescer,
Preso a uma ilusão.

153 - PERDULÁRIO

Sinto que para o lado eu vou tombar,
No verde campo diário da peleja,
Enquanto do chão erguer-me irei cantar,
Sem no amanhã pensar. Amanhã, que seja!

Com sonhos adormeço infantil,
Sonhando que na luz tudo é possível,
Reais são para quem se serve do ardil,
Que, frios não sonham “por ser impossível”

Vindimo do dia cinzento, reprimenda,
Sem querer fugir ao ritmo matemático,
Espreito o sol da janela ou pela fenda,
Fujo ao ser autómato, vago ou apático.

Cinge-me na garganta a mão divina,
Sussurra-me vagaroso num aperto
Que, quando do fardo desviar a retina,
Nos ombros terei o vinco mais que certo.

Ah, se alimentado por todo o sentir,
Fosse, simplesmente eu seria,
Teria para ofertar e repartir,
Se vate fosse durante todo o meu dia.

Não olho horizontes azuis e abertos,
São-me pelas torres altas escondidos,
Que sorte ser mar, ser rio, delas libertos,
Dos horizontes vastos neles repartidos.

Não sei fingir quando alegre ou triste,
Nem no papel em verso fosco ou escrito
Dito isto pergunto-te: porque te riste,
“Porque vive-se reles por se ser proscrito”.

Minha alma não a troco por moeda,
Alguma que me seja ofertada,
Alma que do seu corpo saia, dá queda,
Noutro, sem estrela por ela guiada.

Dizendo isto pergunto: que digo eu
Divago... Caiu a noite sorrateira,
De Outono. Leio e vejo se isto é meu,
Se no papel minha alma é certa.

**Tenho por entre as blusas tropeçado
Meus olhos apaixonados pela beleza,
Só o ingénuo disfere brando um olhado,
Sem entumecer o porte de baronesa.**

**Perdido, diria, sou boémio diário,
Que assiste passar o tempo nas bebedeiras,
Escritas, não bebidas e, perdulário
Caminha como ao encontro das canhoneiras.**

154

Não tremas, laureada, dama ou rainha,
Dos que, honrados, te prestam vassalagem
Vejo-te simplesmente como a vizinha,
Que divaga sobre o tempo, sobre a aragem.
Vivo da alma, isto porque ela é minha,
Sou servo da tua ordem e não pagem,
Encho o cesto porque subo célere à vinha,
E trago-te o cesto cheio desta paisagem.
Não tremas porque não chego a horas,
Até porque sou quem enche mais cestos,
Sou quem tremo quando trémula coras;
Não porque me encanto com teus gestos,
Mas pelas frases que à noite decoras,
Fazendo-me frente à frente dos modestos.

155

De surras já me bastam as que levei,
Nem sei se ainda sinto réstia de dor,
Mas confesso ter sido o berço do ardor,
Do ser depois das sovas que levei.
Supremo sentimento que é o amor,
Pancadas de néscio e imberbe, suportei,
E do que ainda sofro porque amei,
Prendi funesta veia de vingador,
E porque agora delas me lembrei,
Sonho voltar a ser um sonhador,
Por este vazio de fel qual sofredor,
Quando à sova as costas eu voltei.
Qual foi por nós a Paixão de Cristo,
Além do Além e mais que isto?

156

Ah, irmã tão bela e tão formosa,
Que formosura te brindou a reprimenda
Dessa Fortuna Feia e sem emenda,
Como a sua escolha ser rigorosa.
Não chores que o pranto põe-te escura venda,
Na ingenuidade tua vigorosa,
Pensa aos anjos seres a mais extremosa,
Das mães, tornares-te uma viva lenda.
Teu cabelo de oiro foi derrocada,
Do verde campo, campo de emboscada,
Ao corte a frases de pompa falseadas;
E o mar que vejo dentro dos teus olhos,
Eriçam o pêlo a elas, que as há aos molhos
Quando passam por ti de tão anafadas.

157

Amo o acaso, o doce inesperado,
Sem ser de mim profeta ou vidente,
Aceito o inevitável e o planeado,
Porém, no breu avanço continuamente.
Sonhei à noite abrir portão fechado
Dar asas ao sonho fervorosamente,
Nas nuvens vagueei num sono alado,
Perdi-me por acaso tão facilmente.
Se versos escrevesse destes sonhos meus,
Que à loucura bate pupilos seus,
Qual cárcere ou grilhão me prenderia;
Entendam os entes com quem eu convivo,
Que, louco, tanto ofereço como amigo,
Não ouro reluzente, mas cor no dia.

158

São testemunhas os meus bravos felinos,
Do testamento meu enquanto vivo:
Quererei perto da hora badalo dos sinos,
Não fúnebre. Festa alegre com quem convivo.
Prantos, pesados rostos são malignos,
Um quadro lúgubre, triste e agressivo,
Que não decora o mundo. São benignos,
Sorrisos, cânticos como num dia festivo.
Talvez seja um princípio ou um fim,
Não pedirei depois vida para mim,
Só guardo o que com amor cá deixei;
E se anjo for, tentarei a outro dizer
Que enquanto vivo, vive até morrer,
Pois na eternidade, paz encontrei.

159

De tontos olhos vejo telas andantes
Angelicais visões da casta pura,
Mais doce, enfim, é a uva madura,
Berço dos vinhos mais embriagantes.
Feita mulher em si a formosura
Ainda em si conserva tonificantes,
Os traços no corpo que, revigorantes,
Tornam aos olhos de fino gosto da loucura.
Fitando-lhe a alma ingente, de alegorias
Que as ondas humanas nela embateram,
Irosas, brandas, consoante os seus dias;
Dos olhos seus, os sons do mar vieram
De rocha dura papel de poesias,
Aos farsantes que, dela, pereceram.

160

A plúmbea pomba pula de contente,
Da chuva que cessou do céu cair,
E ao chão para si migalha foi pedir,
Sem da vida piar a outros descontente.
Sabia que viveria se, paciente,
No seu beiral esperasse o descobrir,
Do sol que às nuvens sabe resistir,
Mesmo azedume ouvindo, vindo da gente.
Como se de capa bem se revestisse,
E o que é muito ruim nunca existisse,
Seria belo ao ser mais que imperfeito;
E a pomba sem capa ou pão, sem nada,
Vive debaixo do céu tão encantada,
Ter migalha para ela é já perfeito.

161

Do meu destino o dia não pode ser,
Verdugo sem sentimento frio, feroz,
Antes ser o silêncio a minha voz,
E o meu grito nos versos que escrever.
Honrar meus pais desejo e meus avós,
Mesmo que à frente haja mais p'ra sofrer,
Pois viver na tristeza é já morrer,
Antes da exacta hora vir até nós.
Que temos feito, nós, para além de olhar,
No espelho polido sem nossa alma vermos,
Nesse esforço vão de nos contemplar?
Ó cruel destino para além de sermos
Apenas, não bastando viver e estar,
Que no corpo, olvidos, um' alma termos!

Não tendo mais assunto,
Porque teimo no seio ouvir-me,
Quem em mim colocar ponto,
Deseja que ouvir repetir-me.

Não façam caso do monopólio,
No chavasco da gargalhada,
Sinto em um vasto espólio,
Sem ter a alma abençoada.
Nunca o próprio se apercebe,
Quando se cai na emboscada,
Dos convivas deles recebe,
Chacota e... gargalhada!

Tenho escrito sonetos mui modestos,
Sem que modesto seja e indomado,
Me julgo num orgulho fútil deste fado,
Que adverso escolhi trilhos incertos.
E descobertos em mim, apropriado,
Se tornou estrela alva dos que certos,
Sempre outras seguiram como despertos,
Cobertos pelo manto ao vulgo lançado.
Julguemo-nos pelos feitos nossos e nunca
Por mediócras prazeres que a vida oferece
Que, aceites, o nosso caminho se adunca;
Entendo quando o ímpeto desaparece
Quando a mente se torna uma espelunca,
E à volta o mundo gira e enriquece.

Sentir o arrepio doce percorrer-me,
É como ouvir do céu um chamamento,
É um lume aceso que vem aquecer-me,
Quando tremo de frio num frio momento.
Erguer-me-ei só quando apetecer-me,
Do chão que colho todo o sentimento,
E do sagrado ofício não posso esquecer-me,
Por não só ser a alma que pede alimento.
Busco o que resfria, o que me eleva,
Sem que suba, do império, ao trono
Ignorando o que amanhã me reserva;
Mas hoje sinto em mim pesado sono,
Vou deitar-me no sonho na fresca erva,
Que o sonho ao frio cortante é um forno.

Se a Primavera fosse um rebentar,
 De riso e gargalhada como as flores,
 Diria que vivo no meio de amores,
 Que tão ingénuas riem até cansar.
 E sem esquecer os sofrimentos, as dores,
 Que dão balanço pr' o mundo girar,
 Do riso, temos sido bando de condores,
 Incautos que céus visitam a voar.
 Mas pena foi ter sido uma amostra,
 De águia que no alto nobre demonstra
 Seu majestoso porte e ampla vista;
 Porque a Natura nos comanda assim
 Não tendo d' águia asas vou enfim,
 Rir da comédia humana e realista.

166 - SOU VENTO

Dói-me o ser assim o ser assim,
 Custa-me por vezes ser aquilo que sou
 Antes ser um cravo, rosa, ou jasmim,
 Que arrancado, diriam: perfumou!

Sou sopro de vento incómodo às frágeis velas,
 Quão tímidas bruxuleiam quando assopro,
 Inquieto no branco, as sombras ficam belas,
 Quando de noite dançam à volta do meu corpo.

Extingo pequenas luzes, outras ateio,
 Às almas, incito um ténue desabrochar,
 Envaidecendo-as quando nelas eu leio:
 Não se envaidece em vão com sede de amar.

Não sou nada, contudo, cordeiro ou lobo;
 Sendo mais explícito, não sei o que sou
 Sou vento, aragem, não mato, não roubo,
 Nem forte que, ao fraco, a alma lhe furtou.

Talvez naquele fim julgue-me um fraco,
 Que um hercúleo me tenha levado a alma,
 Mas se a pena desliza, não sou um caco,
 Sou parco de fingimento que busca a calma.

Sou da ânsia um sério convalescente;
 Reuni nos nervos tão trôpegas convulsões
 Que canta e ri, que corre e ainda sente
 E sofre por ter, à margem, sofreguidões.

**Não sinto neste roteiro o chamamento,
Do mundo quando aflito fica num canto,
De medo, fome, guerras ou emolumentos
Tão fúteis, ágeis e inúteis que causam pranto.**

**Num quebrantar ingente à alma humana,
Se lançam pedras, incólumes e imunes
À Morte, um só q' ódio planta (mente insana!)
Salpica de negra tinta versos aos numes.**

**Não pende pesando, essa que balança,
Ao som do tilintar no prato caindo
Da lendária injusta que dá esquivança,
Ao celerado, e o vulgo assistindo.**

**Nem ser réu, advogado, sábio juiz,
Antes o escriba atento, que atento escreve.
E abafado vento abafa e diz,
“Sou justo no meu sopro que ao mundo serve”**

**Inglória de reunir tudo o que mora,
Dentro dos vastos mundos que moram em mim,
Talvez bem me conclua perto da que decora
De lápides os campos extensos e cruzes no fim.**

14/10/05

167

Quem quebrou as cordas à minha lira,
Enquanto da peleja estive ausente?
Quem julgou calar a voz da ira,
Julgando-me incapaz, louco e demente?
Saí das trevas donde o fogo inspira,
E dos numes me tornei um fiel crente,
Quem meus versos lera e repartira,
Aos cépticos de mim, quando ausente?
Espero por essa hora derradeira,
Que trespasarei a turba como erva,
Como nos extensos campos de Pelennor;
Mostre-se o Sol numa nobre maneira,
Torne-se a Lua a própria serva,
Dos que esconjurados vivem de Amor.

168

Impôs-me a noite na débil vaidade,
De Lua pendurada ao seu pescoço,
Seguir-me pelas costas neste troço,
Habitual, comum à humanidade
Porque ao sorriso nunca faço um esboço,
Devolvo-o chocando a fútil vaidade,
Antes no breu desnudo da verdade,
Que de ilusão vestido a ecoar no poço.
Que faço, que digo, que sinto,
Correr-me nas veias, febril veneno,
Não logro, nem esgano, não minto;
Porque não penso ser curvado, pequeno,
Sem beber da fonte verde absinto,
Que ao clima incerto o torna mais ameno.

169

Quero ver o mar do grande Homero,
Mesmo longe estando dele rodeado,
De desgrenhadas árvores entediado.
Irei mais tarde vê-lo porque quero!
Virei pelo meu querer ser bafejado,
Pela sorte dos outros que vitupero,
Quero – já disse – ver o mar que, fero
Fere quem D' Ele se sente contrariado.
Quero ainda ver mais do que poderei,
Por ter costas voltado à própria Sorte
Pródigo em diálogos que eu inventei,
Perdi o rumo ao meu sonhado Norte,
Mais puro mesmo quando eu o sonhei,
Voltei as costas cedo à própria Morte.

170

Sou insolente e arauto da insolência,
Sem que o deseje tanto ou pouco ser,
Sou mais que insolente, sou a demência,
Que invade co' a solidão ao entardecer.
Demais sorrio, curvo-me na incumbência
Num respeito aos que quero responder,
Escorrego sem pensar na imprudência,
De partilhar o que vivo a aprender.
E quebro a face sem que dê o lado,
Que outros dariam antes do que eu,
É este meu defeito de apaixonado;
Mordido pela cobra que me perverteu.
Ficou-me negra a veia entumecida
E alma, brandamente, enraivecida.

171

Sábio não sou. Deste princípio partam:
Exemplo é constância responsável,
E assim posso ser dela indomável,
Dos que para eles próprios se elevam
Mais? Não posso ser eu mais prestável,
Embaixador dos que mais idolatram,
Que, descidos do palco, céleres, matam,
Num desdém absurdo e detestável.
Que sábios sejam: ignorem e ignorados,
Na fama, glória humana comediante,
Por elas próprias sem repudiados.
Pois chega ser na arte revoltante,
Ver quem sobe aos céus altos ousados,
Ter no final um voo de mendicante.

172

Com lágrimas não entres no meu lar,
Pois verti as minhas quando não estavas
Sem lágrimas me lembra no caminhar
Co' a Lua, pranteava, a ver se me amavas.
Que frases presas tens p'ra libertar,
Dentro quando, triste, para mim olhavas
Guardavas, como aves a aprisionar,
“Cativas, vou soltá-las”, talvez pensavas.
Destino o nosso, claro não se torna,
Vejo-me só nas ruas, vagueando,
Ouvindo risos vindos da vida morna;
Regresso soturno ao lar em ti pensando,
Porque teu rosto verei, a bela forma
Nestes próximos dias me visitando.

173

Pedias-me brandas carícias e eu dava,
Dando sem esperar como uma criança;
Pedias-me beijos abraços, e apertava
Teu corpo ao meu cingia sem esquivança.
Pedir, sabias porque eu te amava,
À ânsia, da sossego, tinha-te mansa,
E eu, cego de amor, não me lembrava
Que fere sempre recusa – hoje, lembrança.
Pensei que, puro, sempre podia dar
Errei pensando que tudo é eterno
Quando amo me esqueço de racionar,
A alma, o ser, o Céu e o Inferno.
De tanto dar fiquei de mim exausto,
Príncipe teu não sou; já não sou fausto.

174

Lençóis de linho pelos dois manchados,
De rios de amor por nós estendidos,
As longas horas, do tempo, olvidados
E nossos, no leito, doces repartidos.
Tenho agora limpos e imaculados,
De êxtase perfumes humedecidos,
Por vermo-nos no vazio amados,
E um pelo o outro à ânsia, rendidos.
Que inspiração visita nesta hora,
Onde o mundo vejo sem que o veja,
Se ermo sentimental me espera, seja!
Percorrerei, se a Morte me enamora.
Ignorado da ventura se reserva,
Se anjo ou demónio a alma me leva.

Dai-me força, inspiração que invoca,
Os anjos nobres da inspiração:
Cantarei uns momentos, outros não,
Com quem, no vácuo, sua alma troca.
Sou um proscrito nesta multidão,
Abaixo dela, dentro dela que toca,
Dispersa sinfonia de alma louca,
(Qual talento ou amor no coração?)
Arranham os violinos desafinados,
Com gostos sem que sejam os seus,
Não toco, nem revelo a ela os meus,
Talvez estejam os numes entediados.
 E o fado de cada um é este:
 Ó Mundo: qual fado me deste...

176

Quando acabará a tempestade
que, ao Sol, desaba em mim?
Quando terei a liberdade
meu sono de querubim?

Quando conquistador serei
dos reinos que foram meus?
Quando me libertarei,
Aos inquisidores olhos teus?

177

Vês-te neste espelho mas sem te veres,
A ti própria teu próprio realejo,
Assim como no espelho não me vejo,
E vês-me por meu corpo à frente teres.
De ti o olhar é um reflexo de lago,
Nossa visão do que julgamos ser,
E agitando as águas límpidas, afago
Terás nítida visão de que me estás a ver.
Saberás um dia, Mulher, o que é gerar,
Em ti vida, semente se o desejares.
Mesmo que desejasse, nunca saberei,
Só poderei cuidar do que plantares.
 E vermos crescer nosso rebento,
 A florescer, incauto crescimento.

178

Num dia perco parte de mim,
E desconheço o quê ou quem
O faz; sei que me disperso,
Pelos quatro ventos ou cantos do mundo.
Talvez me encontre num passeio,
Apanhe tarde os bocados de mim,
E me devolvam a plenitude de criança,
Que amadurece sem saber o que isso é

agosto 23, 2005

Vejo a realidade como da Lua,
Se vê o azul da Terra ou se deverá ver,

Na Terra vê-se o mundo e o azul destoa,
Errando a Humanidade sem se arrepender.
Vejo da torre alta a cidade sem a ouvir,
Repique de sinos surdos e por trás o vento,
Na rua oiço tudo sem que oiça o meu sentir,
No desejo de ter um só pensamento

agosto 19, 2005

Não perdoas esta minha ousadia,
Pisando-me com julgamentos inquisidores.
Mas concluirás que puro é, todavia,
Falar das paixões, de beleza e amores.
Não me maravilho à toa assim
Tenho apetite e fome de felino,
Com os olhos vou focando o alvo, o fim,
E lanço-me na Beleza como um menino.
Que tenhas sublime sabedoria,
Perdoando-me esta falta de subtileza
Se ao contrário fosse perdoaria,
Contemplares os teus afins jogos de beleza.
Quem retido nas trevas sobrevive,
Renasce quando propaga a sua alma,
E Luz divina exala e assim vive,
Como um pedinte de paz, amor e calma.

agosto 18, 2005

Já não valem os versos de ontem,
Tanto como ontem valeram,
Leio-os hoje e enrugo o gosto
Não me envolvem como ontem envolveram.
Olho-os por cima do meu ombro,
Atento se me seguem o rasto,
Porque hoje criam-me só assombro,
E deles todos fujo e me afasto.
Já não vale nada o meu passado,
Escrevi na lápide de tantos erros
Que cometi: " Jaz aqui enterrado
Quem detinha quase todos os medos.
E que vale hoje este presente
Dia estando só não se vivendo?
E que valerá à futuro à frente,
Se tantos erros ainda estou cometendo?

agosto 17, 2005

Sei quanto não faço sem liberdade
Impele-me o medo que a providencia,
Nada sei, porém, quando na verdade
Depois de livre ser, o que faria.
Brilha um Sol depois da tempestade
Rompendo nuvens, entrando p'la gelosia
Num espanto viçoso na flor da idade
Arauto da Liberdade e dum novo dia.
Mas crava afiado gume punhal destino
Sol de Ouro breve de pouca dura,
Repica o recolher do povo o sino,
Incendiando o Céu uma alma impura.
E escapa-me a liberdade por entre os dedos
Escrevendo ao Destino novos enredos.

agosto 16, 2005

Deixei de cantar como antes cantava,
Porque a realidade deixei
Pensei que com o tempo não me importava,
O Belo que amei.
Afasto-me seco do mundo que amava
No chão me prostrei
Dos bolsos caíram os mais belos que guardava,
Versos que cantei

agosto 11, 2005

Este não me ocorrer nada,
Chega a ser enfado
Nada me alegra, nada me agrada
Como se do mundo desligado,
Estivesse - antes assim fosse,
Como nas noites madrugado
Meu ser alegre escapou-se
Deste corpo jovem cansado

agosto 09, 2005

Das árvores tenho ouvido lamentos,
Preces de quem triste pende a fronte,
Não só a fúria íngreme dos ventos,
Mas do Velho maldizente do monte.
Concebe-se na fornalha inventos,
Secando as águas puras da fonte;
Escutei das árvores os lamentos,
quem morre de sede e se esconde.

Das caixas que insultam Pandora
Oíço mentiras de excêntricos profetas
enquanto pregam numa triste hora
Mas sei que não são meus poetas
Que expressam com mentes abertas
Realmente quem o Mundo decora.

São gotas caídas do céu de luz
num mundo de pez, negro cerrado
Entregue às feras e abandonado
Que sendo escassas, reproduz
Esplendor de feixes do bastão lançado
de feiticeiro que olhares seduz,
De almas vagas às quais me impus,
Um ardor meu como iluminado.
De juízos o julgamento é vão,
Fonte dúbia, de punhal na mão
Temo quem de sorriso se reveste.
A rua é estreita, escura a que escolho,
E o tempo passa como piscar de olho,
Como o sol no horizonte investe

agosto 08, 2005

Quando acabará a tempestade
que ao Sol desaba em mim?
Quando terei a liberdade
meu sono de querubim?
Quando conquistador serei
dos reinos que foram meus?
Quando me libertarei,
Aos inquisidores teus?

Ode à Mulher Fatal - Dedicado a uma concubina de fina flor

Quando vires passar na rua,
Uma cabeleira loira, encaracolada,
Contempla a mulher fatal:
Eis a loira anafada.

Seu cabelo esvoaçante,
Ao vento de ar condicionado,
Que de "Amor" anda pedante,

Pelo seu príncipe anaf.... perdão:
Encantado.

Em súbitos soltos gemidos,
Como seus cabelos amarelos,
Ao telefone que aos atendidos,
Faz sonhar com seus marmelos.

Não é que tape os ouvidos,
Oh God!!! O God!!! Oh sim,
Dos lábios saem-lhe frases
Que todos ouvem os seus gemidos

E quando surge música latina?
É um primor a sua dança,
Que ahhh... soltou a sua crina,
Ao vento e abanou a pança.

Fingida pose de superior,
Que mais ninguém a eleva sem ser,
Ela própria que procura o Amor,
Por uma noite ao amanhecer.

E veio lá da Barcelona,
Terra das góticas catedrais,
Pôs-se mais feia, a matrafona,
Pedindo amor pelos beirais.

Perfumando-se pela manhã,
Com o fresco matutino orvalho,
Trás no peito a ânsia que é vã,
P'ra com força levar com o ... trabalho.

E sem rancor velho ou novo,
sobre o seu soltar de crina,
Dedico as quadras ao meu povo,
Sobre a loira de cara bovina.

setembro 29, 2005

TESOURO

Teu sorriso ingénuo e ternurento,
É o palrar tão brando de criança;
Faz na Alma ainda ter a esperança
Na busca efémera de puro rebento.
São raras as flores nascidas, só lembrança,
De encontrar quem, resistente ao vento

Infantilmente sorri sem ardil, intento,
Luzindo entre quem sorrir pesa e cansa.
Se luz perfume fosse, asperges então
Estes corredores de ébano cerrado;
Sem que santa sejas, tens-me curado,
Minúsculo ponto de luz na escuridão.
Humilde alma, que ris-te de ti,
Se graça houver, imploro-te: ri!

setembro 28, 2005

PARTE DE UM SONETO

(...)

À existência minha pouca e baça,
Se teu amor por mim te amordaça,
Libero-te do sentimento nobre, tombando.
E quando do mar despojo assim eu for,
Nem uma lágrima derrames de amor,
Por mim! Te peço humildemente;
Só meus entes rochosos sentir-me-ão
Nunca de alguém prendados por um: Perdão!
Pois vivem, resistindo honradamente.

ROCHEDO

Estarei quieto, feito mártir, rochedo,
Ó mar de lágrimas tuas vertidas,
Nas vagas os ventos mágoas trazidas,
Onde estremeço... Porém, livre do medo.
Que Amor disfere frases puras, sentidas,
Antes dor, a revolta em ti vem cedo?
Esfolas-te somente tu no rochedo
E tuas lágrimas em mim embutidas.
Quantos ventos invocas, vagas de fúria,
No fim sorrindo quando da minha penúria,
De vontade hercúlea de resistir;
Tombando sempre se vive livremente,
Se não deixar na vida nada pendente,
Antes a Morte que o Real porvir.

setembro 27, 2005

UNGUENTOS

'Inda sinto entranhado,
Fundas feridas do meu passado,

Qual bálsamo aplicado em mim...
À pele não dou descanso,
Viajar nele não me canso,
E dar ao desassossego fim.
Qual martírio é este?
Já alguma vez te rendeste
Ao despotismo do teu ser?
Rebelião inútil!
Terei um futuro fútil,
Se no porvir me arrepender.

São lógicas tresloucadas,
De almas mal fadadas,
Quantos passos avançarei,
Nas escadas do pensamento,
Nos céus do sentimento,
Se pensar que nunca acordei.

Quantas horas me restam
Medos, dúvidas que infestam,
Extinguir em feixes de ouro, de luz,
Do berço frio abafado,
Cantar meu próprio Fado,
Que de impulsos, obras produz.

Torna o homem fecundo,
Quarto barrado e imundo,
Com palavras se alimentando
E se as penas se acabam,
Temo que feridas se abram,
Vivendo só delas tratando.

setembro 25, 2005

VERSO

Amor!
Eis o mais sublime verso.
Reúne todo o Universo
Cega o cego ser perverso
Luz dum Sol jovem em nós.
Eis todo o esplendor!

setembro 23, 2005

CORVO

À mulher fatal, fatal destino
Como quem disse que tombaria
Pela espada se dela vivesse,
Pela espada, sucumbiria.

Ter esperança? Tenho-a nos outros,
E para mim nenhuma guardo
Essa força que levita o fardo
Tornando-nos vivos e não mortos.

Existe Sol, a luz e as flores,
Existe um berço chamado Amor,
Amaldiçoo-me das malditas cores,
De tudo amar causando dor.

Se meu coração cessasse um pouco,
A eterna fome e sede de inverter,
O cântico mudo, gasto e rouco
Feliz seria, ingênuo até morrer.

Nem tão pouco sei como já ando,
Nas ruas estreitas, ruas de imundice,
Mas colho mensagens de um livre bando,
Que desmascara a vil canalhice.

Sinto uma compaixão que comove,
De quem passará por mim agora na rua,
Viola tocando pedindo e continua,
E livre entregue a si mesmo se move.

Sempre me enganei a ajuizar pessoas,
Pois não chego a fazer juízo algum,
Não sou juiz nem tão pouco mártir
Sou neste mundo atroz apenas mais um.

Continuarei pecando como antes, errando
Sem aniquilar a natureza que em mim floresce,
Sou mármore esculpido que de si não esquece,
Que outros para além de mim, vão mais pecando.

setembro 22, 2005

CÁRCERE

Sentado na pedra fria duma masmorra,
Invoco o que em tempos tanto vivi
Mesmo que passado o tempo não socorra,
Olho à frente o azul que outrora vi.

Estreito se apresenta ainda a vista,
Qual mente hercúlea invoca alucinações,
Quando pelo muro branco se avista,
Ao seu redor, distante de reais visões.

Embalado o berço que se agita brando,
Por mão extremosa, a mente, como uma Mãe,
De recém nascido longe ainda do bando,
Que terá seu tempo de voar também.

Um ponto azul naquela vista primeira,
Inquieto se asperge e o corpo se afasta,
E o mar surge-me de frente, visão pioneira
Do globo terrestre dorido pela 'fina' casta.

Gaivota sou?!? Albatroz, e sigo a caravela
que em direcção à costa serve-me de guia
Nem Sol ou Lua a costa anunciam. É ela!
Ilha Perdida que não existe. Todavia,

Provo ao toque leve a fina areia
Servindo-me da mente, apenas recordando-a,
Essa realidade atroz que sorve da veia,
Sangue da poetisa vida, drenando-a.

De sonhos meu viver não basta; resta
Parte do meu instável ser e intranquilo
Parte da minha alma não parte nesta
Barca, rumo a um porto calmo e tranquilo.

No chão se espalham histórias de criança,
Lançados ao inglório vento, vento funesto,
Ainda guardo no sonho uma tola esperança
De superar-me. Mas hoje... hoje não presto.

Do que fui e sou, nos escombros remexo
Almas gentis e puras de outros valentes
Que abrem apaixonados trancos e fechos
De almas agrilhoadas e dependentes.

E sinto por mim compaixão momentânea
Como a nuvem que depressa no céu passa.
Será que 'inda minh' alma é consentânea
Com o que fui? Ou sou já a igual farsa?

setembro 21, 2005

In conforma

Se pudesse ter sem teu consentimento,
Este enleio raro da alma embevecida
Dar ao devaneio precioso seguimento,
Estaria sossegada a alma e guarnecida.
Foste-te, Cleópatra de todos encantos,
Que teu polido nome é enaltecido,
Como as noviças e todos os santos,
Tendo ainda o diamante embrutecido.
Todos os dias vejo o que rejeito,
E deito do cesto fora todos os frutos,
Que podres não me servem, e imperfeito
Prefiro estar no meio dos putos.
Quem mandou ser certo ao chamamento?
Lembro-me que faltava imenso no passado
Ao carregar de andores com sentimento,
Tendo todos os poetas ao meu lado.
E agora que todos deixaram as penas,
Tinteiros abertos, papel imaculado
Dizem-me que estão bem com suas Helenas
E fico escrevendo só no chão, deitado.

Mais tarde arrepender-me-ei...

Mais tarde arrepender-me-ei,
Do tempo que agora passa,
Mais tarde recordar-me-ei
Que a vida é escassa,
Que é um tesouro,
Escondido e breve,
Descoberto no peito,
Quando se sente leve.
Mais tarde? Basta!
Hoje e não amanhã,
Porque a torna gasta
O tempo, a Alma vã.
Tacteio o escuro
Na mansarda do destino

Que sempre me é indistinto
Nunca me chega o que sinto
Quando acordo pela manhã.

setembro 20, 2005

A BORBOLETA

Não me sinto livre
Minha Musa, minha amada
Nem no punho deslize
Numa folha amachucada.
Só sinto esta dor,
De viver alienado,
De sentir nestes dias
Vazios, emboscado.

Tem batido meu rosto,
Nas portas da alegria,
Definho na realidade,
Definho na poesia,
E se oiço mentiras,
Tantas, à minha volta
Finjo-me que esqueço
O mentiroso e sua escolta.

Se esta vida recuso,
Porque hei de eu vivê-la,
como mendigo ou recluso,
Sem desejar perdê-la?
Lanço-me no abismo,
de perguntas e monólogos,
A vida é um eufemismo,
De constantes diálogos.

Mas suprimo a dor,
quando contigo eu estou,
Repousando num abraço,
como quem nunca abraçou,
E saindo da teia,
Que me prende no dia,
Contigo, dulcinea,
Tenho a sublime poesia.

E quando o astro ilumina
Na alvorada ao amanhecer
Com a suave luz fina,
Tenho de me desprender,

De ti e invocar,
Uma vontade feroz,
De enfrentar um mundo,
Que é falso e atroz.

Vivo numa ânsia,
constante e irreduzível,
De escapar de gaiolas,
Sonhando (irreversível)
Que não basta vaguear,
Nesse sonho constante,
E do avesso revirar,
Minha vida de pedante.

Mas no escuro existe,
Uma borboleta ousada,
Que asperge de luz,
A escuridão cerrada,
E em mim induz,
Força para continuar
És tu, minha Fada
A borboleta a esvoaçar

setembro 16, 2005

IN EXTREMIS

Subo gradualmente as escadas, Ó Mãe Natura
Observo o Humano feito, algoz do futuro,
E impotente fico nesta inércia que perdura,
Deixei de viver em tempos; agora, apenas duro.

Mas oiço atento os versos que cantas efervescente
Rasgo um sorriso curto como quando o sol se vê,
Retida gente nas trevas que desponta quando de repente
Contempla-se num gozo como uma bela frase se lê.

O extremo é intolerante e vejo nele vossos impulsos,
Ó mares, ó ventos... ó Terra que nos estremece.
Somos embalados pelos doces e brandos impulsos,
E abalados somos quando Neptuno se enfurece.

setembro 07, 2005

Ergo-me do leito chamado amor,
Sobre os lençóis brancos de cetim
espreguiço-me distante, que não é dor,
Seguindo a voz que chama por mim.

Tratei das feridas da solidão,
Com bálsamo de leite de quem amei
Espantei um pouco a Morte do coração,
Mas novamente sua voz escutei.

De pedra em pedra sobre o charco,
Enlameado pelos lúgubres dias,
Salto sobre o Real que é tão parco
De inspiração para novas poesias.

Sofri advindo a arte do sofrimento,
Outro rosto do amor contido,
Porém, fartei-me do igual momento,
No mundo celeste por dois repartido.

E agora canto um pouco só contente,
Chamando os quatro ventos do passado;
Talvez depois a Musa me seja clemente
E me escute a alma do tempo afastado.

setembro 06, 2005

Afinal não se é pioneiro
sofredor anónimo longe e, num canto,
Vê-se fugir todo o seu encanto
Mar Alto - barca sem timoneiro!
O vinho bebe-se, sem porém
Bebermo-lhe seu sabor frisante,
Ficando lívido e distante,
Vendo o Real do monte além.
Mas não brilha mais no escuro,
ínfimo átomo, partícula de luz,
Clarão aberto por detrás do muro,
Desconhecendo para onde nos conduz?
Só se crê vendo, e se anda
Em frente quando o medo impele,
Ao retrocesso, ao negro regresso
Infantil berço que sempre nos repele.

setembro 05, 2005

Onde estão os tesouros escondidos
Debaixo da aridez da gente,
Onde estão os espíritos perdidos,
Que sonham apaixonadamente
Pela beleza à vista obtusa,
Explícita, e consecutivamente
Caem sobre braços de Musa,
Do Amor, curiosamente?

Amo-te

Como os ventos do Norte já se foram,
Foram-se-me as frases eloquentes,
Tenho comigo tristes presentes,
As frases que os poetas adoram.

Que a solidão me seja inclemente,
Pois curvo a fronte presa tão pesada,
Como tenho eu a vida fadada,
Ansiando ser-me a vida sorridente.

Quebrei a corrente que nos torna,
Calorosos numa chama ingente,
Que amado, o fogo se nos forma,
Mais luzidio o mundo à frente.

Que erros, culpas, chagas? Todas tenho,
Se destemido amei, razão esquecendo,
Só posso sublinhar o que vou lendo,
Tendo um estar absorto vago e estranho.

Farei outros retratos dos risos teus
Negro humor crescido, riso alegre,
Que o rir a vida adorna e assim prossegue
Nos mil risos soltos teus e meus.

Que união divina é essa quando,
A vista ao tempo turva e célere passa,
Nele escritas frases como: "Me abraça,
No tempo, quando unidos, ia encurtando.

Se da lareira teu fogo falasse,
Que nos diria ele p'ra nós em brasas,
Será que o açoitamos quando as asas,
Batíamos, pensando que ele escutasse?

Se o brando ronronar dos ribeiros,
Na mente soasse claro como cristal,
Diria que passava pelos outeiros,
Floridos por um Amor monumental.

E a ternura tanta, a ânsia, o vício
Por ti em pensamento, sempre inquieto,
Que o coração pulava como desperto,
Quando me aliviavas do meu suplício.

E exaustos os dois adormecíamos,
Contando estrelas com luar fingido,
Pensando como nunca tinha sentido,
A pureza amorosa que sentíamos.

Que chama acesa sempre dura,
Quando o fervor se nos dissipa,
É flor que no Outono se constipa,
Quando na luz exposta na terra dura.

São versos sem que palavras existam,
Que só à Terra os anjos nos trazem,
Dos angélicos peitos que no céu fazem,
Poemas aos que no amor insistam.

Haverá melhor berço que vivo sente
Que viver afastado da luz
Sem vontade de amar novamente,
Amo a beleza que dele reproduz.

Vem dele tamanhas obras sublimes,
Que se eleva aos Céus em adoração,
A luz que de nós extingue todos os crimes,
E no ar a alma paira em levitação.

Não procurei, apenas te encontrei,
Com uns olhos tão tristes marejados,
De lágrimas vertidas, nunca enxugados...
Musa: como irei amar como te amei?

De vedados os olhos caminhando,
Sempre em frente porque não te vejo,
Ao meu lado acordar, em ti um beijo
Na tua face saliente, depositando

E despertando em todo o esplendor,
Assistíamos abraçados ao amanhecer
Quem terás ao lado, meu amor
Alguém por perto no entardecer?

Que pares sentem exacta sintonia
Sobrenatural quase, quase sempre?
Que muitas vezes dela não me lembre,
E deles, os anjos guardem a sinfonia.

Porquê desenlaçar os laços todos
Das mãos, dos pensamentos alguns
Sei que comigo ficarão e nenhuns
Deles me lembrarei em feros modos.

Só em sonhos ver-te-ei de novo
Envolta em mim como selvática hera
Ou água bebida num forte sorvo,
Rugindo, jeito felino, como uma fera.

Não quero ao lado ver o dia raiar,
No exacto gesto róseo e manhoso
Talvez não escreva mais verso pomposo:
Sem ter teu belo rosto pr'a contemplar.

Não nego a fome, a sede que sinto,
Constante que inquietos nos torna,
Confesso ser inconstante na vida morna,
Que sedes, fomes criam em nós (não minto).

Mas a saudade aperta neste abrigo
Que as palavras gentis me cedem,
Albergam-me, e em papel me seguem,
Em bando num negro diário comigo.

Retroceder para trás, não; olhando
Estendo em frente a mão no escuro,
Como procurando um qualquer muro,
Que nos ampare quando caminhando.

Qual dia que em ti não vou pensar,
Que versos amorosos não vou escrever,
Porque a dor terei que apartar,
Se nunca, Musa, te irei esquecer?

Porque haverei eu de te odiar,
Se me embelezaste mais o mundo,
E partilhaste o teu como no fundo,
A pedra recolhida do fundo do mar?

Teve o sentimento se nos revelar
A outra face em si ocultada
Dos astros um eclipse de luz, luar
Do Bem, do Mal ou verdade revelada.

Talvez fraqueje e não me segure
Ignoro porque teu nome não reclamo
Pois afastados, talvez assim perdue
O sentido de dizer-te como te amo.

Não existem Céus tão encantados
Que gentis nos oferecem as estrelas
No entanto, quantos sentem incomodados
Por escreverem sozinhos à luz das velas?

E se pudesse por ti trocaria,
Sem pensamentos alguns adversos,
Todos os meus livros de poesia,
E estar contigo seriam todos meus versos.

Se de mim brotei algo de grandioso,
Devo-te a ti, Divina Inspiração,
Pois não escreverei poema virtuoso
Se banir o teu nome do coração.

Caiem das árvores as secas folhas,
Como se por nós lágrimas derramam.
Sonharei que pr'a mim 'inda me olhas,
Com os felinos que, como eu, te amam.

outubro 28, 2005

Olhos serenos como os rios são...

Olhos serenos como os rios são
Que leves escorrem em constantes ais
Traços finos... tão bela! Tão...
...simples aos pouco sentimentais.
Não por demais é a inspiração
Divina, cântico puro dos pardais,
Que em bando voam, em formação
Por querem vê-la de perto mais.
Escultura grega num mármore frio
Da sua hirta pose e elegante
Que o florentino nunca esculpiu;
Talvez um cantor a encante,
Com cântico que nunca existiu,
Duma alma pura, no mundo, errante.

Tem cabelos lisos descaídos

Tem cabelos lisos descaídos,
Como fios de águas que caiem,
Dos montes que postos ouvidos,
São versos que do rio saem.
Seus ombros são delicados,
Que os tons da pele sobressaem
E uns seios jovens moldados,
Por sorrisos que nela recaem.
Separados no inverso mundo,
Que quieto torno-me fecundo
Aos olhos abertos e sonhadores;
Fico triste de poder olhar,
E alegre por tanto me inspirar
Faz-me aos poemas, mil favores.

Não oculto nada do que é meu...

Não oculto nada do que é meu,
Nem é meu nada ocultar
É pesado fardo a carregar
Cada um carrega o fardo qu' é seu.
Julieta, amada de Romeu
Desceu do seu alto altar
Para Romeu pudê-la amar,
E chegar, no Amor, ao Apogeu.
Não há dominado, dominante,
Nem mentido ou mentiroso,
Penetrado ou penetrante;
Há só um gostar desgostoso,
Berço humilde mendicante
Que sem embalo é tenebroso.

Correm-me céleres nas veias os versos

Correm-me céleres nas veias os versos
Sem que adágios tenha (rio mundano),
Oíço distantes os sussurros inversos
Murmúrios constantes do que é profano.
Nem rios, regatos, mares são perversos,
Nem o dorso imenso do oceano
Que nas ondas se formam sons dispersos,
As vozes na mente dum leviano.
Tenho aberto livros, vendo as pinturas
De pintores loucos que sublimaram
A Mae Natura exposta em molduras;
Abençoados loucos que encantaram
Nós, miseráveis, nos dando espessura
À vida que, outros, ao mar lançaram.

Não vês meu rosto, minha tristeza...

Não vês meu rosto, minha tristeza,
Não vês meus olhos, sal que derramo,
Não lêes nos versos como eu te amo,
Aos versos que davas tua grandeza.
Perto não vejo a etérea beleza,
Pular de pássaro de ramo em ramo,
Longe de ti, pelo teu nome chamo,
E não me ouves sem ter certeza.
Nem sóis desmaios ao entardecer
Ou manhãs brandas de sóis nascer,
Cego, eu vejo de olhos abertos;
Nem Luas subidas, caídas manhãs
São aos meus olhos as estrelas vãs
E verdes campos áridos desertos.

outubro 27, 2005

Maldito

Se me virem a olhar,
Para os olhos de alguém,
Perdoem-me, por admirar
A beleza que alguém tem.

E sei como assusto
A flor que contemplo,
Tenho nos versos posto,
A beleza como exemplo.

Guardo tudo em mim,
A simples graciosidade,
Nas faces, o carmim
Do rubro da ingenuidade.

Digam-me: que melhor eu tenho,
Contemplar o que é belo
Por ter desejo tamanho
Do belo envaidecê-lo.

Passo, sorrio, converso,
A todos; são meus presentes
Guardo num cofre adverso
Mesmo olhares, de mim, ausentes.

Sinto que fui amaldiçoado
Por não ter qualquer pudor,
Ah, se vivesse só de pecado,
De amar, seria um pecador.

Das raízes nasce o fruto,
Que é o mais apetecido;
Mesmo o ser mais astuto,
Vive adverso ao proibido.

E no vagaroso deslizar,
No tempo, tudo se proíbe,
Tornou-se proibido ousar
Nos dias em que tudo inibe.

E do aperto o sonho nasce,
Dele semeia-se desejo,
E dentro o desejo cresce,
De oferecer a alguém um beijo.

E se um beijo é heresia,
Longo, meigo e prolongado
Sou herege durante o dia,
Por no momento, não ter pecado.

outubro 26, 2005

O Ser Mais Que Imperfeito

Caiem bocados de mim sem que me importe,
Se ergo em mim os templos de Salomão,
Mesmo que a ruína me espere, a própria Morte,
Se, mortais corremos cegos à Perdição.
Se dos meus ramos caiem as folhas mestras,
Com o pensamento me crescem flores à volta,
Bem sei ser uma criança: tenho vastas florestas,
Assombradas: deixo fantasmas andar à solta.

Quais salteadores em bando (sempre em bando),
Nas clareiras ateiam fogos, mas assustados
Tenho sido benevolente no castigo, brando
Abrigo dando, por terem sido esconjurados.

E esconjurado me sinto num seio alegre,
Por vezes abençoado quando me abandono
Passo - como Aquiles - sem desvios que segue,
Exacto, adormecido só pelo negro sono.

Cruel destino o nosso, em frente tateando
A vaga de nuvem negra que se aproxima,
Como exércitos de anjos por mim chamando,
A ser demónio, anjo, Nada Lá em Cima.

Lanço-me no mar revolto de cogitações,
Agitam-me pensamentos em imponentes vagas
Estremece-me a mente o Deus dos Trovões,
Que engole frases cativas em mim amargas.

Mas como uma miragem ardente no deserto,
Vem uma fada em sonhos luzidia em luz,
A bonança abençoada, a calma, com a qual desperto,
Que quando razão perdida, a leve calma seduz.

Existem grutas onde as Ninfas mais belas,
Se banham ignorantes do tremor, fúria terrena.
Tenho ao mar lançado em sacrifício, lapelas
De lugares onde alma nunca me foi pequena.

Sou entre comuns O Ser Mais Que Imperfeito,
Ao destino, errando pelas vias mais vis
Longe de se importar não ser um ser perfeito
Dos erros, desejando ser ele o próprio juiz.

outubro 25, 2005

Cândida

Ingénua, vagueia pura por entre a alcateia,
De lobos ferozes, feios algozes do seu destino,
Materna fada, excelsa Mãe esta dulcineia,
Que à hora sai para ir cuidar do seu menino.

Seus olhos ternos são dum verde sonhador,
A voz de flauta que dos lábios flui é musical,
Alva pele rosada, reluzente em que o Amor,
Que à família dedica, é vista como voz do Mal.

Cândida, delicada, alegre; um jardim florido
Ouvidos vagos aos mexericos e intrigas
Um sorriso ebúrneo encantador e divertido,
É um passeio dado num extenso campo de espigas.

Não pia, esta andorinha cândida primaveril,
Neste mato bravo de feras de fato e gravata,
Prendados mais que eu rondado uma vezes mil,
Ao fim humilde mês que ganho em ouro ou prata.

E para Natal num ano, uma prenda se recebe,
Eis que chega a ela seu dia de julgamento,
Que sobre pobre mulher o juiz da fonte, bebe
A suja água vinda de um terceiro pensamento.

Sibilam no ar palavras injustas como chicote:
"Não tem imagem apropriada, pujança ou postura,
E além do mais não sais, como nós, daqui de noite,
Nem penses nos enganar com a tua falsa candura.

E de lágrimas nos olhos, contendo dor apertada,
Saiu sem um aumento vil a mais na algibeira,
Sem fazer juízo ou queixa da colega mais anafada
Que no cigarro é companhia, da intriga é parteira.

outubro 24, 2005

Quão árdua tarefa é querer...

Quão árdua tarefa é querer,
Maior invocação é feita,
Não sendo, porém, desfeita,
Extraír da vida um prazer.

E se posso tanto em mim crer,
Encaro esta vida imperfeita:
Que toda a alma é sujeita,
Na floresta densa se perder.

Extravio-me como renegado
Do corpo, co' a alma voando,
Nos dias durmo acordado;
Sem crer, dias vou contando,
Os memoráveis e, estouvado,
Vou a vontade incitando.

Mensagem ao vento

Cobriu a noite com seu manto de veludo,
E com ele, a Lua os ombros encobriu
Escondeu-se o Sol ao fundo, carrancudo,
E a Lua subiu.

De pétalas fechadas, dormiam encolhidas,
Mimosas violáceas que sorriem de dia,
E quando a luz esmorece, p'lo sono são vencidas

Como eu gostaria.

Só por companhia as estrelas, desolado
Fiquei esperando que chegasse minha Musa,
Qual meu espanto: nada! Fiquei agoniado,
Por vir dela recusa.

Pensei quantos poetas dispersos sofrem,
Do abandono próprio das almas puras,
Quais versos sofredores Musas reprovem,
Com mil ternuras!

Torno-me descrente em tudo que eu cria,
Templos escondidos, engolidos no deserto
Resta-me este corpo e só o que mais queria
De tê-la por perto.

E chegará a hora,
De vir numa demora,
Talvez à sua frente contenha inútil pranto,
Porque desentendo,
Qual de nós ficou tremendo,
Sabendo que nenhum dos dois é santo.

Onde estás, quem um dia me iluminou
Sem procurar a luz sublime que ilumina,
Meu apagado estro que nunca sublimou,
A flor mais fina.

Espero sem esperança num desassossego,
Por não vir com pombo uma mensagem
Onde estás quem tenho tão sincero apego?
Nem vento, nem aragem...

outubro 21, 2005

A VERDADE

«Quem é aquele senhor,
De espírito calmo e sereno,
Cujo brilho nos causa dor,
Da vergonha de ser-se pequeno?
Será a Morte cujo rosto,
Esculpe o vampiro sedutor,
Que o sangue nos arrefece,
Com um instinto predador?»
É a Verdade, pobre donzela,
Que se oculta de noite e dia

Quer que a apresente a ela?
«Não, que eu bem não ficaria,
Na fala, a verdade é um gosto,
Que, revelada, causa desgosto.

Ah, se escultor eu fosse...

Ah, se escultor eu fosse,
E também fosse pintor,
O mármore frio talharia,
E salpicava a tela com cor,
Da cor inexistente,
Que invoca o puro amor,
Da cor do Sol poente,
Quando nos tira seu esplendor.

Ah, se fosse tudo,
O que não teria feito:
D' ofensas seria mudo,
Cego ao preconceito,
E se apenas um só fosse,
Seria para mim perfeito,
Se em contemplações passasse,
A talhar o imperfeito.

Trago comigo tão sentido tema...

Trago comigo tão sublime tema,
Que arde meu estro e se asperge
De Charles, Victor, William cujo lema,
Neste mar cinzento e triste, emerge.
Sinistro vou na turba vagueando,
Cantarolando tão belas melodias,
Sonho ser a águia que, voando,
As canta no crepúsculo dos dias.
E sem sentir encovados olhares,
Torno o baque célere e ansioso,
De ouvir 'inda meu eco a soar,
Pelo triste mar cinzento de gosto.
Até que chegue a derradeira hora,
Quero voar por esse mundo fora.

outubro 19, 2005

Templos

Nem lágrimas, nem sal derramo nesta tristeza,
Tão inconvenientes em momentos de solidão:
Que oferece uma existência para além da beleza,
Enterrando-se na areia da deserta multidão?

Não quero nada. Nem amor, nem a agonia,
Nem alguém ajuizante do brilho deste tesouro,
Que escondido, encontrei. Sem ele, o que eu faria,
Sem felizes destronar em troca de inútil louro?

Que música se ouve além da diária fúnebre ária,
Que um gado descontente caminha sem prelado,
Sem estrela, mar à vista, cego na vida precária,
Dum bálsamo nas feridas desferidas, encontrado

São minúsculos pontos luzidios que do céu caiem
Nas mãos a honra escapa; ser digno é ser pirata,
Corro a outra riqueza: os olhos me enriquecem
Quando vejo a Lua, ao rio, oferecer prata.

Sonho excessivamente como forçado das galés,
Cantando numa fuga, espantando a fadiga,
Na ânsia que o crepúsculo lhe traga outras fés,
Palpáveis, mais visões que ter Santa como amiga.

Remando contra os ventos de áspera mudança,
Vejo o quanto é o nosso destino cruel,
Nos ciclos de humana chuva definha-se a esperança,
Dum só que vivo sente só o amargo sabor do fel.

Talvez seja uma gripe sentimental que se apanha,
De contagiosa gente que não trata de ter paz,
Onde é invisível aos olhos mas sentindo, estranha
O carregado ar e o peso que a chuva traz.

Despertos para um erguer novo de sol, o mundo
Acolhe o sofrimento semeado por alguém,
Que vence mais que a força do humano fecundo,
Treme a terra, o mar, invocado por Ninguém.

E na fragilidade de rostos pouco rubicundos,
Das Odes mais alegres, longe do romantismo,
Sofre num queixume aos olhares mais profundos
Que entenece as almas horríficas no despotismo.

E se a Terra não treme, e o mar não se agita,
Contemos com o pouco que é tudo nesta altura,
Colhe-se das brandas chuvas que nos incita,
Nas vindimadas parras a uva mais madura.

Vinhos por deuses feitos não bebo: são irreais,
Talvez queiram beber saboroso licor humano,
Mas sirvam a eles taças: bebam, riam por demais,
Girem o globo azul sacudindo o que é profano.

Tombo na Grã loucura feudalista de pensamentos,
Nem mente ou coração já me prestam vassalagem,
Conquisto os meus impérios vastos de sentimentos,
Sem receber mimosa, no escuro uma mensagem.

Pairo sobre os céus, olhando o horizonte,
Cinzento vivo desses caprichos vãos dos ventos,
Guardo as cores mais púrpuras, fegosas nuvens defronte,
Voando sobre vontades, plantando outros alentos.

Tempo me sobra para na paz parar um pouco,
Próprio ajuste de contas sem que a pena seja o sabre,
A mente em liturgias lúgubres, divagações de louco,
Que vê mais do que o vulgo, que diz mais do que sabe.

Se soubesse essa verdade que se vende nos vitrais,
Por luzes iluminando o quão pouco de iluminados,
P'rá tumba os levaria como o que sabia demais,
De mistérios que seriam mais tarde revelados.

Ampla mente trôpega de conceito errado ou certo,
Sem princípio ou fim, subir e descer montes
Do verdadeiro ou falso enterrado num deserto,
Longe dos que contemplam para lá dos horizontes.

Escondam a vara de condão num espaço imenso,
Esvoace no abismo sem tempo ou incerteza
Contempla o Céu perdido, tão belo e extenso
Preso aos fascínios celestiais da pura beleza

Num dia de cinza manchado o céu...

Num dia de cinza manchado céu,
Para o branco olho, esvaziando-me,
Coberto rosto por um negro véu,
Pelas ruas ando, invocando-me
Arqueólogo que busca o que era meu,
No peito dentro, remexendo-me,
Sem te culpar do que era teu
Perdido e exausto, odiando-me.
Questiono tanto o inquestionável,
Olvido que importa, ao agradável,
Onde estava eu quando me deixei?

Vejo sem ver e sem nada sentir,
Ninguém conheço p'ra me ouvir;
Onde está o meu gostar que gostei?

Perdi-me na solidão desamparado...

Perdi-me na solidão desamparado,
Dos cânticos, dos amores, da literatura,
Pregou-me o destino a travessura,
Quem proscrito vive inconformado.
Tem a pureza hoje outra espessura
Mais qu' ontem densa, e alienado,
Sinto-me do veneno atordoado,
Sem antídoto, sem remédio ou cura.
Porque não se estende negro manto,
Sem me achar um demônio ou santo,
Onde a esperança em mim tanto esmorece.
Não sei se feliz fico quando te vejo,
Se tem ou não ainda nosso beijo,
Talvez do mundo não seja... Esquece!

outubro 18, 2005

Não posso sempre me esconder...

Não posso sempre me esconder,
Neste ponto entre a eternidade,
Não posso. É uma enfermidade,
Viver sem que eu possa viver.
Para quê encontrar essa verdade,
Sem que a verdade queira saber,
Depois de tudo, que irei reter,
Os feitos meus da mocidade.
Sei que vou contra o desespero,
Olhando em busca do horizonte,
Ficando com o olhar distante,
Se vivo, da fonte beber eu quero,
Que um novo sol em mim desponte,
À Natureza ser fiel amante.

Ainda tenho presente teu belo rosto...

Tenho 'inda presente teu belo rosto
pálido como manhã de Primavera,
E nele o rubro doce, tal é meu gosto,
Só ver-te flutuando numa quimera.
Longe... tão longe é um desgosto,

Conter por ti sedes de quem desespera,
Porque amo-a mais que um belo sol posto,
Deu-me luz, quando a minha desaparecera.
Mas não preenches a memória imensa
Ficando com a visão de ti deitada,
Olhar teus lábios finos, vi-te babada
Ficando dos anjos com uma nova crença.
Mas depressa tudo se extingui,
E o caminho cada um de nós, seguira

outubro 15, 2005

O sorriso mais belo que já vi...

O sorriso mais belo que já vi,
Saiu dum rosto jovem engaiolado,
Que engraçado, voou só por si,
Depois de felina me ter soprado.
E fiquei triste ver quando assisti,
Mãe leoa ter a cria incitado,
E atracado ao sorriso anui,
Estendi as asas como que encantado.
Pode ser que no fim se juntem,
E o corpo de abraços e beijos, untem
Até matar essa saudade.
Ó Hermes trás sempre mensagens,
Destas, das eólicas aragens
E poise, cantando em liberdade.

outubro 14, 2005

Ó poeta triste que vagueia errante...

Ó poeta triste que vagueia errante,
Li teu poema obscuro, enigmático,
Fiquei no fim da sinfonia, apático,
Se erga a voz de ser expectante.

E que a inspiração cedo levante
Vejo-te no mundo só e estático,
Como da bonança mendigo céptico,
Desconfia da Mãe Natura gigante.

E se não fosse ter a leve pena,
Teria mais que uma bela Helena,

Chegando ao zénite dessa flutuação,
E póstumo (sempre póstumo) saberia,

Que ao trovão na vida respondia,
À chuva, vida pedante e de negação.

Já nesta vida me desviei...

Já nesta vida me desviei,
E avancei noutro andamento,
No momento que me curvei,
Deixei herança do sentimento.
Mas tarde o fosso passei,
de sorver a vida e amar momento,
No pensamento desesperai,
Por não ter nada, vazio de intento,
E espanto ao estro meu que dei,
De muito ardor ficou isento,
Que o céu imenso atingirei,
E voarei com próprio alento.
Diz-se tanto que tarde é nunca,
No majestoso final que adunca.

outubro 13, 2005

Lembro-me...

Quantos tesouros hoje tenho lembrado
Nos dias entediantes hoje presente,
Que me incitam tanto, tanto continuamente
Beber com a mente à fonte do meu passado.

E no tempo viajando, noutro tempo me encontro
Das glórias da espiga azul que ao sol ondula,
De branco salpicada e o Sol quente pulula,
Na alinhada espiga tão real como num conto.

Ressoava o arrepiante vento, que no peito bate,
Num estrépito estridente, hino de grande nação,
Que o mundo estagna e ouve, alguns no peito a mão,
E o cântico soa, vento forte que na alma embate.

Ainda oiço alegres marchas, árias comemorativas,
Não guardando, no entanto, longas alocuções.
E o preparar da marcha era alívio aos corações,
Menos resistentes às horas longas e compridas.

Na humana cadência ao desfile se dava início,
Uma inanimada pedra nos rostos se alinhavam,
E num militarizado gesto, as espadas se curvavam,
Num perfilar de rostos mais leves do seu suplício.

O chão estremecia com o forte bater no chão,
Como se revoltados contra ele, eles estivessem,
E perto da tribuna os rostos dignos sobreaquecem
A honra invocando, brotando orgulho do coração.

E a dor da barretina, acima o sol, dilata a mente,
Onde o penacho esvoaça sempre, branco, sobressai
No queixo o franquelete cede à facial força e cai
Deslizando do botão mantendo o olhar sempre em frente.

(...)

outubro 11, 2005

...e da vida que deste.

Nem eu contemplo
Chuva caída,
Terra roída,
Por força celeste;
Ó Natura forte,
Mãe da Morte,
Que o milagre, vida
Gentil nos deste

Clamoroso Céu,
Nuvens deformadas,
Cinzentas e branqueadas,
Que irosas me refrescam,
Ó tédio no inquieto,
Ócio ao espírito aberto,
Ao sol onde almas secam

outubro 08, 2005

Gula

Pretendo tanto ouvir quem não se ouve,
Olvidas vozes vindas dos quatro cantos,
Cansado néscio mundo que mal se move,
Nos templos onde se ouvem imensos prantos.

Tenho a mente presa como se de lobotomia
De extinto pensamento e pânico iminente,
Funesto ao olhar alheio perante a luz do dia,
Cativos nesse Adagio do "quem nada sente"

De hipérbolos cores a própria tela pinto,
Sem ofuscar-me tanto com a obra-prima,
Sou o artista erguido que emprega a cor que sinto,
Que canta o caos da mente, corrói o ego e a estima.

Tropeça-se no atelier das empilhadas obras,
Ao desleixo expostas de quem não pára e avança,
Das vigílias constantes às rastejantes cobras,
Que, luciferianas, chamas lançam à flor da esperança.

Temo da divina seu virar de costas enquanto,
As teias se tecem em quartos esqueléticos, livres ateliers,
Nas mesas cheias de abertos livros de encanto,
Festim sumptuoso servido ao sábio que nada vê.

outubro 06, 2005

Indefinido

Não procures nunca entender,
O que é incompreensível,
Nem tentes converter,
O impossível.
Não busques o que não podes ter,
Como uma birra infantil,
Vive sem entender,
Porque existe o que é vil.

Não contemples o invisível,
Rodeia-te um mundo imenso,
Nem temas o imprevisível,
Porque tudo é intenso.
E se a Natureza escutares,
O equilíbrio perfeito,
Terás tudo para amares,
Sem vil preconceito

Ente Diabo

Nem me apercebo
que o tempo passa,
Na vida escassa,
Nem algo recebo,

Nem cor nem nada,
Na alma arrumada.

Sentir que averno,
No meio do vulgo,
que urra contente,
Na chuva de Inverno,
e resta-me olhar,
A naire de guerreiros,
Que engole-os inteiros,
Sem intento de amar

Pela fenda a fundo,
Sonha-se só,
Abismo profundo,
Encaixe perfeito,
Colocando-me direito,
Ginete em riste,
foste tu que pediste,
Ser mais que imperfeito.

outubro 04, 2005

D' apertos versos de água...

D' apertos versos de água,
De diques, rebentos,
Leva-a contigo a mágoa,
Escoa-a, rio de tormentos.
Na ar que é espesso, cai
Um sol ocioso,
Nem folha de Outono sai,
Do plátano vigoroso.
Perto dum instante breve,
Fico só, pensativo,
Entre quem humilde, serve
No dia aflitivo

Ode Miserável

Ó os da minha estirpe,
Ó gente que sofre e sente:
Que aos lares tristes regressam,
Que ao fardo se curvam humildemente
De olhar baço encovado,
Distante, gasto enrugado,
Que da dor bebe sofregamente.

Ó sujos e andrajosos,
Num lento passo desejosos,
Nas carruagens de ânsia e nervos,
Banidos de berço ou tesouro,
Nobre povo coroado
por mim d'ouro que foi forjado,
Onde nasceram no berço, servos.

Que os une ou sustam,
Esperançosos tudo aguentam,
Na procissão diurna vagarosa sempre igual?
Povo culpado de tudo,
Desse mundo falso e mudo,
Que do arдил sorriso se esconde um mal.
Um mal que nunca dorme
De virtude se mune disforme
Que subtilmente cobre do manto d' ébano desigual.

Oiço os sonoros ais, soltos
Por quem nada teme mais, revoltos,
No mar que brando se torna iroso,
Mar meu revoltoso,
Que nos engole nas ondas da cobiça,
E o vento que ao mar atíça,
Vento gélido do outro lado,
De um império novo e ingente,
De tremor vazio indiferente.

Qual sabedoria advém,
Dessa pantanosa terra,
Que vergonha não tem das mãos sujar
Vem, fortuna estende,
Tuas asas plumagem, atende
À agonia sóbria de quem se cansa
e ao mar se lança.

Meus irmãos sujos, rudes da terra,
Campo, longe de albergaria,
Tens naco de pão, se subiu a sorte ao cimo da serra,
E nada prevalece,
E a miséria permanece,
Mas quanto, simples, invejam
Os quem tudo se escapa e esquece.

E quando o hino soa,
Em jogos novos de gladiadores,
Em lágrimas se elevam beijando, comovidos
A bandeira que desfralda
Novos feitos, sonhadores

Honrando a esperança vós,
Que aos milhares se faz a Voz.

Ah, se odes matassem,
Na miséria todas as fomes,
E sedes de quem iguais
se propagam em mesmos nomes,
Escreveria versos infinitos,
sossegando tantos os aflitos,
Gado caminhante, ao nada,
De destino, errante
E a entardecer,
Teriam sempre pão p'ra comer.

outubro 03, 2005

Teu sou, irreflectido...

Estupidifico-me só,
Vergo olhar no chão,
Esmaga-me tu, mó
Na solidão.

Incompreendido? Sim,
Por mim próprio. Será
Esguiche-me sangue do estro
Já!

No vazio toco,
Sem toque ou desejo
Grito, fico rouco
Sem beijo,

Lábios róseos tristes
Rebento de Primavera,
Diva: existes?
Quem me dera!

Teu pomo de neve,
Deixou-me sentir
Na mão minha esteve
A sorrir.

Beijo ou abraço?
Perguntava eu
"Tudo" respondias
Porque era teu.

Em fusão madura,
Não lúdico jogo
Amor com fartura,
Ninho e... afago.

Quando? Aonde,
Meu nome cravei,
Em ti e por onde,
Tua alma elevei?

Imploro-te, flor
Não me queiras olvido,
Meu eterno Amor,
Teu sou, irreflectido.

Indefinito

Num breve instante fiquei eu absorto,
Sem que olhasse por cima do ombro,
A ver se lá estarias num assombro,
Aparição, visão... jazo quase morto.

Mesmo ao sol sufoco pura agonia,
Estatelo-me no chão no campo, lânguido
Pensando que pensei que era cândido,
Acariciar-te durante um inteiro dia.

Ruiu tudo ao redor... remexo em tudo,
Procuro a sobrevivência nos escombros da alma,
Perdi contigo tudo sem ver vivalma
Ainda respiro o ar, vivo, contudo.

Talvez nascida tenhas num berço eólico,
Embalada na cólera do vento.
Talvez me surjas só no pensamento,
Ouvindo o Deus que ouve, o Deus bucólico.

Deixar-me-ei esconder na névoa espessa,
Dissipar-me-ei noutra existência,

Talvez tenha de ti justa clemência,
E por mim teu rancor com o tempo arrefeça.

Não há músicas novas que queira ouvir,
Nem novos quadros pintados contemplar,
Nem alegrias, tristezas venha eu sentir,
Não há outro alguém que possa amar.

Esta fraqueza minha que em mim persiste,
É fúria, fogo averno que devasta,
Frandosa floresta que em mim resiste,
Das lágrimas que verto e estas não basta.

Enterro-me na areia ao sol dormindo,
Vivendo à noite após a luz que é fusca,
Vida diurna é baça para quem sentindo,
Etérea paz de espírito na vida busca.

Tenho ouvido o hino da mentira...

Tenho ouvido o hino da mentira,
Soar nas ruas, pelos corredores,
Tenho ouvido da vida mil horrores,
Que à pura beleza, beleza lhe retira.
Quem da alma sua já desistira,
Explora o puro ingénuo em mil favores,
Nele vê embaraço e dissabores,
Do que foi, como a si se extorquiria.
Guerra de luzes vejo entre pessoas,
Nas ruas, selvas se fingem de boas
Sem que se vejam num espelho polido;
Se assim não fosse, como tudo seria?
Vejo a soturna noite na luz do dia,
A quietude do mundo adormecido.

Tens na mente fingimento falso...

Tens na mente fingimento falso,
Pelo oscular, não vejo ser verdadeiro,
Roçou no falo mão tua, tua primeiro
Depois a minha... ao teu encalço.
Será obsceno impulso de braseiro,

Dado beijo condena ao cadafalso,
Ou no fogo ardente andar descalço,
Rumo á incerteza, barca sem timoneiro.
Que sintonia louca querer sem poder,
Primeiro, o sofrimento, que nos dana,
Ah, quem destemido ama, não profana,
Alma outra sem dela se esconder.
Pois que vate ou profeta sábio
Verá de nós beijo no lábio?

novembro 04, 2005

Realmente, sou doido...

Realmente, sou doido
Tenham cuidado comigo,
Pois - meu ingénuo descuido,
De sorrir a todos como amigo

Mas como amigo sincero,
Não porque dor eu sustento
Que aparece no desespero,
E se vai como vai o vento.

Sou doido porque estou,
Sempre comigo mal,
Porque amo como amou
Romeu e lhe foi fatal.

Mas desse amor se ouve,
Ainda no mundo ecoar,
Talvez mais tarde estouve
Por no Amor acreditar.

Sou louco porque amo,
Porque sofro sem calcular
Próximo passo, não tramo
A amada, num ultrajar.

E porque uso o respeito,
Porque me é comum igual,
Uma paixão dentro do peito,
Sou louco. Ser-me-á fatal.

novembro 03, 2005

Quem me dera fingir a dor...

Quem me dera fingir a dor,
Que à qual fingir, tanto recuso,
Nem de veneno eu abuso
E de mim escoar o dissabor.

Cada vez mais distante,
Sem que me conforme a isso,
Dos sonhos um, só de um preciso,
Todos falhei num breve instante.

É como num interrogatório,
Negar respostas ao interrogador
Acabou-se todo o repertório
Apertando dentro mais Amor.

Não quero ter amor maior,
Que mártir universal ou santo,
Quero a alma incitar espanto,
Rasgar as páginas escritas de dor.

A dor vicia, a alma adoce,
Deitado desejo levantar-me,
Só a vontade pode açoitar-me,
Nada do que vejo, parece.

Quem me dera ter conversas,
que oiço quando enlanguesço
Quem me dera a elas ter apreço,
Sem repudiá-las, adverso.

Com esta inesperada matança,
Dos desejos todos amorosos,
Tornam-se-fam mais desgostosos
Ter dos sonhos negra herança.

Não me rejo pela norma,
Feita de desconhecida fonte,
De alguém que saiu louco do monte,
E ao vulgo deu sua própria forma.

Por isso custa ser quem sou,
Porque conquistar o próprio ser,
E agora que sou, que irei fazer
Além do pássaro que me escapou?

Que me vejam espiga dourada,
Não me importa já o que sinto,
Se ceifado fosse, do mundo, extinto,
Já não daria eu por nada.

Noto em mim nada escrever,
Nada azul, cómico ou alegre,
Talvez a tristeza me persegue,
Sem eu próprio me aperceber.

E o mundo que gira à volta,
Como giro à volta do mundo,
Nota ter um pesar profundo,
Semblante amargo; da vida, revolta.

Em frente sem que eu arrepie
Deste curso desconcertante,
Enegrece-me mais o semblante
Sem que no destino me fie.

E escrevo assim à luz de velas,
Sentindo um pouco a nobreza,
De quem escreve sem ter certeza,
Sobre coisas realmente belas.

Prefiro açoitar-me na escrita,
Que infectar inteiro seio,
Não tenho o vício desse meio,
De quem sua alma sente aflita,

Na esperança de só ser lido,
Só depois de ser folhas levadas,
Vejo, porém nascer madrugadas,
Sem desejar outro ter sido.

Pelos teus olhos o mar contemplo...

Pelos teus olhos o mar contemplo
Seria, se visto hoje, milagroso
Talvez me julgues ser ocioso
De olhá-los: vê-los, honra-se o tempo.
De marítimo colosso são exemplo,
Azuis marinhos brandos, e doloroso,
Se os desviasse era desgostoso
Pois do azul do mar já não me lembro.
Se verdes fossem seriam montes,
Que só à noite neles estou em sonhos,
Perdoa os meus serem tristonhos.
Talvez alegres já não encontres
Pois sinto só o que não vejo:
No escuro cerrado, a luz não deixo.

Olho pelo vidro fascinante insecto...

Pelo vidro espreito fascinante insecto
Tão pequeno Universo o dele, e grato
Mesmo envolvido neste mundo abstracto,
Que ter aquele lúgubre, frágil aspecto.
Não por ser insecto, mas curto o trajecto,
Num vaivém de enclausurado, farto
Da flor perfume não sorver-lhe o extracto,
E seu olfacto dissipar-lhe, infecto.
Aberto o vidro o ser maior vigia
Não lhe sabe o mesmo clara luz do dia,
E inerte fica em espanto dum novo céu;
Qual ser livre se convence quando preso,
Qual fogo sem ar arde e fica aceso,
Se o cárcere próprio neste mundo é meu

novembro 02, 2005

Agonia de Vénus

Sentiu passar um vento leve no peito,
Mirada pelas estátuas vivas do florentino
Que vida cede em sonhos por quem desfeito
Voz muda, pensando no fero menino.
A Vénus um vento o véu lhe ondulava,
Diáfano desnudando ao corpo chegado
Enlanguescendo, inquieta, nele pensava
No deus pelo destino amaldiçoado.
Nem de Amadeus nela árias penetravam,
Nem Baco licor da cor do mar nocturno,
Nem liras d' anjos a ela encantavam,
Pois ébano manto caiu nela, diurno.
E soltando suspiros dormentes de amor,
A terra estremeceu em gritos de dor.

Quando um rosto vejo e me agrada...

Quando um rosto vejo e me agrada,
Num leve fluído em mim o guardo,
E triste penso que um cruzar é nada,
De olhos, sem que logo se tenha amado
Nem rosto de anjo o era, ou de fada
Tão pouco Musa me tinha inspirado,
Mas, ó escultores, beleza prendada,
Detinha, ficando por ela inflamado.
Altars de amor, templos eu prezo
Que por si a chama o deixa aceso,
Com a paixão ardente velas acendo;

Mas se fosse pecado ela tomar,
Carnudo corpo, no meu, encaixar
Teria... Que pecador, peca só vendo?

novembro 28, 2005

Ode à Musa

Musa, que pranto incitei teu peito,
De rios guardados, chuva de outrora,
Das margens transborda azul, o leito
Que teu poeta por ti também chora.
Versos crepusculares, minha Afrodite,
Que estro meu tua dor nunca incite.

De ver-te o rosto brindado com luar,
Aninhado ao meu, teu corpo lasso,
Incendeias-me a veia crepuscular,
De versos da cor de beijo e abraço;
São minhas tuas veias, sangue meu,
Sem herdar o certo que Zeus nos deu.

Curvo-me perante forte vontade,
Que germina em ti como na flor,
Rebento de Primavera na claridade,
Ainda, antes de florescer de Amor.
Faço vénia a quem vida germina,
Olvido quem mal trama ou congemina.

Quem tudo nos Deu amaldiçoei quando,
Soltei à frente de ti, Deusa poética
Esta ira; não escoo no rio estando,
Na lama corre suja água atlética.
Talvez mágoas terrenas a Neptuno,
Vão dar ao ofício seu olhar soturno.

Lembras-te, Deusa, quando olhos teus,
Cheios de graça de quem sonha,
Inertes, ígneos ficavam com os meus,

Quando feliz, ficavas tão tristonha?
Lembra-te ao meio que eu não esqueço,
Sabendo vil que por vezes pareço.

Dançava à frente fogo alto ardente,
Que diálogos constantes na noite,
Quando ébrios de luz incandescente,
Tornava-se ao fogo dar açoite.
Quem tempo me dera agora ter,
Ser um alado ser para te ver.

Vejo-nos na viagem a Esparta antiga,
Que paz levaram os príncipes troianos,
E de lá trouxeram terra inimiga,
Quebrada aliança com os espartanos.
Porque forja o amor revolta,
A quem a Baco criou fiel escolta?

Porque vaza o licor a alma nossa,
De frases de ti, Musa, eloquentes?
Talvez carpir de ti perdão eu possa
Um dia em que traçado trilho enfrentes.
Como esvoaça ao vento estandarte,
Danças livremente honrando a arte.

Se nas veias corresse escaldante,
Sangue no mármore frio tratado,
Por sábio, talvez levasse avante
Meu sonho seria, Musa, realizado.
Como se encara derrota sofrida,
Que Páris não deu volta à seta ida?

Pois setas desferidas por Páris são,
Frases minhas que tanto anunciam,
Desgraça a ti, tão pobre coração,
Que os olhos , besta sou, extasiam.
Ah vontade da qual eu não primo,
Porque te magoei se tanto te estimo?

Mais forte que a tempestade irosa,
Se forma ao longe na linha distante,
No mar o negro cerra, ó virtuosa:
Quando em ti arde o fogo flamejante,
Que dos meus olhos, besta, não seguro,
E à noite com Baco me desnaturou.

Porque te vejo na rósea alvorada,
Quando dá luz à Terra astro gentil
E alto sobe e a deixa iluminada
No zénite atingido com seu ardil

Porque escorre de ti a doce linfa,
Porque és Musa, és Deusa, és Ninfa.

novembro 28, 2005

Se contigo deténs suprema moral...

Se contigo deténs suprema e vã moral,
Que debaixo fique guardada na almofada,
Quem a exhibe existe com ela trama e mal:
Quem moral sua exhibe, é porque ela é nada.
Se te sentes - BRAVO! - alma iluminada
Dá luz a quem dela, pedante, carece,
Se julgas da virtude seres afortunada,
Em versos, névoa, em olhos...de mim desvanece.
Se da vida alquímica via encontraste,
Em paz vive dela com teus entes contente,
Talvez porque de ti dívidas nunca pagaste,
Talvez nunca foste por cá descontente.
És miserável alma humana quanto eu,
Julgando que já tudo, por cá, aprendeu.

novembro 25, 2005

Soltas quadras

Vivo como gato esquivo,
sobressalto que, miau, nos espanta,
Vivo como alto vivo,
Alto gato que a mim me encanta.

Vivo como alto falcão,
Que a poesia é caça, alimento,
Ou árias que causam no coração,
Amor que do ódio fico isento.

Vivo cá e permaneço,
Sem desejar apenas sobreviver,
Fogoso não vivo arrefeço,
Como sangue que não cessa de escorrer.

E maravilha-me tudo,
O facto de verbos conjugar,
Ah se longa vida, ao estudo,
Podia no mundo me dedicar.

Ser arqueólogo em busca,
Como o do chapéu do Santo Graal,
Que respeito luz ofusca,
Matando o pouco ou nada sentimental.
Quando pelas flores passo,
O vento embala-as como me seguissem,
Ah como é sentido o abraço,
Se dado aos que me ouvissem.

Pois subo a rocha perto,
Do mar azul assaz,
Mergulho em céu aberto,
Que vento forte não traz.

É leve o batimento,
Da plumagem celeste,
Qual arrependimento,
De tanto amor que me deste.

Ah Cleópatra chegaste,
ficaste sem tempo me ver,
Grato porque me deixaste,
todo este tempo a escrever.

Vulcano

Vulcão, não sou. Mas no entanto,
Sinto que o quente em mim borbulha,
Como à madeira se deita fagulha,
Em esmaltado palco de verde espanto.
Contenho lava e ao céu não levanto,
Ira funesta que aos montes entulha,
Caos; mas pelo ponto da agulha,
Está cobrindo de veludo, negro manto.
Vulcão quieto de ver é inefável,
Dormindo sono profundo de criança,
Que o ar a calha espalha agradável;
Mas quando fogo, fumo, pedra lança,

Lava correndo célere é memorável
Só na mente que furta a esperança.

novembro 24, 2005

Olho o branco espaço tempo incerto...

Olho o branco espaço tempo incerto,
Quando da tinta quero só o que vejo,
Olho o sol erguer-se do deserto,
Em sonhos; e versos, em papel, despejo.
Solta-se ferrolho pesado e entro
Na repleta beleza como epicentro.

Quando fixo olhar, nada me ocorre,
Sentado, realmente sonho criança,
Vejo estreita paisagem que percorre
E esqueço o santo ofício que nos cansa.
Eis que aperto surge sem que saiba,
Não há Universo que em mim, não caiba.

E cabe-me engaiolá-la, ave exótica,
Das tropicais florestas nunca vistas,
Sorradeira inspiração na óptica,
Quem nunca viu surgir estrelas imprevistas.
Passam à frente tão doces momentos,
Candentes estrelas rasgam céus, os ventos.

Mas antes do que inspira só o ser,
De abertas asas, engaiolado, não voa,
Que sonha alguém para me desprender,
Cantando, encantado, com quem se entoa.
Quem chilreio doce não se amordaça,
Pois dentro natureza sua, embaraça.

Reparto-me em mil versos sossegado,
Música que trago não podendo
Sem que ouvidos os tenha subjugado
E alçado o canto a ira vou contendo.
Questiono-me tanto no fim dum dia,
Se d' outra forma fosse, adoecia.

Colhe-se o qu' é nosso imenso gosto
Tem a mente cesto que comporta,
E quando cheio, e tanto bem composto
Abre-se gentil a um ente a porta,
Do próprio mundo que do ser advém,
"Entrem e vejam o que nele contém!"

E vejo-o como sendo o próprio mundo,
Da Lua, visto, vê-se azul terrestre,
Contemplando o nosso lar rotundo,
Bela obra divina, cena campestre!
E soa a Sexta de Ludwig soando,
Como majestade no palácio entrando.

Porque não vejo outro lar senão,
Globo rotineiro do que não tem,
Passado nem futuro, tempo. Questão:
Como? Quem? e resposta não vem.
Caminha Homem na Terra sem destino,
E sentimento este é só benigno.

Ó coração de pedra: a ti não basta,
Colher raios de sol na madrugada,
Anseia-se ser cativo em nobre casta,
Nem que se viva a vida anafada.
Como aquela loba que nos enche,
De fúteis desejos que não preenche.

Quantos são, da tábua, mandamentos,
Escritos, contam, com divino fogo,
De visões que se erguem monumentos,
Mares onde com os olhos me afogo.
Porque beleza etérea ao escuro, resiste,
Do germinado Mundo, que à volta, existe.

Por isso guardo os mais ínfimos gestos,
Porque em todos vejo um Universo,
Ó fortes, de banquetes não são restos,
Porque me dão riqueza a meus versos.
São no lodo flores finas, mimosas
Sendo pobres, nobres são ditosas.

Ouvi um conto triste e outro ainda,
Que idoso ainda com o Sol se ergue
Andando declinado até que finda,
Jornada que à Vida ceifa e persegue.
Mas enquanto de ouro esse Sol for,
Calmos, embalemos berço de Amor.

Mas traição morde e a gente atordoa,
Dessa mortal constância imperfeita,
Que, expelido veneno por alma boa,
Torna e aperfeiçoa, nunca perfeita.
É por Deuses oculta cruel verdade,
Transcende ao humano a imortalidade,

novembro 23, 2005

Meu consolo eram versos emblemáticos...

Meu consolo eram versos emblemáticos,
Por mim escritos não eram, e agora
Que os escrevo são versos problemáticos,
Porque a Primavera (que besta!), deitei fora.

Sem ter doce consolo, agora serve,
Poemas por amparo, jogo infantil
Insofrido sangue corre dentro e ferve
Papel inanimado, falando em versos mil.

Encrava-me de início frases pomposas,
Sem que delas precise para expressar,
Guardado ódio inútil das desgostosas,
Frases secas, alheias ao meu pensar.

Assim sofre o papel de branco maculado,
Que se ocultado no declinar dos tempo,
Talvez seja ouvido, sentido e lembrado,
No derradeiro e último mês de Dezembro.

Mas não, ainda não. Que ainda dure,
Bastante para amar o que 'inda não aprendi,
Na ferocidade de amar. Que a luz perfure
E pelo escuro alastre e ilumine o que não vi.

Desejar livre amar é mui' penoso
Porque sinto ser no tempo, passageiro,
Voo que nuvens surgem e desgostoso
Finda como se do voo fosse pioneiro.

Encontro de puras almas é raro feito,
Busca de arqueólogo ao Graal santo,
Porém, nunca alguém será perfeito,
Mas que evolua e crie a si espanto

novembro 22, 2005

A minha Mãe

Teu Requiem, ó Amadeus, não cantes,
Nos Céus honrando a minha Mãe,
Canta uma alegre sonata antes,
Que, alegre, a incite ela também.

Ou então tu, Ludwig, tresloucado
Donde de Shiller Ode experimentaste
E monumento alto edificaste,
Na Nona, teu grito imortalizado.

Mas da pobre Mãe minha consente
Que o padre ruivo com seu violino
Flua como sorriso de menino,
Nosso anjo, Bernardo contente.

Que todos cheguem de Amor cheios,
Consoante a dor atroz no peito,
E todos tenham pelo Pai respeito,
E dele afastem todos os receios.

E a voz piano, ó grego cego poeta
Homero, Ilíadas ou Odisseias,
Agora não cantes. Antes respeita,
Dorido pomo. Chama as sereias,

Que do Egeu filhos tristes têm,
Por terem mães de peito aperto,
Concede-me desejo, poeta desperto,
Por mim; terrenos outros não vêm:

A ela aclama versos que acalmem,
A ânsia, porém, antecipada,
Que a ajude, ampare e fique curada,
Que dores agudas depressa espantem.

novembro 21, 2005

Ode Mortal

Qual fogueira fumegante que arde últimos instantes,
Onde húmida névoa paira e esquiva quando espanta,
De arco, aquele que setas de ouro disfere como antes
O astro pontual; assim, minha voz áspera não canta.
Porque trémulo, exausto corpo fica quando se espera,
Por glória em sonhos vista, onde clara vontade impera.

Se me entristece o rosto na debanda de companheiros,
Que comigo alto urram como se às estrelas aclamassem,
A inspiração divina, onde ardem versos verdadeiros,
Como se em taças decoradas, bebidos versos desejassem.
Mas penoso caminho aquele que escolhe o sentimento,
Que nuvem espessa perfura onde voa o pensamento.

Se encolerizado vento minha alma não governasse
Talvez calma chegasse da Primavera beijo da Terra,
Se atenta alma, fraqueza assaz, meu ser não ignorasse,
Talvez eu conquistasse néscio império que me encerra.
Já quando no Homem o sangue inaugura o nascimento
Já se reserva em frente caminho cheio de tormento.

Mas qual lenho da costa se afasta frágil do rumo,
Sem ter por guia a estrela que a Colombo orientou,
Seu Norte sem ter norte, seu sonho fio de prumo
Foi embalado da esperança que ao Continente o levou.
Quem nasce com mar defronte, insufla em si vontade
Nos interditos mares onde se alcança a Liberdade.

Corre-me no sangue, dos horizontes, pesada herança,
Pelo globo rotundo onde Verdade longe se oculta.
Dorme em sobressalto quem, besta, engole a esperança:
Loba das almas vagas, carpindo da ignorância inculta.
Resisto em desespero, sabendo que um dia tombarei,
Mais um sopro, sacrifício, beijo...depois, sucumbirei.

Archotes são que mentes iluminam, não se afeiçoam,
Ao lúgubre passo da gente que desgosta ou nada sente,
São espasmos do meu peito que nos vales não ecoam,
Que não despertam pedras; sou poeta vil resistente.
Mas eis minhas pegadas na areia que o tempo apaga,
Sou perdido peregrino que o tempo longo o afaga.

Não se escolhe quando se é rebento de Primavera
Que pálidas manhãs se ouve o puro doce chilreio,
Ao abandono me lanço, de leão, por presa espera,

Feroz dentes mostrando quem invade selvagem meio.
Colhe-se fruto maduro depois de caída a chuva,
Vinho em versos escritos se da vinha colhida a uva.

Já pouco tempo me resta que crave na pedra humana,
Não bíblicos mandamentos de temido fogo de Deus,
Que tornou pálido o rosto visto por ousada e insana,
Príncipe do Nada antes, de Tudo servo dos hebreus.
Pois comigo nada leve que enleve o peito, a voz levante
Quero minha alma deixar, perdida como um diamante.

Qual leproso inesperado saído dum vale sombrio
Que a frágil turba espanta e sorrateiro, desaparece,
Entra, é anular desejo ardente com o frio,
Que com verdade o sangue gela, e dela, esmorece.
Ou antes fogo posto na selva que sempre perdura,
Implante gentil valor virtude que sempre, não dura.

Luzidios

Porque dentro quero ter vasto Universo,
Que saciado não fico com escasso alimento,
Amar mais que devia, chega ser quase perverso,
Ter outro e vaguear divino é meu intento.

Porque nos meus versos sem luz ou espanto,
Não têm luz ejaculada que flui próprio de mim?
Terei que me repartir como o Poeta Santo,
Que sem versos não vive levando poema ao fim?

Ó fim de todas as coisas; ó vácuo eterno,
Permite que ao tecto chegue pilha tremenda,
Bem sei incauto ser, quase descer ao Inferno,
Que valor tem viver nada na reprimenda?

Clangor que alto chegue aos montes mornos
Dos ociosos vales onde olhos em frente tenho,
Sem que perto descanse; outros são contornos,
Com próprio cinzel esculpindo meu rosto estranho.

Não deter plumagem que eleve meu pensar,
É da sede, negra fome todo este sofrimento,
Não engolir inteiro quando avisto o vasto mar,
É na vida, vivo, estar do Amor nobre isento.

Que existe para lá do marítimo horizonte,
Longas são as horas onde vozes não escutam,

Que gente se esconde para lá do triste monte,
Suor escorrido tanto quando tanto no dia lutam?

Reparto este repasto por ninguém que fome sinta,
Deste cereal esmagado pela mó humana,
Qual Eolo iroso, qual sábio que desminta,
Toda a verdade inglória duma qualquer mente insana.

Serei luz solitária, própria a envaidecer-me,
Louco que divaga nas ruas estreitas e obscuras?
Avanço! Que ninguém ouse vencer-me,
Oiçam desabafar de loucos das desventuras.

Medíocre sensação que permanece no redor,
Dos olhos sôfregos que pela presa procura,
Por entre espiga dourada, contendo negro ardor,
Ebule-me nas veias ardente, quente fervura.

Colhe a flor que não plantas...

Colhe a flor que não plantas,
Já basta quanto nada faças,
Vazio, tremendo e embaraças,
Desflorando todas as santas.

Dizer nada é pouco e tudo,
É ser imperador de si,
Restauro d' alma na luz mudo,
No escuro cego que nada ouvi.

Que me serve futuro ter,
Errónea ideia, tudo se inverte,
De que me vale não ver,
Quem à volta se perverte?

Age com selvagem instinto,
Do mundo, incauto, que não erra,
Nunca mentem; no entanto sinto,
Que não mais que nada, encerra.

Tem a noção da Morte...

Tem a noção da Morte,
Pecemos nós um dia:
Que quer de mim a Sorte,
Que ambições eu deveria,
Ter? Vivo e é bastante,
Já tanto eu sonharia,

Se primasse pelo instante,
Quanto mais desejaria.

Do vulgo, caso não faças,
Sofre de ti detendo dote
Porque horas cá são escassas
Para te perderes a mote.
Mesmo a água que bebas,
Do dote será de ti forte,
Nada do que recebas,
Pois no fim engoles a Morte.

novembro 18, 2005

A Guerra de Luzes

Enlanguesce o Céu diurno, e eu com ele,
Deixem-me, índios mortos tão ferozes,
Quais setas desferidas d' arcos; na pele
Cravam-se agudas em quem solta mil vozes.
E lembra-me uma só vez,
Constantemente triste,
Vozes dispersas entre bruma cerrada
Nada vem de revés,
Olhar distante em riste,
Deixem carpir meu corpo Tudo ou Nada.

Que a bebedeira amplia fechada mente
Bem sei; licores amargos sabem a verdade,
Assim deambulo sem Norte infantilmente
Sonhando, imberbe, com o voo da Liberdade,
Detenho um sonho ainda
Talvez gigante demais,
Que a flecha em direcção perigo iminente,
Quando darei por finda,
E voltar nunca mais,
Deixando por cá herança da minha mente.

Por meus pés tenho vergado, andando,
O escuro tacteando, corredores sem velas
E enquanto tempo me resta, vou sonhando,
Às portas da mente dormem as sentinelas.
Sem que noção perfeita,
No papel branco que estranha
O arranhar da pele da pena andante,
Broto o que não se ajeita,
Porque não uso da manha,
Longe fico de tudo, longe, distante...

Temo trémulo tanto tudo, e à volta treme,
Qual Lisboa que do mar ira provou,
Vivo afogado numa onda. Qual leme
Se desvie, qual Cristo por cá andou?
Anulo de mim desejos,
Cubram-me de beijos enquanto,
Vivo, duro, não sei; sobrevivo na jornada
Despejos em mim de beijos,
Batismo próprio e canto,
À Musa bela, gentil que me inspira amada.

Ao improviso cesso oiço a chuva copiosa,
Entrando sem querer que entre triunfante,
O tecto efervesce, mar celeste, Lua formosa
De espanto a boca aberta de negro turbante.
E estrépito de súbito oiço,
Cismando vindo delgado,
Que ordeiro me tome, anjo algum terreno,
Chega divino do poiso,
Belo anjo, Grifo Alado,
Vontade impera de quem não é pequeno.

Talvez ousado seja demais, menos... não sei.
Herança ou testemunho no Invisível existe,
Resiste no azul terrestre como verdades ocultei,
Pungia globo azul Bela esfera (ainda resiste)
Chama Guerra de Luzes
À existência tua, miserável,
Sem que luzes escolhas, não ouves chamamento,
Perto da Morte reduces
Vontade tanta, execrável
Bebes sem que sôfrego bebas doce momento.

Nas folhas luz penetra sem mensagens
Voos dispersos de borboletas esvoaçantes,
Que lembram pétalas soltas nas aragens
Dos Reis regresso com luminosos semblantes.
E um que seja entre
A multidão triste e nervosa,
Ao feito frustrado sem perder esperança de ver
E ouvir uma que centre,
Devota alma ditosa
Mendigo que seja tem sua história par' oferecer.

novembro 17, 2005

Tu, Ulisses...

Perdoem-me, meu Pai e minha Mãe,
Vosso Telémaco mal está co' o mundo,
E já diz ter um abismo profundo,
Que ao espelho visto, tem um também.
A harmonia nele é pássaro que vem,
E vai, voando pelos céus, fecundo,
Sem ter em mim seu voo rotundo,
Sem ter intento mal estar com alguém.
Se pudesse, na emenda, ter arte,
Talvez bem estaria em toda a parte,
Voar somente do bando, isolado;
Porque um não escolho, porque assim sou
Sei de mim bocado, a ira levou,
Perdido, vivo como nunca encontrado.

Intro:

Insolente sou quanto baste,
Ruir inteiro mundo, culpa minha
Sem que este mundo me afaste,
Sou um traste, bela vizinha.

Desculpa me servir na hora,
Sem que pedi-la eu devesse,
Porque ser é alma que chora,
Sem que do mal me arrependesse.

Sou insolente, diz, bem sei,
Comigo tantas contas ajusto,
Talvez me pague a vida susto
Como dela muitos me assustei.

Não mora razão em mim,
Porque fraco de ira conter,
Incauto com meu negro fim,
De mim sair... preciso de me ver.

E donde vem esta poesia,
Quem me manda ela escrever,
Poderia só dela eu ler.
Mas não: peno nela ao dia.

Porque arte nela não tenho,
Perde depois a validade,

Quando lida por mim mais tarde,
Mas liberto-a. É caso estranho.

Para que nasci então,
qual no mundo meu lugar?
Nenhum. Terei o que apanhar,
Vago, ouvindo o coração.

novembro 16, 2005

A Guerra das Luzes

Tenho o que me esmaga,
Tenho o que me aperta,
Tenho o que me afaga,
O que a alma me liberta.

Tenho o que me revolta,
Tenho o que me magoa
Tenho o Diabo à solta,
E o grito alto que soa.

Tenho o que me ata,
O que me ardor retira,
Tenho o que me desata,
E tudo o que me inspira.

Tenho o que me obscura,
Tenho o que me empobrece,
Tenho o que me dá ternura,
E a vida que me enriquece.

Tenho o que me desanima,
A boca que me devora,
A música que me anima,
E o sono que me revigora.

Tenho a imprudência
Não tenho engenho ou arte,
Tenho só a insolência,
E a alma por toda a parte.

Tenho a ira contida,
Que em mim dentro revolve,
Tenho a própria Vida,
E a Morte que me envolve

Tenho em mim maldade,
Os pecados todos mortais,

Invocam em mim bondade,
Tenho em mim Amor demais,

Revolto e comprimido,
Como um dique de preso rio,
Tenho bem ou mal vivido,
E um mundo que ninguém o viu.

novembro 13, 2005

Noctívago

Partam a toda a brida, ó versos da minha alma,
Quais negros corcéis correndo num prado aberto,
Mais céleres que ventos; terão de mim a palma,
Se até mim me trouxeram obscuro ser desperto.

Já por entre vales a voz ecoa, montes escarpados,
Onde vozes, outrora, em desespero tanto gritaram,
Nos mesmos definham como tristes rios, secados,
Onde por socorro míseras almas desesperaram.

Alto sobrevoem quente fornalha onde almas penam,
De paixões escassas, trémulos olhos pungentes
Quando pontos de luz com escárnio acre acenam
Borbulha medo dentro de versos serem mais eloquentes.

Será sonho o mar ver...

Será sonho o mar ver,
Capricho meu,
De o ter
Será sonho ver o mar,
Capricho meu,
Nele mergulhar?

Veio de onde,
o mar imenso
Que o sol nele
mergulha exacto,
Dai-me resposta,
ó azul imenso,
Eterno és. Eu não,
Um facto!

Que me entristece,
Porque então,
Bates nas rochas,
E eu não,
Deixa que seja,
O Sol brilhante,
Que eu desapareço,
Num instante.

novembro 11, 2005

Qual vampiro espera que o sol desmaie...

Qual vampiro espera que o sol desmaie,
Das chamas ardentes que no céu deixa
Fazer vou encolhido sem que ensaie,
De exausta mente que assim se fecha.
Um encontro comigo mesmo eu tenho,
De ter; no labirinto de errado ou certo,
Inexistente. Vou pelo mar num lenho,
Frágil sem destino, rumo ao incerto.
Talvez se depare à frente horizonte,
Novo raiar de sol, sopros de vento,
Não quero ter por ora, novo alento,
Talvez bela aurora em mim desponte.

TU ULISSES – BLOG

JUSTOS E PECADORES

Nunca gostaram dos carrancudos.
Gosta-se facilmente dos sorridentes,
Dos condescendentes com tudo e todos,
E recém chegado, tenta-se futilmente,
Integrar-se nessa elite de bons e justos
Que tanto se esforçam para que bem esteja tudo,
Mesmo que isso signifique entregar a Alma a Judas.
Sem pedir perdão inutilmente,
Vou sentar-me antes,
Ao lado dos carrancudos...

MEDO

Ah, seu eu pudesse ser criança sempre...
Ah, seu eu pudesse amar quem eu quisesse...
Porque não posso? E quem ou o quê me impede?

Onde estão as barras que o caminho me barram?
Onde estão os guardas que guardam todas as entradas,
Ou amar quem me aprouver se aceite num seio qualquer?
O medo por amanhã é horrível,
E sentindo-o, mais desprezível se sente.
Mas pretendo arrombar todas as portas,
Nessa mesma Noite do Amanhã

setembro 28, 2005

A realidade é outra que não a minha,

A realidade é outra que não a minha,
Nem no sono os sonhos são azuis; são pesadelos,
Forjados na escrava ignorância,
Em ilusões e mentiras que nos fazem felizes,
De crenças absolutas e confiança em deuses,
Sem desconfiarmos sequer da existência deles.
E assim avanço para a ruína,
Para o fim do mundo
Para a hoste hostil nos campos de Pelennor,
Sem agouros, presságios,
Leituras cartomantes, sentidos horóscopos
Sem ouro, sem nuvens a tapar-me o sol,
Sem piscar meus olhos de louco, assistindo a tudo isto...
Porque não ganham vida
As estátuas de mármore?

setembro 27, 2005

Pesam-me as pálpebras,

Pesam-me as pálpebras,
Colam-se-me aos olhos as inércia à vida, mente
E descem as sobrancelhas até ao queixo,
Deste Tédio triunfante,
Sem tragédias ou comédias,
Nos meio de risos desbotados.
Nem a imaginação quer bater suas asas,
Nem vontade tenho para ter vontade,

Espero, nos minutos rastejando,
Interrompendo os sonhos e caprichos,
Desliza-me o pescoço,
Segurando pesados olhos.
Onde estará,
Esse capataz da minha Alma?

setembro 21, 2005

Extremista?

Extremista?
Sim, confesso,
Que insatisfação nesta linha de água,
Qual mar onde mergulhar ao fundo,
Posso a respiração conter
Até ao último segundo que roça o afogamento,
E repentinamente num momento,
Venho à tona,
Retomando o fôlego,
Batendo as asas, sobrevoando
Sobre todas as linhas de água,
Planícies secas do sentimento.
A Natureza também é extremista:
Porque haveria eu de não o ser?
Ah, amamos só os artistas no palco,
Porque fora dele achamo-los insuportáveis
Execráveis seres sem conformismo ou hesitações de serem...
Mas espantam-nos
Porque se elevam e mergulham
para além das águas do mar.

setembro 14, 2005

Sem mim

Se me dou por inteiro às pessoas,
Fico sem mim.
Agora sei porque não me sinto...

setembro 13, 2005

ÁVIDA

Fere-me,
Tens liberdade para tal,

Esmaga-me como bicho de contas,
Ou finge que sou carreiro de formigas,
E de criança possessa, finge,
Destruindo tudo o que construí,
No passar das Estações.
Mata-me, enfim
Se julgas não merecer o milagre
Sem razão ou moral,
Sem filosofia nenhuma.
Mas se o fizeres, peço-te
Para olhar-me fixamente nos olhos.
E aí saberei,
Que bem A mereci

Ainda não anoiteceu....

Ainda não anoiteceu lá fora,
Mas já vejo a cor purpura, crepuscular dentro de mim.
Se me guiasse consoante o sol,
Meu sorriso soaria em unísono com o dele,
E nesta hora que no horizonte já o meu sol tomba,
Vejo quantas sombras formam,
Fugas constantes de um gado caminhante,
Fúnebre, autómato e vasto...

setembro 12, 2005

O SENTIDO DA VIDA

Por favor, o Tédio não.
Tudo menos sentir-me obsoleto,
Tudo menos desejar que o tempo passe depressa,
Tudo menos deixar que a mente aqui fique
Para sempre presa a este corpo,
Cansado, pesado,
Futuro repasto da terra ou lajedo das flores.
O que quero da vida?
Como posso saber o que quero da vida,
Se já soube o que queria da vida e perdi sempre?
Prefiro ir querendo...

MALDITO GRAAL!

Que me interessa saber o que é o Graal?
Que poema sairá de mim inspirado nele?
Basta saber o que sei e não o que nunca deveria saber.
Talvez seja sentir a Morte (se é que se sente a Morte),
Talvez seja o princípio de Tudo sem ter um,

Talvez seja a compreensão definitiva e definida,
Do coração da Mulher.
Talvez seja o Elixir da Longa Vida,
Ou o futuro revelado do mundo,
Que arde nos Céus, fogo ateado pelo ódio delicado,
E saberíamos tudo isto e muito mais.
Mas viver é não saber nada disto.
E é Tudo.

Excremento

Excremento! Fingi-me outro
E alguém me leu
Excremento, excremento
O que escrevi.
Eu sabia, eu sabia
Manter-me nesse anonimato
Confortável para quem escreve
Sem poetas serem, como eu.
Não sou poeta nem músico,
Não sou nada nem ninguém,
Que desvios tive,
Para ser lido, odiado,
Socado com indiferença
Rasgos de papéis deitados fora.
Sou poeira, sou vento,
Sou onda que desaparece,
Do mar que se gosta,
Onde se banham sem ser lido.
Maldita poesia execrável minha,
Maldita prateleira escondida
Nas livrarias posta num canto
Felicidade frente aos olhos.
Vou continuar a ser nada
E só, tão só, sempre só
A escrever resguardado,
Pela solidão inútil.
E que me leiam,
Só depois... só depois,
Nunca agora porque
Morreu parte de mim
Na miserável forma
De não ser alguém.
Mais tarde erguer-se-á
Um fogueira furiosa
Com meus escritos que amor,
Transbordou de mim, esse excremento
Como as torres erguidas

Aos céus, e num dia
Vieram abaixo em nome
De um deus igual a tantos outros.
P

Eterno

Terei retrato teu na mente,
Quando um passado invocar,
Nosso, curto mas no entanto,
Nunca deixará de ser?
Visões tidas de abraços dados,
Nossos, sem fingimento apertados,
Nos peitos fingidos sempre,
Sempre em encontros, juntos.
Sigo em frente, sempre em frente,
Estendida mão de louco Colombo
Sem soslaio, sem maus olhados,
Ou desmaios num perdão
No verde corre livre. És de ti
Pois presa amor recolho,
Devoto a quem liberto dela.
Fixava meus olhos nos teus,
Frases voavam aos teus ouvidos,
Sem desvios, incertezas medos,
Pois, sujos, em nós se entranham.
Fértil cresceu amor, semente
Plantada no jardim de Vénus,
Sossego de Marte. Mas agora
Segues Deus, eu a estrela.
Lágrimas hoje não vertem,
Dos olhos meus sem perguntar
Se os fogos se extinguem com elas
(Não!) Por querer espantar a Dor,
E desafio-a sem desejar a Morte
Ignorando se ignorado, caminho,
Não vence a turba a razão,
Que não existe razão nenhuma.
Imploro-te: a aurora não turves.
Que contemple e veja, vendo,
Pois vi no passado sem ver,
Cego de olhos abertos.
Distante, sim, mas sentidos todos
Que desta maravilha colhem
Onde vida se nos depara,
E que o Amor tanto revigora.
Sejam tuas frases setas,
Do teu coração, arco, desferidas
Desviar-me delas todas vou,
Seguindo em frente, sempre em frente,

Abençoada, copiosa chuva,
Os nubes torcem a favor meu
Manchas nossas, frescos, desbotam,
No chorar do céu, lágrimas doces.
Ponto minúsculo à noite, eras
E serás luz na eternidade,
Mesmo que dela embata noutro
Poeta, músico: comum mortal,
E não a idade que vence
A criança dormente, triste em nós
Pensando que velhos somos
Sem sentir perto a Morte.
Serei espiga ondulante,
Amarelada, seca mais uma,
Uma no meio de tantas,
Tantas outras espigas com sede.
Oram ao céu das nuvens, gotas
Frescas em tórridos dias
Expostas almas à luz ociosa
Que dá tão pouca ventura.
Ou rizar ao vento as velas
À barca esqueço âncora pesada
No mar triste ficar inerte
A ver se vejo fogo do Santo.
E se sugado águas do mar,
Pelo negrume envolto em raios,
Deixo-me ao naufrágio próprio
De quem a alma sua procura.
Talvez longe verei,
Quantos fundados mundos nossos
Estendemos como impérios,
Mais felizes que imperadores.
E num sol posto, teu rosto vejo
Quando chamas no céu alastram
Ao longe como o fim lá fosse
Lá, o Fim de Todas as Coisas.
Frágeis, tão frágeis; plantas
Por mãos frias arrancadas
Draconianos que o Amor é Ódio
E que a luz é trevas.
Talvez levem os ventos
Poeiras, pragas visitadas
No leito, palco nosso amoroso
E deixe só mornos deleites.
Sem que finde o sentimento
Amar-te-ei até ao último
Sopro de mim, réstia de vento
Que por nós passam.
Nas árvores minhas, em todas
Nosso amor vou esculpir

E lido por estátuas mortas,
Vivas, comover-se-ão.

outubro 26, 2005

Todos sonham ser artistas

Todos sonham ser artistas
Sonhando só a parte intragável,
Seus retratos nas repugnantes revistas,
Intriguistas.
Mas ser artista,
É ser insuportável conviver com os suportáveis,
É amar os que mais o odeiam,
É ser tratado pelos felizes como um leproso,
Não lhes falando, não lhes sorrindo,
Porque são deuses e não pessoas,
Criados por nós próprios,
Como Cristo é adorado como um Deus,
E não pelo homem que foi.
E a arte brota na solidão constante,
Na agonia plena de suportar apenas,
Adorarem os seus filhos, as telas,
Os poemas, as músicas, as graças bobas,
Os fogos cuspidos, as peles queimadas,
O arriscar das vidas, os livros escritos,
As filosofias do Caos saídas
Os concertos dados, os filmes feitos
Porque no palco são felizes,
Vivendo em constante medo
Que esta realidade de madeira,
Lhes desabe e caiam num abismo.

Pensar por nós próprios custa...

Pensar por nós próprios custa,
Mais que dizer, se aos outros fossemos,
Faríamos de outra maneira, seríamos diferentes
Porque no fundo,
Receamos as consequências no porvir,
Porque se pensou sozinho, diferente
Porque se assim não for,
Não se é gente.
E ser gente não é mais,
Do que pensar como andar pelo passeio

Empregar o romantismo...

Empregar o romantismo,
Ser ardente nas frias frases,
Fazer birra quando me puxam o braço,
Arrastando-me para a cavada cova,
Própria de quem copos esvazia,
Própria de quem o fraco julga,
Por ser mais fraco que o próprio
Que desperdício,
Que tempo tão mal empregue!
Pensava ser o bebedor maior,
Pensava ser o Grã mordaz,
Pensava que eram os meus versos dentes,
Nos braços virtuosos semelhantes,
Ao tilintar de Judas pela própria alma,
Na praça, ao arrastar da guilhotina ao pensamento,
Mas afinal,
Sou ninguém, felizmente

outubro 24, 2005

Nu por completo na escuridão...

Foste embora e deixaste-me,
Nu por completo na escuridão,
Sem saber para onde foste,
Sem saber com quem foste,
Sem sabe porque foste.
Se for isto o que mereço,
Que seja isto o que mereço,
E agora grito sem poder gritar,
Não choro nem lágrimas tenho,
Não falo porque não te tenho,
Sinto-me estranho, estranho, estranho...
Que foi que fiz,
Que foi que disse,
Porque nada disseste,
Para que partiste,
Ao abismo, nunca
Mesmo que me espere,
Mesmo quem vive,
E a Morte quer.

outubro 21, 2005

Dos sonhos tidos, tantos...

Dos sonhos tidos, tantos
Migratórias aves voaram,
Dos ramos destes versos,
Que exactos, firmes não são.
Porém passeio no passeio,
Onde deusas novas passam,
Que até se curvam deuses,
E das flores que colhi, oferece,
Aqueles que mais vistosas,
Chamaram pelo meu nome,
que costume não é,
É antes na mão rubi.
Mas amo Rembrandt, a esperança,
Baudelaire e quem louco é,
Amador do vivo espanto,
O deslumbre inesperado,
Sem que só isto aceite,
Sem que sedento só peça,
Taça ao meio enchida,
Cheia, de vida cheia!
Talvez sirva servindo,
Talvez preste, prestando,
A quem se prostra ao abismo,
Ao lirismo se prostrando.
Não deixa o mar de embater,
As mesmas rochas de várias forças,
E voam corças, garças e corvos,
Que são estorvos como eu.

Copiosa chuva, benção...

Copiosa chuva, benção,
Da secura em mim; farto,
Dentro do meu quarto, fede,
Paira um fumo espesso; avanço
Como Sol na manhã morna,
Espanta a névoa baça; e escassa,
Luz de velas nobre; estrelas,
Abobadado céu violeta,
Tenho em mim e não em cima,
Deleite de astrólogos,
Fascínio de poetas; Onde
Montanhas e montes me esperam,
Quais rios que me ouvirão,
E eu deles atento?
Peco porque não peço,
Estorvo porque não estorvo,

O ócio, o tédio, o vago,
O ténue, a réstia de mim.

Verdes campos extensos...

Verdes campos extensos
Densos, densos tantos,
E no entanto aqui retido,
tido como forte carvalho,
E verdes campos não vislumbro,
Num olhar distante o horizonte,
que bem defronte num simples,
Traço esboço de infância,
Inércia invade,
Haverá de ser senhora,
Dominando o meu domínio,
Escrutínio da minha alma.
Mas calma, calma,
Fim no acto primeiro,
Fechar de cortinas negras,
Meter ânsia na plateia,
Porque segundo não esmorece,
Prece por ultrapassar,
O gozo do primeiro,
Num final majestoso.

outubro 20, 2005

Deixo a mente deslizar...

Deixo a mente deslizar,
como trenó na neve branca,
Báratro desconhecendo,
quando vou parar.
E a qualquer altura,
sufoco num instante,
Aflito, tento,
Por termo ao deslizar,
Mas não consigo
Que o trenó pare.

Se soubessem...

Se soubessem,
Que agora penso,
No que estão eles a pensar,
Enlouqueceriam

Sou louco porque sei,
que também eles,
enlouquecem,
e se enlouqueço,
Não pareço,
Que estou bem,
quando nada,
Parece querer que bem fique
Portanto, penso neles,
Se têm igual,
Ao meu pensar

Em pensamento me deixei...

Não tenho na mente paz,
E trás! dói-me a mente,
E na mente que tenho,
Obtenho do que sou,
E alguém levou o apreço,
Que esqueço num dia tido,
Sem riso ou embaraço,
Dei um passo ao precipício,
Suplício do ser que sou,
Voou o que amei,
E flutuei com o vento,
Em pensamento me deixei

...mar de desejos.

Sou a sombra,
Diurna caminhante,
Segue-me o meu sol do meu ser.
E no chão,
Está o que sou,
Na multidão diluído.
Não aspiro a nada,
Não tenho ambições,
Mas sobem as águas,
Deste mar de desejos.

outubro 19, 2005

Nenúfares

Rodeado de flores, de árvores com o sol a embater-me,
Sentado no campo, na praia, no cimo de um castelo,
Sentando escarpada rocha ouvindo o queixume do mar,

Com os olhos seguindo os rasos voos das gaivotas,
Ou aquelas que perto, das nuvens,
Grasnam tão altas que se extinguem suas vozes no Céu
E eu, apenas olhando,
Apenas do sustento vivendo,
Vivo sem esta realidade...

No fim de todas as coisas, julgar-me-ei...

No fim de todas as coisas, julgar-me-ei
Que tudo por mim vivido foi em vão.
Depositarei comigo todas as ideias, filosofias
Todas os sonhos sonhados, todas as músicas decoradas,
Todos os erros cometidos, longe da perfeição,
Pois sinto-me o Ser Mais Que Imperfeito,
O mais vil, o mais patético,
O mais desprezível dos seres que caminharam na Terra
Por escrever hoje, em verso ou não,
o que amanhã já não se aplica.
Ah, imortais, quão minúsculo eu sou,
Tão pequeno, descartável, despojo deitado ao mar
Tão longe de sentar-me ao vosso lado,
Faltando os degraus todos da escadaria
Que vos levou ao Céu
Será que tinha validade os vossos versos,
Que lidos num dia e amados,
Seriam no amanhã odiados?
Será que para trás olharam,
e viram o quanto nada foi feito,
Nada de épico, idílico,
Como não faço e que por outros foi feito?
Recolho-me para debaixo da própria pedra donde vim...

outubro 18, 2005

Ah, se pudesse não dormia...

Ah, se pudesse não dormia
Nem me alimentava sequer,
Gastava este curto tempo que me resta,
Debruçado no beiral do mundo,
Como faço à noite quando me deito,
Falando só para a Lua, quando bela me visita,
vestida de violeta salpicada das suas estrelas,
Amparando quem somente se ampara.
Se pudesse não dormir, não dormia
Se pudesse só sentir, só sentia
E amar quem desejasse livremente quem quisesse,

Ficar exausto, faustoso,
E no final dormir eternamente...

outubro 11, 2005

No pátio deste cárcere onde me sento,

No pátio deste cárcere onde me sento,
No banco de jardim de torres altas,
Na sala rodeada por vidros,
Nu completamente distante do mundo,
Fico com um naco de céu.

Fico com um naco de céu
Olhando aflitos pombos que à frente voam.
Qual mente ampla vê com amplitude,
Desejando ver o céu inteiro
O horizonte, o Sol, a procissão das nuvens,
Se a maior parte do tempo,
Preso estou?

Ah, quem tem razão...

Que lado tomo?
A que fracção pertenço?
Decididamente,
não tomo lado nenhum,
Pois quem toma algum lado,
É porque qualquer razão defende,
E eu não defendo razão nenhuma.

Ah, quem tem razão...
Quem tem razão, que a tenha,
Mas fiquem a sós com ela
Qual homem que a mulher ama
Sem mim...

outubro 08, 2005

Pensei terem-me roubado a mente...

Pensei terem-me roubado a mente
No íngreme desgaste de, no direito
Ter ao lar o meu retorno
De amar quem espera numa ansiedade.

Nada iluminado plantei nas horas de amar,
Neste demônio em mim repousa como um dragão,
Vontade a enrubescer, ansiosa de explodir,
De exalar nas trevas a ofuscante luz que ninguém,
Furta enquanto eu mente tiver.
Talvez lobotomia necessária me façam para que me cale,
Sou perigo inconveniente, sou cobra que pelas pernas roça,
Nas falsas aristocratas de Picasso, rostos
Nos gestos, cálculos geométricos de desenhos,
No andar pausado
No pensar nenhum,
Nu exalar fluído de não ser.

outubro 04, 2005

Que a inspiração me rasgue...

Que a inspiração me rasgue os céus todos,
Incendeie vastas montanhas do parecer sem ser,
Que nos quentes dias refresque e o tédio que esmaga, mate
Que todas as Mortes espante,
Todos os abutres de almas perdidas.
Que chegue mais alto,
Bebendo das fontes, Musas
Que pouco trajem vestidas,
Véus diáfanos, nadando,
Neste Lago de Lágrimas,
Onde ocioso desse Verão seco,
E demoroso seja de asas alado,
E oiça a voz das pedras, rios e regatos,
sorridentes passando calmos e serenos,
Sem a pressa da selva que urra, que brama, que pragueja,
Ah, que a inspiração me valha,
Para abafar vozes horrendas,
E cegar com a luz ofuscante,
Da nobre e singela gente

outubro 03, 2005

Porque penso ir a algum lado...

Porque penso ir a algum lado pelas ruas,
Cheias de versos mendicantes, dispersos por Ninguém escritos?
Não tenho Alguém que os ame ou odeie,
Não são fluídos; são sentidos dum vil estro.
Fico com bovino olhar, distante
Olhando, olhando e nada vislumbrando.

Caminho para o nada em linha recta,
E que me esbarre na Morte.
Mesmo poético, vejo quanto preso me sinto,
Peso na frente de estulto que assiste passar a vida,
Que as histórias românticas ouve e desconfia,
Serem realmente de simples gostar,
Pois amar Alguém não dura,
Mesmo durando eternamente,
E sim, o gostar, sim,
De Alguém que amante de nós seja.

Ó Eu sem destino, ó Eu que está preso,
Barco que atraca seguro no seu porto incerto
Ó Eu que hoje deseja partir:
Onde está aquele meu épico sentir,
Sem desprezar ponto de nervo que fosse,
Que me odiava, ou me acusava,
Que andava na algibeira com preciosa culpa?
Não escrevo: arrasto-me,
Neste sentir-me igual, diferente que era, resto do que sou,
Sem me expressar ou me fragmentar,
Em versos ou risos ou músicas ou partículas de luz
Que fossem a última obra assinada com meu nome,
Desconhecido, apelido ignorado,
Nasci para ser escondido e ignorado...

Escondido e ignorado?
Ser que caminha e ninguém rasga um olhar?
Sou feliz!
Vou ser um génio!

ECLIPSE

O sol eclipsou-se e eu com ele,
Mesmo antes desse abraço entre irmãos astros.
Eclipsei-me desde que partiste,
Minha Musa adorada...meu Sol...
meu amor...minha Lua.

E só fiquei no vácuo onde a vida é nada,
Num ermo sem intenso sentimento;
Lacrei a boca onde 'inda contive,
Todas as insolências de criança
Quando se a impede de correr,
Sobre a relva, livre, ao sol e ao vento.

Dizem que cega contemplar o eclipse,
E é verdade pois vi-te partir...

